



24 Cartas

de João Guimarães Rosa a
Antonio Azeredo da Silveira



24 Cartas
de João Guimarães Rosa (JGR)
a Antonio Azeredo da Silveira (AAS)

Prefácio

As cartas de JGR a AAS são muito pessoais, escritas no calor do momento, algumas se seguem em prazo curto, outras são esporádicas. Merecem ser publicadas? Creio que sim, pois nelas JGR oferece a seu amigo, e nesta publicação também ao leitor, seu olhar sobre a existência, a literatura e a carreira diplomática. Cada carta é um instante de reencontro com uma pessoa excepcional, profundamente humana e generosa, para quem uma autêntica amizade tem valor singular.

As cartas começam às vésperas da primeira edição do SAGARANA e terminam poucos meses antes do falecimento de JGR que, como se sabe, foi precedido dias antes pela sua posse na Academia Brasileira de Letras. As doze primeiras cartas são datadas de outubro de 1945 a fevereiro de 1951. Durante os três anos seguintes, de 1951 até 1954, ambos JGR e AAS se encontravam no Rio, servindo no Itamaraty. Seguem cinco cartas, de outubro de 1954 a maio de 1958. De meados de 1958 a 1961, JGR e AAS estão novamente no Rio, no Itamaraty. Duas cartas são de 1962 e uma carta é de 1963, “carta” esta que, na realidade, é um memorando interno do Itamaraty, pois mais uma vez JGR e AAS estavam no Rio. A última carta é de julho de 1967.

O ideal teria sido ter também todas as cartas de AAS a JGR, mas apenas cinco cópias foram encontradas na pasta em que AAS guardou preciosamente as cartas de JGR. Com essas cópias há um rascunho, à mão, de carta inacabada. Esses seis documentos estão igualmente incluídos nesta publicação.

Todas as cartas foram editadas conforme foram escritas e estão reproduzidas por fac-símiles na seção final desta publicação. Acompanham, também, os fac-símiles de bilhetinhos “extraordinários” de JGR.

Flavio Azeredo da Silveira

Índice

Prefácio	3
Índice.....	5
Carta 1 — Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1945.....	6
Carta 2 — Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1945.....	9
Carta 3 — Rio de Janeiro, 4 de março de 1946.....	11
Carta de AAS, datada de 21 de março de 1946.	13
Carta de AAS, datada de 17 de junho de 1946.	15
Carta 4 — Paris, 24 de setembro de 1946.....	17
Carta 5 — Rio de Janeiro, passagem de ano 1946 – 1947.	20
Carta 6 — Rio de Janeiro, 27 de março de 1947.....	21
Carta 7 — Rio de Janeiro, março de 1947.	23
Carta 8 — Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1947.....	25
Carta 9 — Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1947.....	27
Carta 10 — Rio de Janeiro, 26 de maio de 1948.	28
Carta 11 — Paris, 29 de maio de 1950.	30
Carta 12 — Paris, 17 de fevereiro de 1951.	32
Carta 13 — Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1954.....	33
Carta 14 — Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1955.....	36
Carta 15 — Rio, 9 de fevereiro de 1956.	38
Carta 16 — Rio de Janeiro, 9 de maio de 1956.	40
Carta 17 — Rio de Janeiro, 19 de maio de 1956.....	42
Carta 18 — Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1956.....	44
Carta de AAS — rascunho — setembro de 1957.	46
Carta 19 — Rio de Janeiro, 17 de maio de 1958.....	47
Carta 20 — Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1962.....	48
Carta de AAS, datada de 16 de novembro de 1962.....	50
Carta 21 — Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1962.	52
Carta de AAS, datada de 23 de abril de 1963.....	54
Carta 22 — Rio de Janeiro, 2 de maio de 1963.	55
Carta 23 — Memorando interno de 21 de agosto de 1963.	56
Carta de AAS, datada de 6 de dezembro de 1966.	58
Carta 24 — Rio de Janeiro, 29 de julho de 1967.....	60

Carta 1

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1945.

JGR retornou há pouco tempo de Bogotá, onde esteve dois anos em posto como 2º secretário na Embaixada do Brasil. AAS está em Havana, Cuba, seu primeiro posto no exterior, como 3º secretário na Embaixada do Brasil. JGR tem 37 anos e AAS tem 28 anos...

Nesta primeira carta JGR fala de como se sente relativamente ao Itamaraty, troca idéias sobre a literatura, focalizando em Monteiro Lobato, conta suas impressões às vésperas da primeira edição do SAGARANA, e em poucas palavras descreve seu programa ideal de vida.

A carta menciona várias pessoas da família de AAS; por ordem de aparecimento:

- **Lina Margarida**, segunda filha de AAS, que acaba de nascer, e a quem JGR dá o apelido “Linny”.
- **May** (May Paranhos Azeredo da Silveira), esposa de AAS.
- **D. Dinah** (Dinah Caldas Paranhos), mãe de May, em visita em Havana.
- **Léa Maria**, primeira filha de AAS, a quem JGR dá o apelido “Pingo-de-Luz”.
- **D. Léa Maria** (Léa Maria Azeredo da Silveira), mãe de AAS.
- **Dr. Flávio** (Flávio Amaro da Silveira), pai de AAS.
- **Bernardette** (Bernardina Léa Maria da Silveira Pinheiro), irmã de AAS. Outro apelido, mais frequente: “Bebê”.
- **Caio** (Caio Cesar Pinheiro), marido de Bernardette, jornalista, redator da Tribuna de Imprensa. Fundou a Editora Universal, e fez a primeira edição do SAGARANA, com grande sucesso.

JGR menciona também sua esposa Aracy (Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa), e o Embaixador do Brasil em Havana naquele momento, Carlos Alves de Souza Filho (“Souza”).

Falando das pessoas que já leram o SAGARANA “na sua forma primitiva”, JGR menciona Prudente de Moraes Neto, jornalista, dirigiu o Diário Carioca; Marques Rebelo, jornalista e escritor (Marques Rebelo é o pseudônimo literário de Eddy Dias da Cruz); Rodrigo Melo Franco de Andrade, advogado, jornalista, escritor, chefou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Graciliano Ramos, imenso escritor do século XX; e Agripino Grieco, crítico literário e ensaísta.

Entre os que leram “alguns contos, depois de repolidos”, além de AAS, Bernardette e Caio, JGR menciona o diplomata Melillo Moreira de Melo (“Melillo”).

Rio de Janeiro, 27-X-45.

Meu caro Silveira,

Quando a sua carta chegou, havia dez dias, pelo menos, que eu estava “pretendendo” escrever a Você. Por causa da Lina Margarida. Agora (coragem, amigos!) creio que a carta ficará

pronta. Coisa terrível e séria é a gente ter de escrever a um amigo. Só há um jeito : dizer tudo de um jacto. Sem reler, sem rever. Começemos.

À May, a D. Dinah, a Você, à “Pingo-de-Luz”, à própriazinha Linny, as nossas festivas exclamações e aclamações, de Aracy e minhas. Convocamos todas as fadas, conjuramos os bons fados, para junto do berço. E eu gostaria de estar em plena forma, para compor um digno poema celebrativo, em rimas raras, claras, e em ritmos de lullaby¹. Enfim : sinceras palavras, votos sinceros, sinceros abraços...

PNEUS² – !=,....+.... : Todos os esforços, todos os recursos, estão sendo empregados, a ver se os embarcamos no vapor Rio Lujan, a 12 de novembro³. A história é comprida, e não quero perder linhas e teclas para explicar o que até agora tem havido e não-havido, e porque foi que ainda não conseguimos pôr os tais a um bordo qualquer. Mesmo antes de saber do que Você explica, a demora já me afligia bastante. Com o Nelson, já havíamos estudado até a remessa via Nova-Orleans, ou por avião, soluções que abandonamos : a 1ª., por medo de extravio ; a 2ª, por medo aos preços.

Hoje, estou escrevendo também ao Souza. Receio, apenas, não poder fazer uma carta suficientemente informativa, como êle gostaria de receber. Você me compreende : o Itamaraty é um mar e o Guimarães Rosa um caranguejo. De costas para o largo, busco as locas mais escuras e fundas, debaixo das pedras. Para um crustáceo da minha ordem, uma onda equivale a trilhões de outras ondas, tôdas se resumindo numa barulhada sem maior graça. O que é importante, o que tem pêso molecular e significado metafísico, são as saudades, de Você e do Souza, das quais ainda não me libertei (libertação no sentido de reajustamento, não de desvencilhamento). E, voltando ao mar : o Souza seria um albatroz. Não é?

Alegre-me saber que você apreciou a “Barca de Gleyre”⁴. Mas o que mais me agrada, nela, são as anotações da técnica literária e as experiências, insistidas, apuradas, nos domínios da composição artística – a gênese dos contos do “Urupês”⁵. Quanto à linguagem desabusada e à vontade do Lobato, considero-a – juntamente com uma acentuada vulgaridade e falta de bom-gosto, o prazer de “épater”, de embasbacar o indígena, a rasice pseudo-filosófica e a carência absoluta de poesia – um dos seus maiores defeitos, que sujam o brilho da sua obra. Não vá malentender-me. Sou sincero lobatiano : adoro a “massa” do seu estilo, o pitoresco, a velocidade, o despreconceito, a força, a ponta. Tenho o direito de não gostar, porém, dos arrôtos dêle, e de outros rumores de seu aparelho disgestivo. Há muita exibição, em tudo aquilo. E, depois, nada me desgosta mais do que a tal “franqueza rude”, ou rudeza franca. O sorriso ameno é gesto dos deuses. Quanto à palavra “humano”, leio-a como sinônimo de mau rascunho, e só tem para mim, sentido essencialmente, originalmente, pejorativo. Mas a “Barca” é mesmo boa, não é? (Post-Scriptum : Está pingando o aumento do quadro, com muitas (creio que 35) vagas de K.)⁶

Estou entusiasmado com D. Léa Maria, com o Dr. Flavio, com Bernardette. E, já há tempos, com o Caio. Ficamos amigos. “SAGARANA” (Saga = saga ; rana = que parece... (tupí), ... like (inglês)) vai sair, breve. Estamos à espera das primeiras provas. Tenho alguma confiança no livro, pois já agora êle tem 4 fans sinceros, de 1ª linha, os quais só leram na sua forma primitiva, muito imperfeita : Prudente de Moraes Neto, Marques Rebello, Rodrigo M.F. de Andrade e Graciliano

1 Canção de ninar.

2 “Pneus” é usado por analogia ao sistema de rápida transmissão de cartas ou telegramas por tubos pneumáticos em que se faz o vácuo ou se comprime o ar, usado sobretudo em Paris de 1867 a 1984.

3 É possível que a frase “a ver se os embarcamos no vapor Rio Lujan”, e todo esse parágrafo, se refira à mudança de seus pertences de Bogotá ao Rio de Janeiro.

4 Barca de Gleyre, correspondência de Monteiro Lobato com Godofredo Rangel, publicado em 1944.

5 Urupês, Monteiro Lobato, publicado em 1943.

6 O “aumento do quadro” faz referência ao “quadro de acesso”, lista de candidatos a promoção na carreira diplomática. A classe K de diplomata corresponde à classe de 2º secretário. (Vê-se, por exemplo, a seguinte classificação, para determinar a ajuda de custo, no Decreto Nº 18, 147, de 30 de agosto de 1945, assinado por Getúlio Vargas: N – Ministro Plenipotenciário, M – Ministro Plenipotenciário, Ministro Conselheiro e Cônsul Geral, L – Primeiro Secretário e Cônsul, K – Segundo Secretário, Cônsul e Cônsul Adjunto, J – Vice-Cônsul).

Ramos⁷. O Agripino Grieco pretende dedicar-lhe um rodapé inteiro. Que tal? Dos que leram alguns contos, depois de repolidos, no estado atual, menciono : Você, Bernardette, minha Sogra e o Melillo – censores severíssimos –, e o Caio, severíssimo, por interesse profissional direto, até. Isso me tranquiliza. Já penso em escrever um romance ; já estou engenhando-o, cranialmente. Depois, muita coisa : contos, novelas, o diabo. No começo, ainda é duro. Como uma Potência média, que começa a construir uma esquadra. Mas, logo que consiga lançar um ou dois dreadnoughts⁸, poderei, penso, repousar na minha essência, encaranguejar-me ainda mais. Viver sem pressa, um pouco “intemporalmente”. Se preciso e se possível, trocarei então o Itamaraty por um emprêgo de fiscal de imposto do consumo, ou coisa parecida. Nada melhor do que uma casa nos subúrbios, e um emprêgo rotineiro, deslustrado, obtuso, sem agitações, sem remoções, sem viagens. Relêia, no Evangelho, o caso de Marta e Maria. É assim. Ando com fome de coisas sólidas e com ânsia de viver só o essencial. Leia o “Time must have a stop”, de Huxley⁹. Pessoalmente, penso que chega um momento na vida da gente, em que o único dever é lutar ferozmente por introduzir, no tempo de cada dia, o máximo de “eternidade”.

Bem, meu caro Antonio, depressa : um grande abraço, grande.

G Rosa

7 Em 1937 JGR concorreu, sob o pseudônimo “Viator”, com um volume intitulado “Contos”, ao Prêmio Humberto de Campos, instituído pela Livraria José Olympio Editora. A comissão julgadora era constituída por Marques Rebelo, Graciliano Ramos, Prudente de Moraes Neto e Peregrino Junior. Graciliano Ramos escreveu uma crônica do evento, “Conversa de bastidores”, publicada no livro “Em memória de João Guimarães Rosa”, Livraria José Olympio Editora, 1968. O SAGARANA é a versão revista dos “Contos”. É provável que o fato de que os “4 fans... só o leram na sua forma primitiva” seja uma referência ao acontecido anos antes.

8 “Couraçados”

9 Aldous Huxley. Publicado em 1944, *Time must have a stop* é um romance de cunho místico.

Carta 2

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1945.

JGR está no Rio, acaba de ser promovido a 1º secretário enquanto fazia uma viagem pelo interior de Minas Gerais. A carta dá um sucinto, porém delicioso, relato do seu périplo. De volta, JGR tece novamente considerações sobre o Itamaraty, e descreve sua angústia, esperando a saída do SAGARANA (“Como a espera de um filho!”).

AAS continua em Havana. Na margem esquerda da carta, vê-se a nota à mão “Resp. 27/1/46”, certamente a data da resposta de AAS, de que não há cópia.

Rio de Janeiro, 20-XII-45.

Meu caro Silveirinha,

Ainda não recebi os parabéns¹⁰ que Você vai me mandar, mas já vou agradecendo : pressa de entrar em efusões, e medo de futura inércia epistolar, inibitória. Mas é isso, meu caro, abrace-me. Fui, mesmo. E como gostaria que fôsse : maciamente, harmoniosamente, como um filosófico acontecimento. Veja só : no dia 3 (depois das eleições¹¹, claro), entrei em férias e parti para Minas. Viagem programada e executada à risca, de trem, de ônibus, de automóvel, e a cavalo, a cavalo principalmente, com sol e com chuva. Queria rever a mãezinha terra, para preparar-me para outro livro, que já começo a precisar de escrever. Fui a Paraopeba, à fazenda das Pindaíbas, à fazenda das três Barras, à gruta do Maquiné, a Codisburgo. Num dia, quando andava seis léguas a cavalo, para ir espiar o Paraopeba¹², soberbo, amarelo, engrossado e cantante – decretava-se, no Rio, a minha promoção, por merecimento, como o n. 1 da lista. No dia seguinte, depois de namorar a Lagôa Dourada e a Lagôa Clara, costeei o Brejão do Funil – imenso pântano de 20 alqueires, cheio de juncos, de jaburís e de garças, e orlado de hieráticos buritís, belíssimos. Olhei coisas maravilhosas, voltei contente como um garimpeiro que tivesse enchido a sacola. Foi assim. Pensei no Souza¹³, pensei no D.A. Tudo vai bem.

Agora, maior teria sido a minha alegria, se Você tivesse podido também dar o pulo¹⁴. Sussurei meetings, nesse sentido. Os astros não estavam maduros, porém. Foi pena!

O Itamaraty, atualmente, referve como um formigueiro em véspera de dar enxame. Calcule Você, quanta gente a querer pôsto! Encolhido, me mantenho no sem-pressa ; só procuro defender para mim o Consulado em Gothemburgo¹⁵, que é o dos meus sonhos. Gente nórdica, pouco incomodativa ; ponto fora da rota dos brasileiros viajores, limpeza e sossêgo...

¹⁰ Pela promoção a 1º secretário.

¹¹ Eleição presidencial de 2 de dezembro de 1945 em que o General Eurico Gaspar Dutra, candidato do Partido Social Democrático, foi vencedor.

¹² O rio Paraopeba.

¹³ O “Souza” nesta carta deve ser o diplomata Ives de Souza, que estava chefiando naquele momento o Departamento de Administração do Itamaraty (DA).

¹⁴ O “pulo” teria sido a promoção de AAS a 2º secretário. Aconteceu no ano seguinte.

¹⁵ “Göteborg”, segunda mais importante cidade da Suécia depois da capital, Estocolmo.

Ao voltar da viagem, dava-me o Caio¹⁶ as segundas provas do “Sagarana”, as quais revi, furibundamente. Tenho esperança de que êle ficará um livro gostoso, pelo menos não demasiado cacête. E espero poder vê-lo pronto em fins de janeiro ou em fevereiro. Terá 346 páginas, de 38 linhas cada uma, e espaço economicamente aproveitado¹⁷. E faz-me ficar mais nervoso do que estaria o Eisenhower dias antes da “invasão”. Que coisa! Como a espera de um filho!

E Você ? E Vocês ? E Pingo-de Luz ? E Havana ? E a vida na Embaixada ? E o nosso Embaixador, que não respondeu à minha carta ? (Hoje estou enviando a êle uma outra). E os pneumáticos¹⁸ ? E o resto das coisas e dos acontecimentos ?

A poucos dias de hoje, branco, emergente, o Natal cintila. É a hora dos bons votos, dos sincéros abraços. Para Você, para May, para Pingo-de-Luz, para Lina-Margarida¹⁹, desejo uma vida bonita, cheia de natais felizes! E Aracy se associa a mim, nêsse querer.

Bem, meu caro, êste resto de página me parece um areal, que não aguento transpor. Paro e me desarreio. Fico.

Com um abraço, imenso,

do seu

Guimarães Rosa.

16 Veja a Carta 1.

17 Veja o rodapé 7 na Carta 1 : os “Contos” do “Viator” somavam quase quinhentas páginas.

18 Analogia ao sistema de rápida transmissão de cartas ou telegramas por tubos pneumáticos. Veja o rodapé 2 da Carta 1.

19 Veja a carta 1.

Carta 3

Rio de Janeiro, 4 de março de 1946.

JGR está no Rio, ocupando o cargo de Chefe-de-gabinete do Ministro das Relações Exteriores, João Neves da Fontoura. A carta aborda tres assuntos: a obra do autor britânico Rudyard Kipling, a possível promoção de AAS, que continua em Havana, e o “nascimento”, já um pouco atrasado, do SAGARANA.

Rio, 4/III/946.

Silveirinha, Antonio,

Perdi a sua última carta, logo ela, que foi uma das que mais alegraram, pelo tom e pelo teor. Não faz mal. Primeiro, vou agradecer a caixa de charutos. Ótimo. Vou fumá-los ao lêr o SAGARANA quando o livro estiver pronto. Outra coisa : Você falou em Kipling. Não falou ? Pois bem, para começar, V. deverá ler (e é obrigação conhecer êstes contos) : “The Man who would be King”, “The Mark of the Beast”, “The City of the Dreams”, “The Disturber of the Traffic”, “The finest story in the world”, “The Miracle of Purun Baghat”, “A matter of fact”, “Love o’women”, “They”, etc., etc. E, não esquecer, o livro “The jungle Book”, mais o “Second Jungle Book”. E o “Kim”. Depois, Você há de ler tudo o mais, em prosa e verso. Não os tenho à mão, e a remessa é demorada ; por isso é que V. terá de procurá-los aí.

Agora, quanto ao seu caso pessoal. Fico contente em saber que V. está satisfeito aí, compensando, com a presença do nosso querido Souza²⁰, o terrível verão de Havana. No mais, Você sabe que nossa amizade é coisa grande demais para permitir qualquer omissão minha, em havendo qualquer oportunidade em favor de Você. Por exemplo : que coisa ótima seria a gente ver V. 2º Secretário, hein? Naturalmente, e principalmente agora, Chefe de Gabinete é ponto de fraco prestígio eficiente, mas serve pelo menos para se ajudar a fazer onda. Além disso, V. deve escrever-me, sempre. Como V. tem mais tempo livre, vá escrevendo. Sem marcar as respostas : enviarei telepatogramas, astralogramas, e outras mensagens subteis no gênero. E, de vez em quando, folga havendo, notícias mais concretas. Vale ?

O nosso livro sofreu um pequeno atraso, mas conto vê-lo nascido em dias de março. Por falar em nascimento, foi uma festa a vinda do bebê da Bebê²¹. O Caio²¹ andava tristonho e aflito, porque ela não passava bem, nos últimos tempos. Ficamos todos aliviados e contentes. Aliás, a Bebê é verdadeiramente uma joia, um amor. Inteirinha, ela é valor e simpatia. É a replica feminina do Antonio, com as vantagens do sexo, portanto. Cada vez gosto mais da sua gente. Penso que Você deve sentir muita falta e grandes saudades dêles, principalmente de D. Léa Maria²². Não é ?

Gostei muito do telegrama de Vs. Chegou aí a minha resposta telegráfica ?

Eu acho uma coisa simbólica e bonita que V. só tenha filhas. (Não sei porque me veio

20 Embaixador Carlos Alves de Souza. Veja a Carta 1.

21 Veja a Carta 1.

22 Veja a Carta 1.

esta idéia bôba, mas é assim mesmo ; duas filhas, como acontece comigo ; penso que assim se forma uma corrente mais harmoniosa, em casa. Depois, as mulheres são sempre uns amores.) Principalmente a Pingo-de-Luz, com as travessuras de que V. fala, e a caçulinha, a Suavidade-Rósea²³. E, com isto, eu cumprimento May, Aracy retribue afetosamente as recomendações, e encerro esta carta, com um forte abraço, amigo,

Guimarães Rosa.

(*Na margem, à mão*) P.S. – Livros de Kipling, em que você encontrará as mencionadas histórias e outras igualmente belas : “Many Inventions” ; “The Jungle Book” ; “The Second Jungle Book” ; “Just so stories for little children” ; “Wee Willie Winnie” ; “Soldiers Three” ; “Rewards and Fairies” ; “Actions and Reactions”, etc.,etc.

23 Pingo-de-Luz e Suavidade-Rósea são os apelidos que JGR dá às duas filhas de AAS, Léa Maria e Lina Margarida. Veja a Carta 1.

Carta de AAS

datada de 21 de março de 1946.

Resposta à carta de JGR de 4 de março de 1946 (Carta 3).

Havana, 21 de março de 1946

Rosa velho,

Tua carta do dia 4, por tudo que você diz, deu-me um praser especial. Como é agradável podermos sentir que os nossos “telepatogramas, astralogramas e outras mensagens subtis no gênero” deixam no chinelo qualquer poderosa “Western Union”. Fica entendido. Irei escrevendo sempre e Você me mandará uma palavrinha, sempre que tiver um tempo ou alguma notícia escepcional.

Já estou mergulhado em Kipling, nesse mundo maravilhoso de tipos e ambientes vivos, fortes e densamente humanos. Que domínio perfeito do que quer dizer e que capacidade descritiva. Tive a sorte de encontrar numa livraria daqui dez de seus volumes (We Willie Winkie, Soldiers Three, The Phantom Ricksaw, Plain tales from the hills, The story of Gadsbay, The Courting of Dinah Shado, In Black and White, Barrack Room Ballads, American Notes e The Light that failed), de boa impressão inglesa, novos e por preço razoavel. Infelizmente não se tratava, como pensei quando o homem da livraria me falou por telephone, de suas obras completas. Falta mesmo, como verifiquei depois, a maioria dos livros e contos indicados por Você. Enfim, é um começo. E já encomendei da mesma livraria os demais, isto é, “The Jungle Book”, “The Second Jungle Book”, “Just so stories for little children”, “Many Inventions”, “Rewards and Fairies”, “Action and Reaction” e “Kim”. Tenho promessa de que tudo sera feito para consegui-los e, se possivel, da mesma coleção.

De qualquer modo, foi de festa o dia em que, sobraçando os meus dez volumes, entrei em casa. Cheirei e acariciei sua encadernação sóbria e modesta. Abri-os, um a um, e simpatizei, desde logo, com as letras, nem grandes, nem pequenas. Procurei, de saída, o “The Man who would be King”. Encontrei-o entre os contos do “The Phantom Riscshaw”. Notavel, excelente. E devorei todos os outros contos, inclusive o primeiro, que dá nome ao tomo e que é a melhor história de terror que eu já li. Comecei, agora, a percorrer “We Willie Winkie”, cujos dois primeiros contos são verdadeiras joias de delicadeza e compreensão psicológica.

Positivamente, meu velho, desejo ser capaz de escrever contos, algum dia. Assim que êles possam sair naturalmente, sem pressão, por necessidade, ainda que cuidados e polidos... Mas serão contos. Aliás, futuramente, escreverei a Você com mais eficiência sobre Kipling. Ainda estou sob o choque da revelação. Formidavel! Um artista que segura a sua batuta com firmeza atlética, ao mesmo tempo que é denso e extremamente ... agradável, como Você sabe ser nos seus contos.

ooooooooo

Você tem toda a razão quando diz que nossa amizade é grande demais para permitir omissões por parte de qualquer de nós dois. Sinto isso plenamente. Sei que Você fará mais do que

o possível. Aliás, devo contar-te uma coisa. Recebi, há 4 dias, uma carta de Dona Dinah²⁴, na qual ela me diz que o Dr. Aprigio dos Anjos²⁵, que, segundo me assegura, tem muito boas relações com o Embaixador João Neves²⁶, ao mesmo tempo que é um velho amigo da família (vovô²⁷ tinha um carinho especial por êle), de ambas as famílias, ofereceu-se espontaneamente para interceder junto ao Ministro, para o que eu desejasse. Respondi-lhe pedindo que agradecesse muito ao Dr. Aprigio, a quem já tenho razões para ser grato e quero bem, e lhe dissesse, também, que aceitava, de todo coração, o seu oferecimento e que o que eu quero é a promoção. Acrescentei que as promoções, no Ministério, se fazem por quadrimestre, nos meses de abril, agosto e dezembro de cada ano. Que não podia julgar daqui, por ignorar o número de vagas existentes, sobre a possibilidade de conseguir ou não, no momento, a minha promoção, promoção esta que julgava ter razões para poder pleitear legitimamente, inclusive pelo fato de estar, agora, colocado entre os viáveis e não ser dos piores o meu “record”. Disse, ainda, que caso não fosse possível consegui-la imediatamente, possivelmente seria mais fácil na próxima e, assim, sucessivamente. Ponho-te a par do ocorrido para que possas agir de acordo com as contingências. Evidentemente, desejo muito ser promovido e o oferecimento foi espontâneo e, por isso, expressivo, principalmente partindo de um homem como o Dr. Aprigio que sabe pedir e sabe atender. Não sou, porém, daqueles que fazem da carreira um veículo de aflições e ansias constantes. Muito ao contrário, faço questão de pertencer ao teu gênero de funcionário, capaz de trabalhar no duro, mas cujos objetivos são outros. A pessoa em quem mais confio é Você e sei bem que nem sempre se pode fazer o que se quer. Você, melhor do que eu, saberá como agir e quando agir. Estou com muita confiança em minha estrela e nos fluidos bons dos que nos querem bem.

oooooooooooooooo

Mamã, em sua última carta, me conta que ouviu Você contar ao Caio e à Bebê²⁸ ótimas anedotas verídicas. Fiquei de água na boca e as saudades aumentaram.

Suavidade-Rósea, como Pingo-de-Luz²⁹, vai pegar. É o retrato exato de Lina Margarida. Ambas estão ótimas. Lindas e risonhas. May também.

Fiquei muito “flatté” por você comparar-me à Bebê. Ela é um encanto, valor e simpatia, como diz Você. Muito melhor do que eu, mas gostei da comparação. De Dona Léa Maria³⁰, nem se fala. É mesmo formidável. E artista, meu velho. Até a medula dos ossos. Tenho grandes saudades de todos e, especialmente, do elemento feminino da família, minhas aliadas, de ferro e fogo, aliás.

Sensibilizou-me, particularmente, Você ter dito que é uma coisa simbólica e bonita que eu só tenha, como Você, filhas. Tem Você toda a razão quanto à corrente harmoniosa. Quando puderes, fala-me também das tuas, que já devem estar grandotas e com os sonhos ampliados. Principalmente aquela que escrevia com tanta graça.

Vou ficar por aqui, hoje. Nossas recomendações afetuosas para Dona Aracy. Um abraço, grande e saudoso,

24 Sogra de AAS. Veja a Carta 1.

25 Aprigio dos Anjos (1880 – 1962), advogado, jornalista e poeta.

26 João Neves da Fontoura, Ministro das Relações Exteriores naquele momento.

27 Senador Antonio Francisco Azeredo (1861 – 1936).

28 Veja a Carta 1.

29 Veja a Carta 1.

30 Veja a Carta 1.

Carta de AAS

datada de 17 de junho de 1946.

AAS comenta o SAGARANA.

Havana, 17 de junho de 1946

Rosanska querido,

Há varios dias estou para escrever-te. Mas a vida aqui nesta última quinzena, não nos tem sido facil. Primeiro, Léa Maria³¹ teve um abcesso na testa, que nos afligiu e nos preocupou. Depois, caíram doentes as nossas duas empregadas. Ficamos sós, May e Zezeu³² procurando dar conta da casa e das meninas. Para aumentar a aflição, envenenei-me outra vez e mais seriamente.

Durante êsse tempo, estive de conversa mental com Você. Tanta coisa queria te escrever. Não penses que te digo isto pelo grande bem que te quero, mas “Sagarana” é o melhor livro que já li. Tu sabes que diante de “Sagarana”, só tenho as credenciais de gostar da vida e gostar de Você. Teria, portanto, de falar com toda a sinceridade, como se falasse comigo mesmo. “Sagarana”, que tenho percorrido, várias vezes, de diante para traz e de traz para diante, deu-me uma satisfação inteiriça, perfeita. É grande, Rosanska, é enorme. Logo nas primeiras linhas, a gente se sente contagiado por um sôpro de eternidade. É toda uma filosofia, toda uma atitude diante da vida. É muito, muito mais do que simplesmente um livro de contos.

Depois de ler os artigos que me têm vindo dai – e, alguns, são bons e mesmo excelentes, como o do Alvaro Lins, que me pareceu o melhor – só sinto não ser um crítico de valor para poder escrever um grande estudo sôbre as nove parábolas do “Sagarana”. Que bom seria ressaltar e interpretar o alcance de cada detalhe, a propriedade de cada expressão. “Sagarana” tem tudo e, principalmente, eternidade, autenticidade de fundo e forma. Cada idéia contem uma intenção profunda, humana, grande. Cada palavra está no seu lugar e é a palavra precisa, engastada com requintes de gosto. Os tipos são geniais e as comparações estupendas.

E, o que para mim é motivo de um prazer especial, “Sagarana” é teu, todo teu, nos menores detalhes. É Você desfolhado, desdobrado, em carne viva. E só teu. “Longe dos outros, deixado num extremo, no canto mais escuro e esquerdo do telheiro, Sete-de-Ouros estava. Só e sério. Sem diperdício, sem desnorteio, cumpridor de obrigação, aproveitava para encher, mais um trecho, a infinda língua da vida.” “Nenhuma pressa. Aqui por ora, êste poço dôido, que barulha como um fogo, e faz medo, não é novo; tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: com os homens e com os modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando fôrças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco fora de hora. Assim.”

Genial, seu Rosanska. Que coisa tremenda. Me arrepio só de copiar. É toda uma mensagem.

³¹ Veja Carta 1.

³² Zezéu: Marie Lavignac, francesa, acompanhou duas gerações da família Azeredo da Silveira, viveu mais de 40 anos com AAS e sua família. Chegou ao Brasil nos anos 20 e faleceu em Brasília, em 1979. (“Zezéu” é uma corruptela infantil de “Mademoiselle”).

E que humor tem “Sagarana”. Dramático, as vezes. Mas que nunca arreganha os dentes para o que quer que seja. Ao contrário, compreende, com ternura mesmo. Não dá regras, vai filtrando a vida e iluminando o caminho, que continua a ser de cada um.

E que poesia. Densa, lírica. Nem um pinga de emoção mórbida ou do gênero água com açúcar. Apenas emoção legítima, que chega sem alarde e cataliza tudo o que há de sentimental na gente.

Há uma particularidade importantíssima em “Sagarana”. Nem uma só vez Você lança mão de uma frase simplesmente vulgar. No entanto, Você derrama, em cada página, com a prodigalidade de um mandarim, todos os segredos que dão encanto à sintaxe brasileira. Nem incorreções inecessárias, nem ditos brutais, sempre tão elementares. Essência só. O jeito, a originalidade, a intenção no modo de dizer. Aí está. O regionalismo de “Sagarana” é apenas uma contingência, nunca uma limitação ou, o que tem sido tão freqüente entre nós, um caminho fácil e descuidado. Na maioria dos casos, o escritor se coloca, diante da natureza, numa atitude de quem descreve de fora, achatado, aterrado ou, então, com veleidades faunescas. Há, ainda, o tipo do que usa o homem para vingar-se da natureza. Seja como for, existe sempre, palpável, visível, a contradição, o dualismo. “Sagarana”, ao contrário, é um todo. Nele a natureza, com os homens, os bichos, constitui um elemento maravilhoso, luxuriante.

Não se pode gostar mais de um conto do que outro. A princípio, logo depois de terminar o queridíssimo “Burrinho pedrês”, gostei tanto que não pensei que pudesse gostar tão igualmente dos outros. Mas não. Vieram os outros e só não gostei mais porque não é possível. E quero te escrever sobre cada um, pois “Sagarana” é a minha bíblia, o meu programa. E há muita particularidade curiosa para conversar com Você: de como Você é, realmente, o “amigo da água”, de como Você demonstra preferência pelos bois, ao invés de eleger o clássico e, de certo modo, aborrecido cavalo, e porque.

Hoje é só uma ouverture epistolar. O Souza³³, que havia saído com o Sousa Freitas³⁴, está chegando.

Um abraço grande, muito grande, grandíssimo,
do teu

33 Embaixador Carlos Alves de Souza.

34 Jorge Emilio de Souza Freitas, diplomata, foi também Embaixador do Brasil em Cuba.

Carta 4

Paris, 24 de setembro de 1946.

JGR está em Paris, acompanhando o Ministro Neves da Fontoura, na delegação brasileira à Conferência da Paz (29 de julho a 15 de outubro de 1946), que resultou no Tratado de Paris. Depois de mencionar os lugares que gosta de frequentar na capital francesa, JGR faz comentários sobre como AAS “compreendeu e sentiu” o SAGARANA, e como outras pessoas apenas “passearam pela casca dos contos”, com exceção de Paulo Ronai (tradutor, escritor, crítico, professor do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro) e Antonio Candido (Antonio Cândido de Mello e Souza, sociólogo, crítico literário, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). Em seguida, relata sua visita à Holanda e a Berlim, cidade marcada naquele momento pelos estigmas da guerra.

Sobre o envelope vê-se a menção, à mão, com a letra de AAS: “Resp. 4/10/46”, data portanto da resposta de que não há cópia.

Paris, 24/IX/46.

Silveirinha, caríssimo !

Desde que aqui cheguei, ou, melhor, desde que o movimento por aqui passou a ser menos agitado e confuso, tenho pensado muito em Você. Principalmente, tenho imaginado o bom que seria para mim poder flunar através de Paris – de Montmartre à “Rive Gauche”, do “Boul’Miche” à Place Pigalle – em sua companhia. Por isso é que escrevo esta carta. Melhor que ninguém, Você sabe o quanto detesto escrever cartas, e eu mesmo não posso imaginar quando será que V. irá receber outra. Mas, hoje, terça-feira, num meio frio que explica melhor a gente o que é a Europa, veio-me, de repente, a vontade de conversar com Você. Por causa disso não vou sair. Deixarei de ir à Place du Tertre, ou ao “Lapin Agile”, ou ao restaurante italiano da Rue d’Amboise, ou a comer “escargots” num bistrot do boulevard Clichy, ou... Bem, estou com pena de não ter aqui à mão as suas cartas, pois gostaria de respondê-las, tanto mais que V. mesmo não pode avaliar quanto prazer tôdas elas me trouxeram. Não quero falar do nosso “Sagarana”, mas tenho de dizer que V. compreendeu e sentiu perfeitamente o livro, como pouca gente soube fazer. E, pela leitura dos artigos, V. mesmo viu como o pessoal da nossa “intelligentzia” andou transviado, passeando pela casca dos contos, sem desconfiar de nada, sem querer saber se um livro pode conter algum sentido... Só o Paulo Ronai e o Antonio Cândido fôram os que penetraram nas primeiras camadas do derma ; o resto, flutuou sem molhar as penas. Enfim, muito agradeço a Você a alegria que me deu, ao conversar comigo sobre o “Sag.” Quando deixei o Rio, a segunda edição estava para sair. Na véspera da minha partida, o Caio³⁵ ainda mandou-me os dez primeiros exemplares. Mas nem sei o que tem se passado por lá, acêrca. Como V. sabe, eu não gosto de ver as coisas de perto ; por isso, acho maravilhoso este parêntese em que me encontro, ignorando o que se terá dito ou escrito, pró ou contra o livro. Assim, quando eu voltar, renascerei na matéria literária, e maior será a sensação, depurada, além do mais, do imediatismo, da “pintura fresca” da realidade quotidiana. Várias pessoas aqui quiseram interessar-se pela tradução francesa do Sagarana, mas eu desanimei-as

35 Veja a Carta 1.

valentemente. Não quero saber de mais nada nêsse sentido : que o livro cresça e amadureça, e, se o merecer, que o traduzam “ex-ofício”, por interêsse comercial, por necessidade histórica. Fora disso, não me cabe “proteger” o meu filho. Ou êle vale, ou não vale. Etc., etc., que V. me compreende. Agora, o que ando louco é ter tempo livre, boas folgas, sossêgo, para escrever outros, que já germinam em mim e começam a abafar-me. Uns três, ou quatro, ou cinco, que talvez, daqui a uns dez anos possam estar prontos. A vida é uma chatice, Silveira. Se não fosse... Bem, o que eu queria dizer não é isso.

Aqui estamos, à beira do Sena. Não é o mesmo Paris de 1939, mas é sempre uma maravilha. Tenho aproveitado muito. Acontece, porém, que Aracy está no Rio, e, pois, eu só acho graça mesmo em voltar para o Rio. Creio que regressaremos na segunda quinzena de outubro, já que a Conferência será encerrada a 15. Meu desejo era voltar por mar, pois ultimamente dei para ter medo dos aviões, tal qual o nosso Pedro Franklin de Almeida Lima³⁶, de tão ruidosa saudade. Você deve ter lido que fomos à Alemanha, à Belgica e à Holanda. Sábado, provavelmente, irei à Suíça com o Ministro ; iremos de automóvel, e aquilo é terra de se perder tôda com poucos litros de gasolina. Assim é que fazemos um turismo voraz, um turismo “blitz”, o qual, aliás, é bem mais importante do que à primeira consideração pode parecer. O tema é redondo, e gostaria de poder escrever um ensaio sobre êle. Várias vantagens haverá, nessa espécie vertiginosa de turismo, e, entre elas, a de sorvermos ambientes sem destruirmos a sua poesia, sem consumir-se tôda a dose de “desconhecido”. Mesmo rever é bom, assim. Berlim, porém, quase me prostrou, de tristeza, de horror ante o horrível. Sofri tremendo choque emocional, ao descer naquela cidade espectral, que eu antes conhecera, se não bela, pelo menos rica , alegre, cheia de vida e de música. Era como se a gente tivesse baixado ao inferno, em escafandros de amianto. Perdi o contrôle emocional, e peguei a querer reviver, de uma vez e de repente, um passado de 4 anos, que vivera naquêlê país. Depois, a atmosfera que se respira é ominosa, naquêlê lugar em que os russos, americanos & britânicos se encostam. Eu sou pessimista agora, Silveira. E as guerras estragam tanto o mundo, que... Mas o que verdadeiramente me fascinou foi, na Bélgica, o velho país flamengo, a típica e poética Flandres : Gand e Bruges. Não, Silveira, mesmo conhecendo tôda ou quase tôda a Europa, não se pode fazer abstração daquela terra, daquelas cidades estranhas, com seus “béffrois”³⁷, seus “donjons”³⁸, seus carrilhões e canais, suas “béguinages”³⁹, seu gótico pontudo e rendilhado, e as igrejas de santos de nomes lentos : Saint Gudule, Saint Bavon – que já ressoam como sinos ; ao percorrer o Hôtel de Ville⁴⁰ de Bruxellas, eu tinha a impressão de ser uma traça a perfurar missal antigo, tanto tudo era como lindas iluminuras. A poesia que lá mora é uma moça cega que sorri. E eu amei a Bélgica flamenga, como adorei a Holanda. Tôda a Holanda que eu vi era uma só paisagem de Ruysdael⁴¹ ou Hobbema⁴², e era uma espécie de Shangri-Lá⁴³. As barcas que trazem carvão, no canal da estrada de Utrecht, tem vasos com flores... O holandês adora as flores, como o hindú adora as vacas. E eu presto culto a uma com às outras... Mas o que verifiquei, coisa muito importante, é que percorre mundo uma fama injusta a respeito das holandesas : ví-as, às centenas, e são geralmente bonitas, ao contrário de que se diz. Sei que o clima é duro, muito húmido, e que desce uma longa monotonia do céu baixo, carregado de água. Mas, um dia, ainda hei de ter um pôsto na Holanda, ah, isso dei-de !

36 Diplomata.

37 “Beffroi” : campanário.

38 “Donjon” : torreão (de castelo).

39 “Béguinage” : habitação de beguinos (certas ordens monacais).

40 “Hôtel de Ville” : Prefeitura.

41 Salomon van Ruysdael ou Jacob Isaakszoon van Ruysdael, sobrinho de Salomon, ambos grandes pintores de paisagens, do século 17, o “Século de Ouro” da Holanda.

42 Meindert Hobbema, também grande pintor holandês de paisagens do século 17.

43 Região paradisíaca, imaginada pelo escritor inglês, James Hilton, do século 20, no seu famoso livro “Horizonte Perdido”, onde pessoas das mais diversas origens vivem harmoniosamente.

Quanto ao mais, Vychinski⁴⁴ e Molotov⁴⁵ já se banalizaram, para mim. A Conferência nunca teve “it”. Quem cada dia ganha mais, na minha admiração e na minha afeição, é o João Neves⁴⁶. Nunca mais, Silveira, haverá um Ministro tão bom, tão simpático, tão humano no nosso Itamaraty. Faltou Você, no Gabinete. Faltou o nosso Souzinha⁴⁷, como Secretário Geral. Que tudo teria sido uma festa. Agora, fala-se na saída do Neves. Sinto, mas unicamente por causa dêle. Quanto a mim, continuarei lá, naquele meu calmo e aquoso continuismo, que é bem conhecido seu. A intuição, a voz profunda, repete-me outra vez a ordem de ficar, e eu fico. O mundo é uma graça. (Graça, aqui, tem os dois sentidos de que a palavra é dona). Uma coisa deliciosa é descer com bom para-quedas, e deitar no capim para dormir. E em matéria de Itamaraty, eu tenho sempre sono. A única coisa a mais que tenho pena é não ter podido festejar a tua promoção. Você sabe disso. Stop.

Quando irei receber outra carta tua ? Como vai May, e Pingo-de-Luz, e Suavidade-Rósea ?⁴⁸ E o pai das duas últimas ? E as leituras ? E a criação literária ? E as outras coisas, que V. vai contar e eu estou louco para ler ? Está bem. Com o imenso abraço do

Guimarães Rosa.

44 Andreï Vychinski, célebre Procurador Geral dos Processos de Moscou (de 1936 a 1939), diplomata, representante em 1945 da União Soviética no Conselho de Segurança das Nações Unidas e Ministro das Relações Exteriores da URSS em 1949.

45 Vyacheslav Molotov, político e diplomata da União Soviética, artesão em 1939 do Pacto Molotov-Ribbentrop com a Alemanha nazista. Ministro das Relações Exteriores da URSS de 1939 a 1949 e de 1953 a 1956.

46 Ministro João Neves da Fontoura.

47 Embaixador Carlos Alves de Souza.

48 Veja a Carta 1.

Carta 5

Rio de Janeiro, passagem de ano 1946 – 1947.

De volta de Paris, JGR escreve esta carta curta para dar seus votos de fim de ano, e para “desabafar” sua ansiedade de dar “pouso em papel” a um “enxame de personagens”. AAS continua em Havana.

Sobre o envelope vê-se a menção, à mão, com a letra de AAS: “Resp. 7/2/47”, data portanto da resposta de que não há cópia.

Rio, 1946 - 1947.

Silveirinha, meu amigo,

Abraçando Vocês 4 (ou 5 ?⁴⁹), aqui vôam a Vocês meus votos : que 1947 lhes seja feliz, alegre e rico ! Naturalmente, Aracy se associa a mim, ajudando-me a proferir augúrios e bençãos. E com que saudades eu estou pensando em Você, meu velho. Ando a sentir falta de uma carta sua, e o pior é que, tardo e relapso como sou, nesse assunto nem tenho o direito de entrar com reclamações. Que é que você tem feito ? Como vai May ? Que fazem as garotas ? (Muito obrigado pelos retratos. Por êles pude ver como elas estão lindas e afirmativas, prometendo ficarem bonitas e simpáticas moças – uma espécie de combinação de May com Bebê⁵⁰). Escreva, Antonio, depressa. Espero.

Eu ando febril, repleto, com três livros prontos na cabeça, um enxame de personagens a pedirem pouso em papel. Estou apontando os lápis, para começar a tarefa. A coisa é dura, e já me assusto, antes de pôr o pé no caminho penoso, que já conheço. Mas, que fazer ? Depois de certo ponto, um livro tem de ser escrito, ou fica coagulado na gente, como um trombo numa veia, pior que um “complexo”. Tenho esperança de poder criar coisa nova e diferente, de superar o nosso Sagarana, com histórias e romances mais humanos, mas, ao mesmo tempo, mais meta-humanos, mais super-humanos; que sei !?... O bom seria fazer-se um livro só, de 5.000 páginas, que seria escrito e reescrito, durante a vida inteira. Ou – que beleza ! – três gerações de romancistas (pai, filho, neto), trabalhando um roman-fleuve, catedralesco, pétreo, tri-generacional...

Mas, Silveira, não adianta. Não sei escrever cartas. Se eu pudesse, chegaria hoje até aí, e passaria a noite conversando com Você. Vou dizer uma coisa, que parecerá ingênua, mas é sincera e séria : se eu tivesse Você perto de mim, para ouvir-me e falar-me (falar-me, principalmente), eu seria capaz de escrever livros incríveis, formidáveis.

Bem, Silveira, olha o abraço. Forte !

Guimarães Rosa.

⁴⁹ May, esposa de AAS, estava grávida.

⁵⁰ Irmã de AAS. Veja a Carta 1.

Carta 6

Rio de Janeiro, 27 de março de 1947.

A carta está apenas datada “Rio, março/27”, mas não pode haver dúvida, pois o selo de recepção do Correio cubano é de 2 de abril de 1947. JGR, no Rio, está preocupado em querer ajudar AAS a ser promovido. Além disso, vê-se pelo conteúdo da carta que JGR é reponsável naquele momento por certas provas no Instituto Rio Branco, instituição que seleciona e forma os diplomatas. Mas o mais importante é a retomada da atividade literária de JGR (“...e bons ventos me levem. Nem sei quantos nem quais livros irei descobrir”).

Rio, março/27.

Silveira, meu amigo,
Silveirinha, Antônio,

O verão se acaba, promoções estão a chegar. Falei, há dias, com D. Diná⁵¹, pelo telefone, e quis ver se alguma coisa eu podia também fazer, para ajudar mais você com os astros. Muito pouco, nada. Conversei com o Ilmar Marinho⁵², que se confessou “débil” na política itaradoméstica. Com os grandes, que decidem, achei melhor não mexer palha, para não atrapalhar. “Primo, non nocere”. Em geral, os “big” se encontram. Em casos assim só se deve mover pião, quando se dispõe, logo atrás, de uma forte jogada de bispo ou de torre. Declamações poéticas de pedestres, não contam. Fiquei quieto, por fora. Ainda não se sabe de nomes, que tudo se passa sob sigilo nas reuniões. Espero que você seja alistado. Amém.

Encerramos uma semana empolgante, no Instituto, com os vestibulares, cujos resultados definitivos serão sabidos ainda hoje, depois de julgados os recursos. O Arturzinho, em tudo e por tudo, portou-se excelentemente, e estará, certo, entre os dez primeiros. Fiquei satisfeito, pois tudo correu a contento. Houve honestidade, houve rigor escrupuloso, houve justiça. Você não imagina como é grandioso, e mesmo comovente, assistir-se à realização de uma prova escrita, com aquela mocidade a dar o máximo de si, todos em silêncio, curvados, olhos fixos no papel, os lápis trabalhando. A melhor maneira de selecionar gente ainda será o concurso. O que vai ter número um é o filho do Paulo da Silveira, que é um rapaz formidável. Suas provas impressionaram. Apareceu gente bamba, de Minas, de Pernambuco, do Pará, de tôda parte. Penso que, cada ano, irão aparecendo candidatos mais fortes. E lamento não se ter conservado o concurso direto. Se bem que eu seja o único, ou um dos poucos, aqui no Itamaraty, a pensar assim, continuo a preferir o concurso direto. Muita gente de valor, de cultura, não desejará ou não poderá submeter-se a gastar dois anos, cursando o Instituto, sem remuneração. E, assim, perdemos elementos notáveis, rapazes estudiosos, com sólida base de ilustração e personalidade forte, provindos de diferentes meios, diferentemente temperados e experimentados, os quais contribuiriam para dar aos nossos quadros um colorido mais vário, mais universal. Penso que tudo poderia harmonisar-se : feito o vestibular, o habilitado seria nomeado Cônsul, com proventos e título para o cartão de visita : até ser confirmado, seguiria o curso do Instituto ; e só seria confirmado depois de submeter-se a novas provas, de segunda entrância. Enfim, não adianta : mas eu gostaria que pudesse ser assim.

51 D. Dinah, sogra de AAS. Veja Carta 1.

52 Ilmar Penna Marinho, diplomata, membro do gabinete do Ministro das Relações Exteriores, Raul Fernandes, em 1947.

Tenho trabalhado, mas, até agora, numa cabotagenzinha, esperando ajuntar carga suficiente, para fazer-me ao largo oceano. Isso, se Deus quiser, irá acontecer agora, na semana-santa. Entrarei para longe, e bons ventos me levem. Nem sei quantos nem quais livros irei descobrir. Sagarana continúa pulsando. Há pouco, fui surpreendido agradavelmente por um vasto artigo, de interpretação, do Basílio de Magalhães⁵³ : “Sagarana / Filologia e Folclore”, no Estado de São Paulo. Outros, de vez em quando, se manifestam, por aqui, por ali, até pelo Ceará. Mas, afirmo-te, nada me compraz mais do que provém do afeto e da amizade. Você diz coisas muito certas, principalmente quando refaz-me o retrato íntimo. Aliás, você sempre foi um terrível descobridor e conhecedor de pessoas. Seu lugar seria na Política, até os 40 anos, isto é : agindo na política e vivendo na arte. Há um ponto em que, mesmo aqui, no Brasil, as duas se confundem. Nessa região da álgebra musical, você seria um canibal, faria prodígios. Mas, estou vendo que o papel se acaba, e o tempo é pouco para encher outra fôlha com as dez fôlhas que eu gostaria de encher. Lembre-me à May. Fale de mim com as garotas. Aracy envia lembranças.

(*Na margem*) E aqui o abraço saudoso do

G Rosa

53 Basílio de Magalhães, historiador, folclorista, professor na Escola Normal do Distrito Federal (em 1947).

Carta 7

Rio de Janeiro, março de 1947.

A carta está datada do “Dia Segundo da Assinatura do Grande Ato. Alelúia!” É um acontecimento importante para AAS e, claramente, JGR compartilha a satisfação do momento. Trata-se da promoção de AAS, ainda em posto em Havana, a 2º secretário – promoção que foi precedida por “dias tormentosos”. Deu-se em março de 1947 – a carta chegou em Havana em 8 de abril de 1947 (pelo carimbo do Correio cubano).

JGR chama AAS de “Chela queridíssimo”. Grande admirador de Kipling (Carta 3), JGR está se referindo a Kim, personagem central da novela do mesmo nome, que se torna o “Chela”, ou discípulo, de um Lama Tibetano, e o acompanha, na sua busca para libertar-se da “Roda das Coisas”.

Com grande alegria, JGR brinda AAS com uma série de interjeições no início da carta: Euóí! (grito ritual das mênades, ou bacantes, na ocasião de cerimônias públicas e esotéricas em honra de Dionísio); “Te Deum laudamus...” (hino ambrosiano); “Gaudeamus igitur...” (hino acadêmico, geralmente interpretado em cerimônias de graduação); “Le jour de gloire est arrivé...” (tirado da “Marseillaise”; etc, etc.

Sobre o envelope vê-se a menção, à mão, com a letra de AAS: “Resp. 8/VI/47”, data portanto da resposta de que não há cópia.

Rio de Janeiro, Dia Segundo da Assinatura do Grande Ato. Alelúia !

Chela queridíssimo ! Ave !

Euóí ! Te Deum laudamus... Gaudeamus igitur... Le jour de gloire est arrivé... For he is a jolly good fellow... Chasseurs, trompetez !

“Olá, vós, musas, dançai em fileiras !” (Píndaro.)

“sunt topia et kalybae, cyathi rosa, tibia chordae” (Vergílio.)

“O tönet fort, ihr süßen Himmelslieder !” (Goethe.)

“Age dé, phér hemín, ò paĩ, kelében” (Anakreonte.)

E mais. E ainda ! Stridentíssimo !⁵⁴ “Dai-me uma furia grande e sonora...”⁵⁵ E cantemos,

54 Galicismo, de “strident” : estridentíssimo, estrepitosíssimo !

55 “Os Lusíadas”, de Camões, Invocação às Tágides, Canto 1, estrofe 5:

“Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.”

gritemos, folguemos, celebremos, oh “Little Friend of all the World”⁵⁶, que as vezes as grandes coisas sucedem grandemente certas, “in this great and terrible world”⁵⁷, alleluia ! Om mane padmi hum !⁵⁸

Agora, o abraço, especial. Valente e quente, possante e ovante. As congratulações, atingindo a Família inteira. Você-Tu e tuas três moças. Aracy está comigo, em todos os números da jubilosa homenagem. Mas vamos erguer logo as taças à D. Dinah, pois ela foi admirável⁵⁹. A ela, à sua coragem, à sua energia, aos seus esforços, temos de agradecer o fato da Justiça ter sido feita. Você, a esta hora, já terá sabido de tudo, como foi que as coisas se passaram. Fôram dias tormentosos, sensacionais para a tua “torcida”, numa acidentada sucessão de desânimos e esperanças. D. Dinah tanto tem de bela quanto de decidida. Um general. E que vitória ! Eu agora, só para engrossar um pouco o júbilo, tenho até prazer em pensar que todo aquele povo do concurso-de-títulos passou à frente de Você na nomeação, oh Segundo Secretário de Embaixada, K-íssimo⁶⁰ conquistador de um degrau para maior descanso e bom ritmo, na Carreira. Que falta Você está-nos fazendo, que necessidade, para nós, de Você estar agora aqui, para exultar-se a gente em conjunto ! Bem, louvado seja.

Agora, Silveira, sua carta última, a lápis, foi formidável. Deu-me horas e temas, para pensar sobre. Pretendia responder-lhe copiosamente. Mas não posso. Hoje não é possível. Só podia falar da vitória, da festa. Estou mentalmente rouco, de dar vivas. Não é possível. Agora é que realizo a importância da coisa-promoção : um pulo para cima. Tudo o mais correrá bem. May estará melhor, o garoto nascerá magnificamente, e será digno das irmãzinhas, etc. Que nome Vocês irão escolher ? Gil ? Franklin ? Mem ? Rudyardo ?

Enfim, depois responderei à sua carta, que aqui está e estará, já que as suas são das pouquíssimas que não rasgo. Até outra.

E outro abraço, muito saudoso, forte, muito amigo,

do

Guimarães Rosa.

56 Citação de “Kim”, de R. Kipling.

57 Idem.

58 Um dos mantras do budismo tibetano: “glória à jóia no lótus”.

59 Sabendo que pessoas, beneficiando de pistolão, tinham sido promovidas, passando na frente de outros, como AAS, que se encontravam no quadro de acesso (lista de candidatos a promoção na carreira diplomática) por merecimento, D. Dinah (Dinah Caldas Paranhos, sogra de AAS, veja Carta 1) foi se apresentar na casa do Ministro das Relações Exteriores, Raul Fernandes, que não só reconheceu a injustiça – “me enganaram”, foi a reação que ficou registrada – como promoveu os merecedores, inclusive AAS.

60 Referência à Classe K, que correspondia a Segundo Secretário, Cônsul e Cônsul Adjunto. Veja o rodapé 6 da Carta 1.

Carta 8

Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1947.

A carta está datada sem o ano, mas não pode haver dúvida, porque o primeiro tema é o nascimento de Flavio Ernesto, terceiro filho de AAS, em maio de 1947, em Havana.

JGR relata sua viagem de estudos ao Pantanal mato-grossense com os alunos do Instituto Rio Branco (que forma os diplomatas). JGR chefou essa viagem em companhia do Professor Hilgard Sternberg, acompanhado de alunos da então Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Rio, 5 de agosto.

Silveira, querido,
meu caro Compadre !

Not at all !⁶¹ O extravio deve ter sido com a minha carta – longa, festiva, vulcânica, exultante, espumante de entusiasmo – com a qual respondia ao convite para levar o nosso Flavio Ernesto à pia. Que pena ! Talvez tenha sido a carta “mais importante” que já enviei a Você ; e ela não chegou às suas mãos ! E eu, que não conservo cópias ! Estou desesperado ! Imagina, recebi a esplêndida, a memorável, a formidável comunicação, às vésperas de partir para Mato Grosso, em excursão geográfica, com os alunos do Instituto. Respondi-a longamente, explodidamente, e ainda telefonei para D. Dinah⁶², congratulando-me. Logo depois, parti. Rodei, pelo “Pantanal”, pelo roteiro (às avessas) da Retirada da Laguna. Vi coisas espantosas. Andei de trem, de automovel, de camionete, de caminhão, de “jardineira”, de avião téco-téco, de carro-de-bois, de vapor fluvial, de lancha, de canôa, de batelão, de prancha, de locomotiva, de pontão, de carreta, a pé, a cavalo em cavalo, em boi, em burro... Vestido de caqui, com polâinas de lona, com mochila, cantil, capacete de explorador. Falei com japoneses, colonos búlgaros, ervateiros, vaqueiros, índios Terenas, chefes revoltosos e legalistas paraguaios, no Paraguai, e aqui chego, de volta, esperando encontrar mais notícias e talvez um retrato do meu Afilhado. E... chega-me a sua carta, contando que não tivera tido resposta. E você teve a paciência amiga de esperar um mês, mais de um mês (um mês durou a minha estada em M. Grosso), e ainda se vê forçado a escrever-me, de novo ! Foi uma peça, que as comunicações postais nos pregaram. Perdõem-me, May e Você. Só não telegrafo, agora, porque não poderia dizer tudo isto num reles telegrama. Agora, como vai o meu Afilhado ? Quando será o batizado ? Terei de mandar procuração para alguém representar-me, ou Vocês virão fazer a solenidade aqui ? Quando receberei um retrato dêle ? Quando irá êle andar, falar, ter entendimento para que Vocês possam falar-lhe do padrinho ?! Minha alegria foi imensa, enorme, podem acreditar. Aracy também ficou contentíssima. Beijamos o Flavio Ernesto, uma porção de vezes ! May e Você são uns amores. Pingo-de-Luz e Little-Rosy⁶³, também. Meu Afilhado vai ser

⁶¹ De modo nenhum !

⁶² Sogra de AAS. Veja a Carta 1.

⁶³ Apelidos que JGR dá às duas filhas de AAS. Veja a Carta 1.

um gênio. Profetizo-o grande, nas Letras e na Política. Sabe o que eu escrevi a Você, na outra carta, na extraviada ? Mais ou menos isto : que havia coisas, que iluminavam, mais ainda, uma amizade que já se supunha completa, imelhorável, definitiva. E agradecia a Vocês, comovidamente, por isso. Enfim, festa. Parece-me que é maior, mais transcendente, mais profundo, com nova significação, o abraço que me traz até Você, agora, perto do bêrço do Flavio Ernesto. Aracy e eu, abraçamos Vocês 5. Tenho de estacar, pois há urgência na remessa desta fôlha, que os bons gênios conduzam até Vocês. Dia 14, devo seguir para o Hotel Quitandinha, para a Conferência⁶⁴. Até outra, meu Compadre. Obrigado pelo Flavio Ernesto.

Seu

Guimarães Rosa.

⁶⁴ Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança do Continente (de 15 de agosto a 2 de setembro de 1947), concluída no Rio de Janeiro com a assinatura do Tratado de Assistência Recíproca ("Tratado do Rio").

Carta 9

Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1947.

Rio, 9/IX/47.

Compadres, amigos,

Afilhado à parte : hoje tirei o dia para rever mais os retratos do Flavio Ernesto⁶⁵, que Vocês tão gentilmente me mandaram. De passagem, verifico que o Antonio está ótimo, que May está linda, que as duas jovens estão uns amores ; mas, quem está mesmo formidável é Êle : ao colo de May, quatro pôses, num episódio fisionômico que vai da ingênua admiração, por qualquer coisa no alto (talvez uma copa de árvore), até a triunfante beatitude, passando por fases de séria meditação ; com Zezéu⁶⁶, a mesma inspeção atenta das ramagens da árvore, até os pèzinhos eloquentes ; debruçado, com Pingo e Rosy⁶⁷ (que belezinhas, Silveira !), arregala tanto os olhos, e a boquinha, que qualquer pessoa, mesmo a mais indiferente, olhando a foto, terá vontade de beijá-lo ; depois, ainda com as misses, deitado, é notável como êle parece estar compenetrado da sua masculinidade : firme, peitudo, arejado, desimpedido, seguro de si, capaz de proteger as maninhas ; mas, o melhor, o maior de todos, é aquêle em que o Antonio o levanta e apresenta aos olhos do Padrinho (orgulhosíssimo) : no riso, no olhar, nas mãos, na testa, é toda beleza, simpatia e inteligência – e parece até que é de propósito, desacatante, que o feliz Papai está dando as costas ao resto do mundo !...

Com quem é que êle se parece mais ? – estou analisando. Como é que vai ser : nos modos, no temperamento, nos gostos, em tudo ? – me pergunto. Será que vai gostar do Padrinho ? – imagino, preocupado. Ando aflito por que Vocês possam conversar com êle, a meu repeito. Por ora, porém, gostaria que Vocês o beijassem, espetacularmente, suplementarmente, por mim. E por Aracy, que está enviando abraços, à Família toda.

Quando Você escrever, Antonio, diga-me como é que o Flavio Ernesto irá assinar-se, legal e oficialmente. F.E. Paranhos da Silveira ? Azeredo da Silveira ? Gostaria de ficar sabendo.

E conte-me coisas, de Vocês todos. Estou com saudades.

Um abraço, grandíssimo

do

João

⁶⁵ Terceiro filho de AAS. Veja Carta 8.

⁶⁶ Zezéu: Marie Lavignac, francesa, acompanhou duas gerações da família Azeredo da Silveira durante 60 anos, dos quais cerca de 40 anos com AAS e sua família. Chegou ao Brasil nos anos 20 e faleceu em Brasília, em 1979. (“Zezéu” é uma corruptela infantil de “Mademoiselle”).

⁶⁷ Veja a Carta 1.

Carta 10

Rio de Janeiro, 26 de maio de 1948.

Nesta carta JGR descreve um momento difícil que atravessou em 1948, resultado de um “período muito confuso”, de saúde abalada e de situações penosas.

Sobre o envelope vê-se a menção, à mão, com a letra de AAS: “Respondido 12/VI/48”. Não há cópia dessa resposta.

Rio, 26 de maio, 48.

Meu compadre :

Depois do enorme silêncio, pouco explicável e ingrato, em que me retraí durante tanto tempo, você chegará a se espantar, no momento de dar com os olhos nesta carta. Da longa pausa não falarei muito, pois nada de mais insignificativo do que uma explicação. Apenas, para o meu afilhado : quando o telegrama chegou ao Rio, eu estava em São Paulo ; sòmente o li dez dias depois do batizado, e preparei-me para uma carta longa e viva, que pudesse transmitir a vocês tudo o que senti no momento. Aí, porém, eu entrava num período muito confuso, muito árduo, muito dividido, muito estranho, de minha vida (assunto para conversas verdadeiras, mais tarde), e só poderia dar a você uma idéia disso falando na situação de uma moscazinha no meio da superfície de um mingau pegajoso, em bacia grande. A seguir, houve os preparativos para a Conferência de Bogotá⁶⁸, onde tive de ir, vi coactus⁶⁹, como Secretário Geral da Delegação. Tantas providências práticas, tanto detalhe administrativo, tanta inércia a vencer, tanta amolação, tantos sustos e apreensões incômodas, nem me deixariam a pequena independência para pensar em escrever uma carta. Deixavam, isso sim, que eu sentisse, num desejo de compensação e procura de oásis, a necessidade de falar com você. Imaginei, então, que, em Bogotá – lugar para mim êrmo de interesse e liso de atrativos – fôsse achar folga para a carta, necessária e tão retardada, mas escrita em momento meu, em hora possível para a comunicabilidade. Infelizmente, porém, Bogotá torturou-me, ainda uma vez. Eu tinha embarcado otimista e confiante, achando que, desta vez, moralmente desoprimido, sabendo curta a estada, rodeado de companheiros, já vacinado para com os Andes, e munido de belergal, coramina e outras drogas, nada de desagradável me fôsse acontecer. Errei. Ali, nos quase 3.000 metros de altitude, voltei a ter dispnéia noturna, sôbrefatiga quotidiana, manhãs de assídua depressão, e, o pior de tudo, o fígado desorganizado, infernizando-me. Assim, até para pensar eu me sentia fraccionário e incompetente. Não pude realizar coisa nenhuma, principalmente não pude escrever a você. Pois bem, regressei. E o regresso foi ainda pior. Cheguei com otite, duas semanas surdo, crassamente surdo, e com uma inexplicável inflamação dolorosa no pé direito. Agora, começo a sarar. Ainda não me voltou a vontade rija de viver, estou bruxoleante, desanimado, sem espírito. Comecei a escrever esta quase por imposição própria, e só aos poucos domina-me a satisfação de aproximar-me de você, de conversar com um cristão nesta dura região sarracena. Conversei muito sôbre você, vocês, com o Veras⁷⁰. Estou com a listinha de “preferências”. Estou

⁶⁸ Conferência Panamericana em 1948 para a redação da Carta da Organização dos Estados Americanos e da Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem.

⁶⁹ Coagido, em latim.

⁷⁰ Carlos dos Santos Veras, diplomata, estava dirigindo o Instituto Rio Branco naquele momento.

acompanhando seus pensamentos e sentimentos⁷¹, como uma agulha segue as ranhuras de um disco. Mais não preciso de dizer. Apenas, como regressei ao Itamaraty só agora, e aos poucos, com os ouvidos ainda pouco prestáveis, nada tenho de concreto para anunciar.

Entretanto, meu amigo, eu tinha pensado em escrever quatro páginas, e vejo que não estou sabendo escrever. Por que ? Será que cada dia me “séco” mais, perdendo o jeito para tratar das coisas variadas e necessárias, que rodeiam a gente e dão assunto ? Poderia falar de Bogotá, da Conferência, do assassinato do Gaitán⁷², da revolução, da viagem, da política nacional, do Itamaraty, do Instituto Rio-Branco, de literatura, de leituras, de tanta coisa, mas não consigo pôr interesse, no momento, em nada disso. Talvez eu esteja também um pouco descentrado, porque anteontem me abalou profundamente a notícia da morte do Fernando Sabóia⁷³, e ontem, na Academia, assisti à morte, em circunstâncias dramáticas, do Senador Roberto Simonsen⁷⁴, e saí de lá cheio de pensamentos metafísicos, desprezando com náuseas a precaridade das coisas terrenas e relendo mentalmente o Eclesiastes⁷⁵. Espero, pois, que passe este meu inverno interior, para ficar melhor condutor, mais capaz de uma carta clara e agradável. Por ora, queria apenas rever você, retomar a conversa. Para breve, conto escrever, dizendo coisas práticas interessantes, e fazendo também um pouco de fala amena, aproveitável. Gostaria de falar do meu Afilhado. Mas, tudo tem de ficar num beijo para ele, e num pedido de notícias, afetuoso, além dos votos de muita saúde.

(*Na margem*) Para May, Léa e Lina também⁷⁶, as nossas afetuosas lembranças – de Aracy e minhas. E o abraço saudoso, muito amigo, do seu

Guimarães Rosa.

71 Alusão provável à próxima promoção de AAS.

72 Jorge Eliécer Gaitán, advogado, político colombiano, muito popular, chefe do Partido Liberal, assassinado em 9 de abril de 1948, o que provocou enorme agitação no país.

73 Fernando Sabóia de Medeiros, diplomata, faleceu na Espanha em 23 de maio de 1948.

74 Senador Roberto Cochrane Simonsen, morreu em 25 de maio de 1948, quando discursava no Salão Nobre da Academia Brasileira de Letras, recebendo o Primeiro Ministro belga, Paul van Zeeland, em visita oficial ao Brasil.

75 Eclesiastes (Qoheleth ou Koheleth, em hebreu). Livro do Antigo testamento, em que Koheleth está empenhado na investigação do sentido da vida, e afirma que as ações do homem são intrinsicamente “hevel”: vãs, fúteis, sem sentido.

76 Veja a Carta 1.

Carta 11

Paris, 29 de maio de 1950.

JGR está em posto em Paris, onde foi promovido a Ministro Conselheiro. AAS foi removido no ano precedente para Buenos Aires como 2º secretário da Embaixada do Brasil.

JGR descreve sua paixão pela Itália.

Paris, 29.V.950

Meu querido compadre,

Nêste comêço, uma ânsia, uma angústia verdadeira, a vontade de passar, depressa, depressa, por estas primeiras linhas, em que me queima, feio, o sentimento de culpa, mal penso em articular qualquer explicação. De uma casa preguiçosamente aconchegada e quente, para a outra, quente também e aconchegada afetuosamente, tenho de transpôr, correndo, um terreno vago, de tanto tempo, frio. Cada mês de silêncio pesa em minhas costas, com toneladas. Não me lembro, nem sei qual de nós foi quem escreveu por último, e isso não importa. Sei, também, que Você sabe que eu não mudo nunca, na dificuldade para escrever, inclusive, e isto me ajuda a penitenciar-me. Depois, muitas vezes, muitíssimas, e durante todo o tempo, cheguei a pensar longas cartas, longas e “importantes”, que, desperdiçado por preguiça o momento, não chegava a pôr em papel. Recaía na confusa agitação quotidiana, para pôr ordem definitiva na qual, e mim mesmo, ando, há muito, projetando um completo reajustamento de vida : e êste, com os adiamentos sucessivos, ficou sendo também uma das causas, e não pequena, da minha omissão epistolar. Em outras condições, estaríamos mais ou menos em perfeita igualdade de culpa e desculpa. Mas, acontece que Você tem aí um refém, e precioso : meu Afilhado. E, aqui, é onde, verdadeiramente, eu acabo ficando muito triste comigo mesmo. Penso que tenho sido um padrinho sem classe, ingrato, dos piores. Tenho outro afilhado, aqui perto, em Londres, e, cada vez que estou com êle, de qualquer maneira assalta-me a lembrança querida de Ernesto Flávio, e projeto manifestar-me, mas um turbilhão de bobagens me envolve, e as intenções repousam, como marmotas no inverno. Em todo o caso, Você não imagina que mundo de carinho representa para mim ser padrinho dêle e compadre de May e seu. Assim, conte a êle, convencendo-o, que seu padrinho se prepara para ser um dos melhores, dos mais amigos. Flávio Ernesto, digo, não Ernesto Flávio. Depois, Antônio, fale de mim com May, com as palavras mais belas, e fale também com você mesmo, muito tempo, até 1945, que de lá nunca saí.

Esta carreira é difícil. Daqui a pouco, Vocês estarão no Rio, e quando saírem outra vez eu estarei voltando. Como eu gostaria que Você estivesse em pôsto aqui na Europa ! Para conversar com Você como eu queria, como eu precisava, medirei em quinze dias contínuos, pelo menos, o tempo necessário. Não faz mal, tendo de resumir, aqui, uma completa retomada de contacto, omito muita coisa, e que seria de algum modo supérflua, entrando só no essencial. Nós estamos bem. Gostar de Paris é atitude que não admite excepção, e nós gostamos. Há brasileiros demais por aqui, isto sim, e dos que fazem da Embaixada seu recurso e seu centro turístico, o que torna o pôsto cansativo e às vezes tantalizante. A vida, caríssima, punge por outro lado. Mas as compensações são tantas, e tão belas, que tudo vale a pena, vale. Sempre que podemos, que há um feriado pegado

a um domingo ou permitindo “ponte”, saímos a girar por esta França – Borgonha, Alsácia, Jura, Bretanha, Normândia – e tudo cintilla e pulsa, em vinhos, museus, e paisagens. Em outubro do ano passado, fizemos férias na Itália. Ah, Silveira, a Itália ! A respeito dela, não acredite em opiniões, em informações, em leituras e descrições, mesmo nas mais exaltadamente elogiosas : a Itália é ainda mais bela, mais séria e maior do que eles cantam. Ela é a minha paixão dos 40 anos, por ela fiquei desvairado, perdido. Se Deus quiser, lá voltamos, nas férias deste ano, e nas férias dos próximos dez ou vinte anos, enquanto houver. Não vou mais a outra parte. Estive em Milano, Como, Stresa, Pallanza, Verona, Pádua, Vicenza, Veneza, Ferrara, Bolonha, FLORENÇA, Siena, Pisa, San Gimignano, Assis, Perúgia, Roma, Nápoles, Cápri, Sorrento, Amálfi, Ravello, Positano e Paestum. O que é mais belo ? TUDO. Tudo é o mesmo flúido, cada uma tem suas riquezas e seus encantos. Desta vez, pretendíamos ir a Ravenna, Rímini, Lucca, Parma, Orvieto, Viterbo, e à Sicília ; mas, como deixar de voltar a ver as cidades já vistas ? Não tenho coragem de desprezar nenhuma, e aí é que é o tormento. A Vocês eu digo, meu gosto seria trocar Paris por Nápoles, agora que o pôsto vaga, e lá aninhar-me, por quatro anos, pelo menos, no lugar incomparável que os colonos grêgos, deslumbrados e confortados, denominaram Posílopo : “cessação de tristeza”...⁷⁷

Literariamente, tenho trabalhado pouco, e estudado muito. Agora, pretendo começar rijo, depois que me esforcei no sentido de resolver um pouco a dificuldade que mais me atrapalhava : a vulnerabilidade maior, quando a gente se põe de “sensibilidade aberta”, para escrever, e se está em lugar frequentado e agitado como é este aqui.

Seu telegrama, faísca que deflagrou esta, não podia ser mais bem-vindo⁷⁸. Estou contente, o conselheirato é grau simpático. Depois, como Você sabe, tanto a êle quanto ao Quadro de Acesso⁷⁹, cheguei sem pedir nada, direta nem indiretamente, e isso dá alegria mais tesa. Naturalmente, se eu estivesse no Rio, teria pleiteado a promoção à classe M⁸⁰, com muitas possibilidades de êxito, porque não tenho preconceito nenhum contra “cavar”, apenas preguiça e prudência. Assim, porém, pela simples circunstância de estar longe, pude conservar intacta minha virgindade nêsse particular, o que representa um valor para mim, não tanto por vaidade, mais por metafísica.

De Você, de Vocês, gostaria de saber tudo. Fico esperando uma gorda carta, daquelas de que nunca me esqueço, maiores que tôdas.

Para May e as meninas, tôda a nossa lembrança. Beijo meu Afilhado. E a Você abraço, fortemente, saudosamente, com a alegria de quem hoje vai dormir bem, como se debaixo de árvores;

seu amigo

Guimarães Rosa

77 Posílopo (“Pausilypon”, em grego) é uma colina na beira da baía do Golfo de Nápoles. “Pausilypon” quer dizer “cessação de tristeza”.

78 Provavelmente parabenizando a promoção a Conselheiro.

79 Lista de candidatos escolhidos para promoção na carreira diplomática

80 Veja o rodapé 6 da Carta 1.

Carta 12

Paris, 17 de fevereiro de 1951.

Ainda em Paris, JGR está preparando seu retorno ao Rio, para assumir novamente a chefia do gabinete do Ministro Neves da Fontoura. AAS está de volta ao Rio, auxiliando o chefe do Departamento de Administração do Itamaraty.

(Cabeçalho da Embaixada do Brasil em Paris)

Em 17 de fevereiro de 1951.

“CONFIDENCIAL”

Querido compadre,

Êste é rapidíssimo recado, para pedir a Você um grande favor. Conto chegar aí no dia 6 de março, no avião da Panair (Aracy viajará de vapor, chegando bem mais tarde, em quase-fim de março.) Vou precisar de um hotel. E aqui é que espero ter desde já a sua brilhante ajuda. Não tenho escolha feita, nenhuma idéia a esse respeito. Apenas, êstes dados : nada de hotel caro, grã-grosso ou granfino, que me liquide financeiramente ; desde que seja compatível com a decência elementar, no meu caso, e o conforto não esteja ausente, ficará bem. Minha preferência vai para o Centro, semi-Centro ou Flamengo e redondezas ; Copacabana não me atrai (a não ser que lá Você encontre coisa muito especial, no tocante às outras condições.) Melhor também, quanto às nuances, que o hotel vá um pouco mais para o gênero residencial que para o turístico. Tenho, na mente, coisa assim no estilo do Hotel Regina (Rua Ferreira Vianna ?), mas esta é apenas uma indicação, pois não sei como êle está, no momento. (Na margem: E o “Central” ?). Pensei, também, no Hotel Avenida, porque era, antigamente, muito mineiro. Mas o gênero Regina é que predomina. O Flamengo é a região minha predileta. Afinal, a coisa não é de gravidade, pois, como estarei sozinho, e com bagagem de avião, sempre poderei facilmente “remover-me”, caso in loco venha a preferir outra coisa. Assim, para sermos práticos, pediria a Você:

- I) Logo que esta lhe chegue às mãos, acusar o recebimento, a fim que eu fique tranquilo;
- II) tomar como fixa e certa a data de chegada : 6 de março (se houver qualquer mudança, telegrafarei a Você, comunicando-a);
- III) Você poderá fazer logo a reserva do quarto (com banho), se assim achar conveniente e fôr necessária boa antecedência.
- IV) Tôda a parte referente à escôlha do hotel, peço que Você a tome como “confidencial”, guardando o assunto só com Você mesmo (!!!) – isto para ficarmos no meu estilo velho, de ultra-môita. Quanto à data da chegada, o assunto não tem importância, pode ser divulgado.

MERCI, imensamente, meu Compadre. Tenho de acabar aqui, pois o tempo me oprime, tenho de alcançar o correio. Obrigadíssimo.

Grande saudoso abraço. Beijo o Flavio Ernesto, com carinho. Nossas afetuosas lembranças, de Aracy e minhas, vão à May, às Moças, a Vocês todos.
Seu

Guimarães Rosa

Carta 13

Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1954.

Depois de passarem três anos no Rio de Janeiro, de 1951 a 1954, novamente os dois amigos se separam – é o próprio da carreira diplomática. JGR permanece no Rio, chefiando a Divisão de Orçamento (DO) do Itamaraty e AAS, depois de ser promovido a 1º secretário em 1953, é removido para Madri, onde chega em setembro de 1954, tendo atravessado o Atlântico com a família a bordo do “Lavoisier”, desembarcando em Vigo, na Espanha, e seguindo de trem para a capital espanhola.

Esta carta é a resposta à carta em que AAS descreve sua chegada na Europa com a família, de que não há cópia. JGR a comenta com muita graça, depois faz uma “listinha impressionista” dos autores espanhóis que devem ser lidos, a começar pelo grande filósofo Ortega y Gasset, em seguida fala do trabalho febril que está tendo com o novo livro de novelas, e mais adiante comenta com emoção o suicídio do Presidente Getúlio Vargas, sem esquecer porém uma palavra de humor.

Rio, 11 de outubro de 1954

Querido Compadre,

Que ótima carta ! Acompanhei tudo, a olhos : viagem, mar, chegadas, entrada em Espanha ; e posse. Até me ri – mas me afobei e agitei – correndo com Você, na estação, atrás do trem, atrás da mala ; atrás de um restinho de Brasil ? E acompanhei Vocês ao apartamento novo. Comêço de posse. E, cada dia, aprenderão mais e mais como isso aí é lindo, cheio de côr e consistência. Essa bizzaria – salero⁸¹, “hombria”⁸² – êsse telurismo sério, essa tristeza alegre. Sabe ? – primeiro que tudo : vá, mil vezes, ao Museu do Prado, e leve May, o Flavio, as meninas. Viva lá, sugue aquilo. É algo de mundialmente formidável, e que insensivelmente enriquece a gente, abre imensos horizontes. Quanto aos livros, acho melhor não organizar lista. Fica rígido, esquemático, docente demais, coage. Você, aí, já estará no meio da Cultura, densamente, tudo vai girando ao redor, devagarinho. Apenas, umas indicações, de coisas importantes, e que podiam ficar retardadas. Assim:

ORTEGA Y GASSET – compre tudo, vá saboreando. Sério.
DON RAMON DE VALLE-INCLÁN – não deixe de ler a sua
“Sonata de Estío”.
GARCIA LORCA (FEDERICO) – Tudo, tudo, e urgente !
JUAN JAMON JIMÉNEZ – Indispensável : “Plantero y Yo”
– uma delícia!
AZORIN – importante e gostoso.

Por hoje, só isto. Como você vê, uma listinha impressionista, só uns raminhos com orvalho. O mais, você irá descobrindo, e será Você a os ensinar a mim.

81 Sal.

82 Virilidade.

Não mando o poema do Drummond⁸³, porque, em breve, êle sairá publicado, no novo livro, geral, do Poeta : “ O FAZENDEIRO DO AR”⁸⁴. Não é um bom título ?

Gostei muito do retratinho, isto é, gostamos, Aracy e eu, muito. (O Flávio é que saiu assim um pouco encolhido, resumidinho, mas está ótimo.) Mande sempre retratos, êles alegram. O do Flávio, grande, com o mapa ao fundo, já está sendo pôsto em quadro, ficará perto de minha mesa. E, por falar, estou trabalhando, febrilmente, no acabar o livro de novelas⁸⁵. Febrilmente – é a palavra. Caí na torrente, nem durmo direito, a coisa borbulha em grande calor. Terrível.

Terrível, também, tudo o que houve, o tremendo agôsto. Que coisa, bem Você diz, Antonio : uma mão grande andou no espaço, por cima de tudo, querendo estrangular o Brasil. Sentimo-la. E aquêlê fim, absurdêscô !? Um capítulo final que dificilmente se adapta à história do homem, parece postiço, apócrifo, espúrio. Se fôsse um romance escrito, Você não acha que a crítica malharia o autor, pela inverosimilhança do fêcho, inverosimilhança tanto no plano da arte quanto no plano da vida ? Ainda dias antes, dizia-me o Calero⁸⁶ : – “Ao Getúlio falta o sentido do dramático, que em geral nunca falta nos homens de Poder...” E não era ? Getúlio, para nós, durante 20 anos, e desde 1930, era : Gêgê, o “Velho”, o “Velhinho”, aquêlê charme, o charuto, o despistamento, o humor, dominador, o deixa-como-está-para-ver-como-fica, o “Êle”, o “Tenha calma, Gêgê”, o “Homem”, etc. etc. Sair, à fôrça, já saíra uma vez ; até isso ! E, de repente, a tragédia. Em pijama. E tome-se carta, e bilhete, e delírio reivindicador, cristomania... O que êle destriu foi uma lenda, um personagem esplêndido, uma grande figura, uma Weltanschauung, uma filosofia-de-vida... Lástima. Não, já não escreverei mais sua biografia. Êle virou paraguaio ; perdeu-se, no final. E, veja bem, o povo, do modo infalível e secreto como o povo sabe as coisas, o povo carioca teve viva noção disso. Tanto que, como nunca aconteceu em casos de grandes mortes, uma infinidade de anedotas circulam, foram surgindo, às poucas, logo que se dissiparam os primeiros efeitos do triste impacto. Era a “compensação” – a restituição, à biografia do “Velho”, do seu verdadeiro capítulo final, plausível, próprio, compatível. Você leu dessas anedotas ? Chegaram até aí ? Pois foram dezenas. Algumas ótimas. Para o caso de te terem faltado essas, aqui vão duas :

– I –

Getúlio vem vindo para o Céu, da porta São Pedro estranha a lentidão arrastada de seus passos, e pergunta, bondoso, gritando ainda de longe:

– Calos, na certa ?

E G.G., resposta :

– Não. Carlos Lacerda...

– II –

Êle pega um momento de descuido, senta-se na cadeira de São Pedro. Ao querer tirá-lo, profere :

– Daqui, só saio vivo !

*

Que tal ? Riu-se, e não foi macabramente. Depois, as eleições, que, de tão boas, espantaram. O Rio Grande do Sul destruiu o getulismo, de modo fragoroso. O resto, que falta, nem se conta. Ê, como dizia um sertanejo, falando de um rincão perdido, de Além-Urucúia : – “Lá, só tem urubús e estórias...” O que é importante, Antonio, era o que eu dizia. Nosso “Baixinho” estava sendo um

83 Talvez uma alusão ao poema “A Federico García Lorca”, em “Novos Poemas” (1946 – 1947), “Fazendeiro do Ar”, Livraria José Olympio Editôra, Rio de Janeiro, 1955, página 392.

84 JGR mandou pouco depois um exemplar do Fazendeiro do Ar a AAS com a seguinte dedicatória:

Compadre :

Mais compadre.

Sempre compadre.

Compadre.

Rio, 54.

85 Será publicado com o título “Corpo de Baile”.

86 Carlos Calero Rodrigues, diplomata.

inocente-útil. Demagogia + manso messianismo gostoso + perõnofília + essência caudilhista + ódio aos E.E.U.U., por causa do 27 de outubro + gagaismo ? Não sei. Não quero culpá-lo. Eu gostava dêle. Tive grande pena. Ele era “un chic type” ? Getulizei, muito. Mas, agora vejo, melhor, como estávamos indo para os buracos, com a turma em tórno se aproveitando. Arranjavam coisas artificiais, um planisfério trabalhista, um experimentalismo proletarizante ; uns canécos ! Bem, vou calar a bôca, senão Você me chama de “reacionário”, passa pito. Não sou reacionário, sei. O que eu não gosto é de circo. Pax.

Antonio, o caso das pesetas vai indo em mãos, conforme Você terá já sabido. D.A. & DCn.⁸⁷ Espero que tudo corra bem, e que não chateiem Vocês. Coopero, em tudo, sempre que posso; e, mesmo, meto o bedêlho. Agora, quanto à nossa Tabela de Representação, as perspectivas não são promissoras. Austeridade, recuperação, economia – são os maîtres-mots. E o Ministro⁸⁸ é econômico. (Não houve intenção de nenhum trocadilho). Acho difícilimo que possa haver aumento. Estou certo, porém, de que não haverá diminuições.

Que estamos com saudades, estamos. É preciso que Você escreva, de vez em quando, contando-nos de Vocês e contando da Espanha. Olhe : quando tiver à mão algumas revistas ilustradas, velhas, mande. É pôr na mala-comum, revista não tem idade. Gosto delas. Obrigado.

Abraçamos Vocês, afetuosamente. May, Léa, Lina, Lúcia⁸⁹, Flavio, Você. Lembranças carinhosas, de Aracy e minhas.

E o abraço, grande, forte, de seu,
muito Compadre,

Guimarães Rosa.

87 D.A. – Departamento de Administração, DCn – provavelmente Departamento Consular, do Itamaraty.

88 Ministro Raul Fernandes.

89 Quarta filha de AAS, nascida em 1953.

Carta 14

Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1955.

JGR continua no Rio, chefiando a Divisão de Orçamento (DO) do Itamaraty. AAS continua em posto na Embaixada do Brasil em Madri.

Esta é uma carta formidável, pelas palavras afetuosas e pelo relato dos escritos e do trabalho.

Rio, 3.VIII.55

Meu querido Compadre,

A vontade de escrever tem sido grande, e constante, há muito tempo, nem sei: As vastas saudades. Para trazer a Vocês – à Comadre, ao FLÁVIO, Léa Maria, Lina Margarida e Lúcia May – as nossas carinhosas lembranças, de Aracy e minhas ; pois sempre estamos lembrando e falando de Vocês. De uma enorme e repetida conversa com Você, nem imagina como sempre sinto falta : tudo precisa do nosso disputado, deblaterado comentário. Itamaraty e arte, vida e etcéteras, política e metafísica. Depois, tenho recebido tudo, as afetuosas remessas madrilenhas – as revistas, os recortes ; principalmente a carta (do Hotel Vouillemont, com a forte aragem parisiense⁹⁰). Principalíssimamente, o retrato de Primeira Comunhão, com o nosso Flávio Ernesto notável, admiravelmente êle-mesmo, denunciando, suave e solerte, aquelas sensibilidade e inteligência do novo tipo humano, que vai “herdar a terra” ; e com Léa Maria, bonita como qualquer espanholazinha mais não poderá ser. Enfim, mas não menos para o coração, o telegrama⁹¹ dos queridos “Flavantônios” (perfeita síntese, aliás, que achei da melhor qualidade). Tudo isto nos deu boa alegria, real. Eu queria agradecer, de cada vez, andei andando com a sua carta no bolso ; mas, Você sabe com é – a gente não se resigna a apressar umas curtas linhas, quer tempo e calma para mais ; e, aí, o tempo vai passando, vai, vai, mesmo. E a vida tem sido endiabrada e vultosa, para mim, nestes meses. Como Vocês já sabem, a comadre Aracy esteve doente, com operação (viva o Dr. Paranhos !⁹²). O orçamento – a D.O. – por inverossímil que pareça, tem-me dado trabalho ; agora, de um mês para cá, por exemplo, com a defesa, na Câmara dos Deputados, da Proposta para 1955. Muitas emendas, novo relator, grande luta ; mas tudo está saindo bem. Mais que tudo, porém, sobrecarregam-me os meus livros. Meti-me a fazer coisa grande demais (no tamanho). Já entreguei ao José Olympio o “Corpo de Baile” – que é um verdadeiro cetáceo, nas dimensões : sairá em dois volumes, de cerca de 400 páginas, cada um. E são apenas 7 novelas, imagine. Agora, porém, retoco e recopio o romance, o “GRANDE SERTÃO : VEREDAS”, e ando apenas pela metade. Sendo que vai ser um mastodonte, com perto de 600 páginas. Trabalho enterrado naquilo, chego a perder a noção das coisas externas. Por isso mesmo, em pôsto não penso ainda, não posso. Só depois de pôr os dois cartapácios na rua. Também, é melhor. Assistirei à posse do Juscelino Kubitschek (caso não

⁹⁰ AAS e sua esposa passaram alguns dias de férias em Paris em 1955.

⁹¹ Telegrama provavelmente parabenizando JGR pelo seu aniversário, no dia 27 de junho.

⁹² Dr. Ernesto Crissiuma Paranhos, marido de D. Dinah, pai de May, portanto sogro de AAS. Célebre ginecologista e cirurgião no seu tempo.

prevaleça o “Candidato Golpe”, que alguns acham também muito cotado⁹³)...

Ah, não sei se Vocês já sabem que, desde março, sou avô. É uma netinha linda, muito muito clara, loura, com olhos azuis e narizinho arrebitado. Chama-se Laura Beatriz Guimarães Rosa Pinheiro. Mas não envelheço, ao contrário. Trato, por via da arte, rejuvenescer.

O Itamaraty, igual, sedativo, discreto e nivelado. Para mim, pelo menos. Pois vou levando isto daquela maneira objetiva e panca, cuidando sempre de obedecer à formula : “o mínimo essencial, através do máximo de eficiência”. Automatizar o automatizável, cumprir o cumprível, restringir as superfícies, negar côr pessoal aos acontecimentos. É bom, serve.

O que eu gostaria, e muito, era de saber o que você faz aí, de válido. Leituras, europa, espanhas. Como foi Paris, o impacto, o corpo-a-corpo ; e, agora, o assimilado e o residual ? Arranja uma folga, e relate, Compadre. Fico esperando. Não gosto de que Você “cresça” aí, sem que eu possa acompanhar a grande transformação.

Ah, antes que me esqueça : o Flávio Ernesto já tem o livro “Le Petit Prince”, de St.-Exupéry ? Mande-me dizer. O que é que êle tem feito e falado, aí dentro da Espanha ? Às vezes, a saudade da Europa me vem, mas ainda está longe do amadurecimento. Mas, no ano que vem, já sei, a Itália predominará. Então, já fico imaginando nosso próximo encontro, quelque part por aí, onde um pouco de Mediterrâneo bem haja. Até lá, um abraço forte, invariável. Outro grande, saudoso abraço, ao Flávio Ernesto, do “Padrim”. Mas, escreva, mesmo.

Até outra, então,
do Compadre, Amigo,
Guimarães Rosa.

93 Havia quatro candidatos à eleição presidencial de 1955: Juscelino Kubitschek, Juarez Távora, Adhemar de Barros e Plínio Salgado. O “candidato Golpe” se refere a Juarez Távora, militar e político envolvido na conspiração que levou à deposição em 1945 do então ditador Getúlio Vargas, e também foi um dos líderes das manobras políticas que resultaram no suicídio em 1954 do presidente eleito Getúlio Vargas.

Carta 15

Rio, 9 de fevereiro de 1956.

JGR continua no Rio, chefiando a Divisão de Orçamento (DO) do Itamaraty. AAS continua em posto na Embaixada do Brasil em Madri.

Nesta carta JGR dá uma descrição pungente dos dias que precederam e sucederam a entrega dos originais do CORPO DE BAILE e do GRANDE SERTÃO : VEREDAS ao editor José Olympio.

Na margem, à mão, a inscrição “14.4.56” indica que AAS respondeu nessa data.

Rio, 9.II.56

Querido Compadre,

Não repare no atraso, estes últimos tempos têm me sacudido e me moído. Uma luta, sob o calor ; despropósito. Recebi suas cartas, que muito me alegraram, como sempre, decerto ; e o catálogo da Exposição Felina⁹⁴, gratíssimo. Queria escrever, a cada momento. Mas, na fase final, e nas providências e cooperações da mecânica editorial, os dois livros me maltrataram tanto, que foi até demais. Conto a Você que, na última semana, antes de entregar ao José Olympio o “Grande Sertão”, passei três dias e duas noites trabalhando sem interrupção, sem dormir, sem tirar a roupa, sem ver cama, sem tomar pervitin⁹⁵ nem nenhuma outra droga : foi uma verdadeira experiência trans-psíquica, estranho, sei lá, eu me sentia um espírito sem corpo, pairante, levitante, desencarnado – só lucidez e angústia. Daí, entregues os originais, foi uma brusca sensação de renascimento, de completa e incômoda liberação, de rejuvenescimento : eu ia voar, como uma fôlha seca. Imagine, eu passei dois anos num túnel, um subterrâneo, só escrevendo, só escrevendo eternamente... Daí, veio-me uma forte gripe, naturalmente ; e, Você sabe bem, a gripe é uma das mães da humildade. Agora, ando ainda estonteado. Tenho de limpar-me dos persistentes fantasmas dos personagens criados, tenho de readaptar pouco a pouco o espírito à luz crua da realidade, que sempre é áspera, envolvente e ápada-acéfala...

Consola-me já ter à mão o primeiro exemplar, de amostra, do “Corpo de Baile”, o qual ficou uma beleza. E, o “Grande Sertão”, já estamos com o livro composto (594 páginas), pois o José Olympio abriu para ele espontaneamente uma exceção – tocou-o com “batedores”, mandou que passassem por cima de tudo, prioridade absoluta, veja Você – um record de velocidade. Daqui a pouco, Vocês estarão aí lendo coisa braba.

Mas, veja como fiquei e estou ainda transtornado, escrevo a Você depois de tanto silêncio, e só falo de mim, e da literatura. Deixa, que, na próxima, prometo estar mais “humanizado”. Nestes dias, ando também um tanto desnorteado, a respeito do que fazer comigo. Principalmente, a respeito do que querem fazer comigo. Defendo-me. Só procuro penumbra, sossêgo, tempo e

⁹⁴ O gosto de JGR pelos gatos sendo conhecido, é possível que AAS tenha lhe enviado um catálogo da Exposição Felina organizada em Pádova em dezembro de 1955 pela Princesa Beatriz de Montenevoso.

⁹⁵ Pervitin : anfetamina – estimulante que em pequenas doses combate o cansaço e propicia estado de alerta e concentração.

dinheiro, ócio e inspiração. A política me horroriza agora, a um ponto que Você não pode imaginar. A política é o demônio, suas obras, sua desordem. Vamos ler Platão. Lá está tudo.

Tenho falado com o Guilhaon⁹⁶. Você sempre presente, na conversa. Saudades, sempre. Uma carta sua é fato grande, coisa clara, que conforta. Como vai o meu Flávio ? Como vão Vocês todos, a Comadre, as Meninas lindas ? Abraçamos Vocês, com o afeto sincero, que só aumenta. Aracy vai bem, falamos muito em Vocês. Retratos sempre me alegram, é um modo de rever e acompanhar a Turma! Fico esperando carta sua. Responderei melhor, prometo.

Agora, outro abraço,
forte, forte, forte,
do seu,
Guimarães Rosa
(Compadre).

96 Manuel Emilio Pereira Guilhaon, diplomata, provavelmente de alguma forma com atuação relativa às promoções, que explicaria a referência.

Carta 16

Rio de Janeiro, 9 de maio de 1956.

JGR continua no Rio, chefiando a Divisão de Orçamento (DO) do Itamaraty. AAS continua em posto na Embaixada do Brasil em Madri.

Na margem, à mão, a inscrição “21.6.56” indica que AAS respondeu nessa data.

Rio, 9 de maio de 1956

Meu querido Compadre,

Suas duas cartas vieram me dar aquêlê empurrão de alegria velha conhecida e sempre voltada, e que faz, compadre-a-compadre, o caminho curto, feito na geometria a reta, entre ponto e ponto. Parece que vejo o Flavio ficando completamente bom, firme e melhor, depois de tirar as amígdalas, e a Lucinha também logo sã, e a Comadre gostando do nosso livro, e Vocês assim, e bem. Você, naturalmente, ansioso na incerteza, caceteado, com razão, por essa viscosidade brejenta, êsses canudos e cada hora entortados, o estilo desconforme, palposo, suino-espiritual, em que estagnam seu assunto⁹⁷. Nosso assunto, digo (desde o primeiro momento). Sinto Você inquieto ; mas muito perto. E – principalmente – sei que o caso da remoção está retardado, por essa miga de espera de prazo-de-2-anos⁹⁸ ; mas o trabalho feito até aqui, o impulso inicial, não ficou perdido : a bala continua na agulha, o tiro vai sair.

Ainda agora, conferenciei com o Guilhon⁹⁹, duas horas de conversa completa, só sobre. O Guilhon, para isso e muita coisa mais, V. sabe, é formado formidável. (Enquanto eu não consigo deixar de ser ôstra em pedra ou velho casco, êle sabe nadar, renadar, mergulhar, escalar rochedos e voar.) Peguei-o, pois, convocadíssimo, de lápis na mão, e êle me deu uma recapitulação geral – o mapa vivo, o gráfico, tudo, a coisa viva, o diagrama dos pontos minados (mas as minas estão desaparecendo), a cronologia em miúdo, as linhas-de-força. Estamos sensatamente otimistas. Agora, V. já deve ter tido notícias, por Dona Dinah¹⁰⁰ ou o Caio¹⁰¹. Estou certo de que temos só de marcar, com serenidade, êste compasso de espera.

Aliás, como eu ia começando a dizer, o Guilhon foi muito ativamente seu amigo, incansável. Logo que êle chegou aqui, conversou tudo comigo. De outras coisas, mais tarde havemos de falar. O que sinto, no momento, é não estar válido para ajudar, ser eficaz ; depois também explicarei a Você os porquê. Apenas fico na área, para a ínfima ajudazinha, que quase não vai além de firme “torcida”, e de acôrdo com aquilo : primo, non nocere. Que compadre desviado e frouxo, êste que você tem...

Agora, um palpite : mande uma carta ao João Emílio¹⁰², clara e calma, limpa, simples, só amiga e absolutamente firme-confiante, quase impessoal no tocante ao centro do assunto. E outra

97 Alusão à falta de definição, naquele momento, do próximo posto de AAS (a “remoção”, mencionada nas linhas seguintes).

98 AAS havia chegado dois anos antes em Madri, e dois anos era o mínimo período de serviço em posto no exterior.

99 Veja a Carta 15.

100 Dinah Caldas Paranhos, sogra de AAS. Veja a Carta 1.

101 Caio Pinheiro, cunhado de AAS. Veja a Carta 1.

102 João Emílio Ribeiro, diplomata, naquele momento chefe do DA.

ao Sette Câmara¹⁰³, igualmente serena e quadradinha. Já vejo Vocês em Florença – (céus ! aquilo é sublime.) Ou em Bordeaux ? – o clima é melhor que o de Florença, ou de que o de Milão, isto sim.

ooo

Compadre, o que Você disse, tão bonito, do Minguilim, me entusiasmou. Vou arrebanhar recortes de crítica, para enviar ; quando Você me escrever outra vez, diga-me quais os que já terá lido aí. O “Grande Sertão” sairá breve.

Aracy está aqui ao meu lado, as saudades que vão – a May, ao Flavio, às Moças, a Você – são as nossas, juntas.

Com o grande, forte, saudoso, sincero
abraço amigo

do seu (compadríssimo)
Guimarães Rosa.

103 José Sette Câmara Filho, diplomata, advogado, presidiu o gabinete civil de Juscelino Kubitschek e foi Prefeito do Rio de Janeiro.

Carta 17

Rio de Janeiro, 19 de maio de 1956.

JGR continua no Rio, chefiando a Divisão de Orçamento (DO) do Itamaraty. AAS continua em posto na Embaixada do Brasil em Madri.

Na margem, à mão, a inscrição “21.6.56” indica que AAS respondeu nessa data a esta carta (e também à carta 16).

JGR anuncia a remoção de AAS para Florença.

Rio, 19 de maio de 1956

CONFIDENCIAL

Querido Compadre,

Acho que te escrevi uma carta tôla. Acho que foi da hora, eu estava no meio de coisas tôlas, numa folga da agitação literária – últimas trabalheiras com o “Grande Sertão” –; e, principalmente, não queria chover no molhado, não queria repetir a Você o que V. já sabia. Daí, o mólho de poesia e etcétera, o minueto, a vaguidão amiga.

Mas hoje volto. Fui ontem ao Sette Câmara¹⁰⁴. Eu queria palavras mais garantidas, carimbadas. Fui ao Sette Câmara, (o Sette é elemento da maior importância, atualmente, Você sabe.) Voltei de lá contente, acalmado, respirando. Definição batatal :

VOCÊ VAI PARA FLORENÇA/
DEPOIS DE FEITO O DECRETO, ALGUÉM LEVANTOU
O ASSUNTO DO PRAZO DE DOIS ANOS:
O PRESIDENTE DECIDIU ENTÃO QUE SE ESPERASSE
COMPLETAR O TEMPO. Mas, zangado, DETERMINOU
TAMBÉM QUE NENHUMA OUTRA REMOÇÃO
ANTES-DE-PRAZO SE FIZESSE. (Ainda agora,
do Itamaraty queriam que o Melilo¹⁰⁵ fôsse para Caracas –
alegavam que a exceção cabia, por ser caracas um mau posto.
MAS O PRESIDENTE DISSE QUE NÃO. Se é prazo, então
prazo é prazo ! ; ou prazo não é prazo ? Digo eu : GRANDE
PRESIDENTE !) E F L O R E N Ç A ficará vago,
aguandando o prazo, para o Compadre ir para lá. Batata.

Daí, eu disse ao Sette : - Mas o prazo pode ser
o dia D que marcará os dois meses antes da data – isto é,
sessenta dias antes, correspondentes ao prazo de partida, etc. ?

O Sette achou bem. Estou feliz.

¹⁰⁴ José Sette Câmara Filho. Veja a Carta 16.

¹⁰⁵ Melillo Moreira de Melo, diplomata. Veja a Carta 1.

Bem, Compadre. Disse a Você para escrever ao Sette e ao João Emílio¹⁰⁶, pelo único motivo de que ambos são seus amigos e de que um e outro estão com influência ascensional, crescente, um aqui no Ita¹⁰⁷, o outro no Catete¹⁰⁸. Cartas de elegância, apenas, naturalmente.

E exulte. E leia com a Comadre o nosso livro, que ele dá sorte. Abraçamos Vocês, todos juntos e o Flavio, e depois, um por um, afetuosamente.

Saudades, brabas,
do Compadre
Guimarães Rosa

106 João Emílio Ribeiro. Veja a Carta 16.

107 João Emílio Ribeiro no Itamaraty.

108 José Sette Câmara Filho no Palácio do Catete, sede do Poder Executivo até 1960.

Carta 18

Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1956.

JGR continua no Rio, chefiando a Divisão de Orçamento (DO) do Itamaraty. AAS foi nomeado Cônsul em Florença e acaba de se mudar com a família.

Rio, 3 de dezembro de 1956

Querido Compadre,

Muita coisa para conversar com Você, depois dêsse silêncio grôso, avolumado. Ô tempo que tanto corre ! Saudades sempre. Mas, várias vezes, fui deixando de escrever, de propósito ; porque Vocês estavam com D. Dinah e Dr. Paranhos¹⁰⁹ aí, e atarefados em mostrar-lhes muito de Espanha, alegremente, ao mesmo tempo que em despedidas, e desarrumando e arrumando coisas, fazendo a giração brava que é mudança de pôsto ; e seguindo querências, tudo, tudo. Assim, dei a Você um prazo. Mas, agora, com o Natal chegando, com a rotina decerto retomada, chegou a minha hora, a hora nossa. Estou aqui.

Já falamos, longo, ao telefone, com D. Dinah e Dr Paranhos, que nos contaram, jovialmente, entusiasmadamente, passagens daí, notícias, do Flavio e de Vocês Queridos todos. Gostei. (Qualquer noite destas, iremos em casa do Dr. Paranhos, ouvir mais e evocar.) Gosto, principalmente, de que Vocês estejam aí, nesse país fabuloso, nessa cidade incomparável. (Você sabe : para mim, “no duro”, a Itália, se não é ainda o Céu, também já não é mais simples terra – está bem acima desta terra – Extra-Itália... E FLORENÇA... bem, nem quero falar nisto, a saudade me angustia.) Digo, apenas, aproveitem, aproveitem, tôdas as horas, todos os minutos, porque, se não, depois Vocês não aguentarão, de arrependimento !

Ah, antes que me esqueça : o Dr. Paranhos me falou no livro de Ginecologia, remetido de Madrid, pela mala. Até hoje, o livro não chegou ; estou atento.

Já sei que vocês receberam o exemplar do “Grande Sertão”, e estou contente. Não saíram tão bonitos como os comuns os “de luxo” (porque ficaram sem a capa colorida e bela que o Poty¹¹⁰ fez) ; mas sempre vale a qualidade do papel-de-arroz. Você já viu um dos comuns ? Acho que a própria grossura formal fica mais adequada ao livro. Aliás, para a edição de luxo, tiveram de pôr de novo a composição na máquina (dizem : enramar outra vez), e, com isso, caíram alguns tipos, de modo que já na 1ª página vi um erro de letra... (vargens e não cargens). Aliás, acho que não tive ainda ocasião de explicar a Você que não mandei o “Corpo de Baile” em edição especial, porque achei que ela tinha ficado péssima : sem a capa bonita, e num papel grosso demais, deu uma coisa feia, pretenciosa e incômoda ; e assim pesguei os exemplares a êsmo, trocando quase todos com o José Olympio, para que êle os oferecesse a “medalhães” e políticos, etc.

Mandei a Você, já aí para Florença, um número da revista “MANCHETE”, por causa de uma crônica de Paulo Mendes Campos¹¹¹ sôbre o “Grande Sertão”. No mesmo número, saiu um trecho espetacular, com fotos, etc. ; mas explico a Você que aquilo não foi entrevista, coisa-nenhuma

109 A sogra e o sogro de AAS. Veja a Carta 1 e a Carta 14, rodapé 3.

110 Napoleón Potyguara Lazzarotto, desenhista. Ilustrou vários livros de JGR; assinava “Poty”.

111 Paulo Mendes Campos, escritor e jornalista.

(não dou entrevistas, definitivo !), foi só que aquela moça simpática, a escritora Ruth Guimarães¹¹², andou me acompanhando, em São Paulo, ouviu pedaços de conversas, depois encomendaram a ela o relato, que foi simpático, se bem que postico e sem realidade pessoal. Enfim, o resultado foi bom, a “onda” publicitária vai fazendo vender os livros. Eu, cá, estou agora pondo em ordem meus montes de notas, para ver se começo a escrever outros livros. No mais, tudo em paz.

Agora, por hoje, vou parar – “esbarrar”. Ando pensando na primeira carta que V. me mandará daí, falando de Fiesole, da Praça da Annunziata, do Museu do Duomo, do Cristo do Cimabue, de San Miniato al Monte. Depois, de Pisa, Luca, Volterra, Siena e San Gimignano, de Arezzo e de tudo. Ah, um poggio¹¹³, os ciprestes, essas sfumature no horizonte... Mas fale-me de Vocês, do Flávio, das meninas. Aí, eu escreverei mais. Agora, BOAS FESTAS ! ALEGRIA ! Feliz natal, um Ano Novo cheio de boas surpresas ! Mas o nome da nossa querida Comadre May tem de ser com tôdas as letras mencionado.

Aracy e eu – estamos com Vocês.

E o abraço forte

do Compadre

Guimarães Rosa.

(*Na margem*) O “IL TEMPO” de Roma, de 27 de novembro, trouxe uma notícia, grande, do G. Sertão. Se você tiver um exemplar à mão, queria mandar para mim ?

112 Ruth Guimarães Botelho, escritora e tradutora.

113 Tratoria italiana tradicional.

Carta de AAS

rascunho – setembro de 1957.

Ainda como Cônsul do Brasil em Florença, AAS foi convocado para chefiar a Comissão Brasileira de Seleção de Imigrantes, na Embaixada do Brasil em Roma, razão pela qual ficou indo e vindo entre Florença e Roma, até ser finalmente removido como 1º secretário para Roma. Esse rascunho, curto e inacabado, de uma carta a JGR, é sobretudo interessante pelo humor, célebre, de AAS. Sem data escrita, é evidente, no entanto, pelo conteúdo, que se trata de setembro 1957.

Joãozinho,
Joãozão
Olhai pro céu,
Olhai pro chão,

Antes que faça um ano que sai daí¹¹⁴ e um ano, também, da data do meu aniversário, escrevo a V. às carreiras, para que se lembre de mim nesse dia e saiba que eu existo ainda.

Não os vi, mas tenho sabido, com certa curiosidade, puxada a ciúme, de uns versos seus novos. Sera demais pedir a V. que me mande cópia deles, se puder ?

Há seis meses, ando numa vida impossível, entre sábado e domingo com a família em Firenze, e semanas de trabalho de escravo, em Roma, coisa que, para um gato de casa como eu, é algo desbaratante. E o velho Ita¹¹⁵, como sempre, não se decide a tomar uma decisão já assentada, em princípio. Fica só com aquele seu ar de caixa de pó-de-arroz que já acabou. A gente aperta o bicho e o mais que êle faz é dar uma fumacinha perfumada de resposta. Fumacinha magrinha, desidratada e, talvez, de óculos, para ficar mais à feição do senhor do dia.

¹¹⁴ É provável que AAS tenha feito uma visita ao Rio antes de assumir a chefia da Comissão Brasileira de Seleção de Imigrantes.

¹¹⁵ Itamaraty.

Carta 19

Rio de Janeiro, 17 de maio de 1958.

JGR continua chefiando a DO e é promovido a Embaixador no momento em que AAS se encontra em Genebra como membro da delegação do Brasil nas Reuniões da Comissão Executiva do Conselho Deliberativo do CIME (Comité Intergovernamental para Migrações Europeias). De volta ao Rio, AAS assume a chefia do Departamento do Pessoal do Itamaraty. Nos próximos três anos JGR e AAS se encontram no Rio.

Rio, 17.V.58

Compadre !

Só a alegria de abraçar Vocês, no pular dos minutos, à grata luz do grande telegrama genebrino¹¹⁶, que veio aumentar a gente. Transparência total.

É verdade, o fato se deu. E, confesso – apesar das conversas, transpiradas no último mês – houve forte surpresa. Foi numa segunda-feira, na parte da manhã, eu estava lendo afundadamente Berdiaeff (“Cinco Meditações sobre a Existência”), conforme assim nessa colada leitura passara o sábado e o domingo, guardando sem nenhum esforço a desejável neutralidade em face do destino, – quando o telefone tocou e eu já era Ministro de 1ª Classe¹¹⁷. Quanto à carreira, é a chegada ao pique, ao certo ssossêgo especial, a biografia aprontada. Quanto ao resto, vamos ficar quietos, deixando que a fumaça de um acontecimento se desfaça, para poder deixar a gente enxergar os rumos de outros.

Agora, aguardo, com ansiedade amiga, a efetuação de outras promoções, sendo que o coração teima em pedir que uma delas seja a nossa. Conversei com Dona Dinah¹¹⁸, e ela estava simpática e fervorosamente animada. Deus venha-nos à frente !

Li a entrevista¹¹⁹, e gostei muitíssimo. Objetividade, nitidez, densidade de conhecimentos perfeita, formidável adesão à tarefa, construtividade, possança pessoal, linhas firmes ; nem parecia coisa brasileira. Todos que leram, que sei, gostaram completamente. Que bom.

Agora, não consigo escrever mais. Hoje, porém, e principalmente, gostaria de ter Você aqui, necessário e lúcido ; sua passagem reacendeu saudades¹²⁰, tornou o mal-acostumar-me.

Mas, mais abraços, todo o afeto. Você, May, Flavio Ernesto, Lea Maria, Lina Margarida, Lucia May. E Aracy, comigo, presente e associada.

Outro, forte, saudoso,
do seu

Guimarães Rosa.

¹¹⁶ Parabenizando JGR pela sua promoção.

¹¹⁷ Ministro de 1ª Classe = Embaixador.

¹¹⁸ Sogra de AAS. Veja a Carta 1.

¹¹⁹ Provavelmente uma entrevista dada por AAS aos jornalistas presentes nas Reuniões da CIME.

¹²⁰ Provável visita ao Rio feita por AAS antes de assumir a chefia da Comissão Brasileira de Seleção de Imigrantes, em Roma. Veja a carta de AAS de setembro de 1957.

Carta 20

Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1962.

JGR acaba de assumir a chefia do Serviço de Demarcação de Fronteiras do Itamaraty, e está com o seu quarto livro, “Primeira Estórias”, já pronto para a publicação. AAS foi removido em 1961 para Paris como Cônsul Geral do Brasil, depois de chefiar, durante os três anos, sucessivamente o Departamento do Pessoal e o Departamento de Administração do Itamaraty.

Esta é uma carta singular! É uma conversa com seu amigo – afetuosa, profunda, emocionante – sobre a existência.

Rio, 25.I.62

Querido Compadre,

O envelope, êste, estava sobrescritado, há mais de dois meses a saudade estava presente e pronta, desde que Você embarcou, de noite, e sumiu ; mas hoje só foi que eu estudei que as cartas mais importantes a gente não escreve, ou tarda, e justamente porque os assuntos seriam muitos, todos, exigindo totalidade de expressão, simultaneidades, revisão de tudo, recaptura anímica dos dias e das horas, um esforço inteiro da gente, conforme a gente queria e precisaria. É quase como começar um livro. Escrever, de verdade, a Você, é impossível. Então, movo-me, e vou pondo e falando, fazendo de conta, fazendo de mim.

O que eu precisava era ter Você aqui perto, sempre. Para ouvir e falar, perguntar e comentar, e sentir ; até mesmo para ficar calado. De fato, nada mudou, no meio da eterna e externa mudança. Por dentro, sigo. Menos angústia, mais certeza ; isto, sim. Cada dia aprendo um pouco mais da vida. Sei, agora, que o labirinto também esta andando, avançando, evoluindo. Todo fim é exato. O que a gente tem de aprender é, a cada instante, afinar-se como uma linhazinha, para caber de passar no furo de agulha, que cada momento exige. Mas não pode ser analiticamente. Mas, como nas histórias de fadas, temos de achar e conservar o contacto com o Gênio que faz tudo isso para a gente. Você sempre conseguiu mais ou menos assim, por dom inato. Por isso, também, é que Você sabe tudo ; e mais que tudo, sabe dar, ajudar. Cada dia vejo mais como Você me ajudou, em tudo e por tudo, no teórico e no prático, sempre, mas, principalmente, no ano de 1960, grande e terrível¹²¹. A lista é enorme. E há o que não cabe em listas. A tal ponto, que, desta vez, quando penso em Você, o que cresce diante de mim, em mim, é uma imensa gratidão, amiga, que me emociona. Você, simplesmente, encarnou para mim a Providência. Tá ? Sem exageros. Um dia, depois, ainda havemos de conferir itens. Oh, COMPADRE.

Vou escrevendo, porém, e vejo que o que eu queria, mesmo, era saber de Você, de Você por dentro, fazer uma série comprida de perguntas. Você me entende. Daria a Você temas, a serem preenchidos. Por exemplo : A gente e o tempo. O papel dos atalhos e o dos desvios. A divisão dos outros, em mutáveis e imutáveis. Despojamento e enriquecimento. Incorporação e ausência. Das necessidades de retôrno a zero. Os ciclos de crescimento do espírito.

¹²¹ Aparentemente JGR esteve seriamente adoentado em 1960.

Porque, Compadre, a vida é coisa importantíssima. A vida como gráfico, como histórico de cada um de nós, como gradual solução de um problema muito sério, que cada um nasceu com êle, próprio e seu, e ter de ir, tateando e roendo, a trabalhá-lo, como um bichinho de goiaba, até conseguir-se fora da fruta. A todo momento, na ação esforçada ou na inércia, estamos obrigatòriamente a realizar êsse trabalho, eu acho. Assim, até os êrros eram importantes, eram necessários : representam o máximo que se podia fazer, em determinado ponto e momento. As coisas externas, pragmáticas, práticas, são apenas pretextos, pois os verdadeiros fins e meios são outros, que a gente não sabe, a gente trabalha pensando que brinca, e brinca pensando que está trabalhando. A direção, real, é única ; imposta. Você não acha tudo isso consolador ?

Esta filosofice tôda é para provocar Você. Isto não é carta : mas, quando muito, um sumário. Estou vendo se Você está aí, mesmo. E trazendo o abraço. Para Você ver que a gente sempre está perto. Lembraças muitas. Mas gosto de saber que a querida Comadre está aí, em Paris, que não sei de cidade e pessoa que melhor entre si combinem. Afeto.

(*Na margem*)

Muito afetosamente,
o seu (Compadre)
Guimarães Rosa.

Carta de AAS

datada de 16 de novembro de 1962.

Sempre chefiando o Serviço de Demarcação de Fronteiras do Itamaraty, JGR está de volta ao Rio, depois de viagem rápida à Alemanha para participar em Berlim de um Congresso de escritores, organizado pela revista Humbolt no Instituto Ibero-Americano do Patrimônio Cultural Prussiano. AAS está em Paris como Cônsul Geral do Brasil.

Paris, 16 de novembro de 1962

Meu querido Compadre,

Acho que desta vez V. foi um pouco implacável no seu absentismo. De fato, nem May nem eu poderíamos pensar que V. viesse até a Alemanha sem dar um pulo a Paris, para passar uns dias na nossa casa. Sua Comadre ficou bem decepcionada. Eu fiquei menos e por várias razões. A primeira delas, porque sei que V., se assim fez, foi apenas por uma questão de integridade. Integridade em relação a você mesmo e aos seus sentimentos. O congresso de escritores¹²², êste era importante, mas as possíveis e cabíveis diversões de Paris não o poderiam ser, para quem, como V., tem consciência de que o tempo passa e de que é necessário viver cada minuto do que é importante, inclusive porque o novo momento não substitui outro que passou: é apenas mais um, igualmente importante. Não compensa o deficit sofrido e, ao contrário, pode até acentuá-lo. Veja V. como são as coisas: queria, de início, queixar-me da sua não vinda a Paris e, agora, já estou exagerando na justificação do seu modo de ser. É porque, quando penso em relação a V., não posso desligar-me de um sentimento total de identidade. De qualquer modo, o que devo afirmar é que senti V. não ter passado por aqui. Minhas férias no Rio foram muito desgarradas e não pudemos conversar, como eu desejava. Aí é que vale a minha queixa. Talvez fosse importante conversarmos aqui, longe das coisas do Brasil. Neste desvio europeu, comporíamos atalhos e caminhos. Creio mesmo que o intermezzo do Rio possa ter sido um salutar retôrno a zero. Tornou-nos mais próximos ainda.

Pelo Josué¹²³, mandei a V. a gravata borboleta que havia ficado aqui, por engano, e uma pequena encomenda da Aracy. Espero que tudo já tenha chegado às suas mãos. Achei curioso que fôsse precisamente o Josué o portador do pequeno embrulho, e isso sem caso pensado. Êle esteve em casa almoçando e lá passou os olhos nos seus livros publicados pela “Seuil”. V. e êle são os dois únicos brasileiros que estão presentes em tôdas as livrarias francesas, grandes e pequenas. É coisa que dá muito prazer ver como “Nuits du Sertão”¹²⁴ figura em tôdas as vitrines. Achei muito boa a tradução do Villard¹²⁵.

122 Também participaram do congresso, em 1962, no Instituto Ibero-Americano de Berlim, entre outros: Rosario Castellanos, grande poeta e escritora mexicana, Enrique Anderson Imbert, escritor argentino, professor de literatura em Harvard, León de Greiff, poeta colombiano, e Juan Rulfo, escritor, cineasta e fotógrafo mexicano.¹²² O Grande Sertão : Veredas foi traduzido por James L. Taylor e Harriet de Onis, e publicado pelo editor Alfred A. Knopf, em Nova Iorque em 1963.

123 Josué Montello, grande escritor brasileiro.

124 Tradução em francês de “Buriti”, umas das novelas do Corpo de Baile.

125 Jean-Jacques Villard. Tradutor francês, traduziu várias obras de JGR. Veja a Carta 21.

Não tenho muito direito de lhe pedir isso, mas não deixe de escrever-me pela volta do correio. Sinto realmente muita falta do nosso convívio e acho que devemos retomá-lo de forma mais constante.

Com um abraço muito afetuoso do

Ass. A.F. Azeredo da Silveira

Carta 21

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1962.

JGR continua chefiando o Serviço de Demarcação de Fronteiras do Itamaraty e AAS continua em Paris como Cônsul Geral do Brasil.

Esta é a resposta à carta de AAS de 16 de novembro 1962. JGR fala das traduções de seus livros.

Rio, 31 de dezembro de 1962

Compadre querido,

Chegaram as encomendas de Aracy – (ela esteve muito tempo em São Paulo, mas jura, de grato e alegre coração, que vai escrever, um dia dêsses, a May). Chegou a gravata borboleta, que eu estreei uma porção de vezes, e, agora, abraçante, agradecidamente, escrevo a Você, a respeito de. Chegou sua carta (de 16.XI), ótima, inteligentíssima, compadríssima, carta como-sempre. Agora, hoje, porém, ainda não estou respondendo.

Porque tenho de escrever ligeiro, hoje, fim de antecomeço, com pulada pressa, antes que se feche o ano. Porque já era para o ter feito antes do Natal – que vesp’rei e passei enviando a Vocês longos votos de alegrias, de alma e de coisas. E, neste momento, e logo mais, no revirar emendado da Noite, êsses e mesmos votos, nossos, irão a Vocês ainda mais : por um 1963 Ano-Novo, rico e igual de tudo o que melhor, para May, Léa Maria, Lina Margarida, Lucia May, Antônio e Flávio ! (Abraçemo-nos.)

Depois, então, tornarei a escrever a Você. Desde que voltei da Alemanha, não faço outra coisa a não ser escrever e responder cartas de editôres e tradutores, perguntam tudo, conversam, é um não-para, sorvedouro, dobadoura, roda-viva, trem de mouro, tudo. Ainda mais, porque parte dessa correspondência eu caí na bobagem de aceitar fôsse em inglês, imagine. (O “Grande Sertão : Veredas” está pingando para sair, em Nova York, bem christened¹²⁶ de “THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS”¹²⁷. E, hoje, assinei, também com a Alfred A. Knopf, o contrato para o “Sagarana” em ínglich.)

E a respeito disso, mesmo, pediria que Você com a possibilíssima urgência, telefonasse convocando aí M. J.J. Villard¹²⁸, e lhe entregasse em mãos o que vai aqui junto, elementos importantes para a tradução francesa que êle está fazendo, também do “Grande Sertão : Veredas”. Obrigado, meu Compadre, muito. (Se Você gostar, converse com êle, o J.J. Villard, nas cartas, é homem muito interessante. O telefone dêle é MAILLOT 11-29.

126 “Batizado”.

127 O Grande Sertão : Veredas foi traduzido por James L. Taylor e Harriet de Onis, e publicado pelo editor Alfred A. Knopf, em Nova Iorque em 1963.

128 Jean-Jacques Villard, traduziu várias obras de JGR. A tradução do Grande Sertão : Veredas foi intitulada “DIADORIM” e

Sinto sempre falta de Você, de sua amizade (misteriosamente eterna) cósmica, de sua fortíssima-animadora presença, da incomparável lucidez. Você adivinha a gente, e quer bem à gente assim mesmo !

Mas, hei de escrever.

Obrigado, por tudo, Antônio.

Sempre acho, também, mais e mais, que a minha Comadre é tão suave quanto admirável.

Estamos com Vocês.

Então, abraço, forte, com afeto, o
seu

Compadre
Guimarães Rosa

P.S. – Acho que Vocês deviam pensar a me chamar só de João. ? –.

Carta de AAS

datada de 23 de abril de 1963.

É a cópia da resposta à carta de JGR datada de 31 de dezembro 1962.

Paris, em 23 de abril de 1963.

Meu querido João,

Tinha que te escrever, há muito. Com tanta notícia que não houve jeito de encontrar tempo. Mas não quero atrasar recado que é importante. Trata-se de notícia publicada ontem no “The New York Times International Edition”, sobre “The Devil to Pay in the Backlands”¹²⁹. A notícia me pareceu importante e com destaque excepcional. Inclusive tem tua fotografia. Você fez “mouche”, isto é, está tendo sucesso nos dois continentes onde vale a pena que isso aconteça. E sem favor algum, sem nada de oficial ou oficioso. Estou muito contente e os teus livros da França têm sido meus presentes obrigatórios aos amigos daqui, com muito sucesso.

Conheci o Villard. Escrevo pouco mas cumprio obrigação. Gostei dele. Já que você não o conhece, vou dizer que é homem alto, forte, simpático, com um pouco de cara de alemão, embora se veja que é pessoa que não dá muita importância a essa coisa de nacionalidade. Conversamos muito. Conversamos, principalmente, você. Quero tê-lo em casa para falarmos mais. Deu-me a impressão de ser sociável.

Como você talvez já saiba, Lina, nossa segunda filha, está no Rio, em casa do Dr. Paranhos¹³⁰. Vai casar em Outubro, o que me dá uma certa sensação de velhice. Temos tido saudades, mas, em todo caso, ela está fazendo companhia ao teu afilhado, o Flávio, que está um homem. Peço a você que, tendo um tempo livre, telefone a ambos. Sei que gostarão. Lina, que é mulher, saberá falar com mais facilidade, mas Flávio terá também satisfação. May irá para o casamento em agosto e eu, um mês mais tarde, salvo imprevisto. E o imprevisto talvez aconteça, pois sou capaz de ir antes.

Gostei muito de sua carta. Especialmente do 5º parágrafo, no qual você se refere a nossa amizade misteriosamente eterna e cósmica. Também acho que é assim.

Nossas lembranças afetuosas para Aracy e, para você, o abraço forte e amigo

do compadre

Ass. A.F. Azeredo da Silveira

¹²⁹ O “Grande Sertão : Veredas” traduzido por James L. Taylor e Harriet de Onis, e publicado em Nova Iorque pelo editor Alfred A. Knopf. Veja carta 21.

¹³⁰ Sogro de AAS.

Carta 22

Rio de Janeiro, 2 de maio de 1963.

JGR continua chefiando o Serviço de Demarcação de Fronteiras do Itamaraty e AAS continua em Paris como Cônsul Geral do Brasil.

JGR responde à carta de AAS de 23 de abril 1963.

Rio, 2 de maio de 1963

Querido Compadre,

Alegria. A carta e o recorte – grandes, ambos – adorei. Deus te dê tudo.

Obrigado, também, pela boa idéia de telefonar para Lina e o Flávio. Já telefonei. E foi lindo. Primeiro, de manhã, conversei com Lina, o Flávio estava no Colégio, no momento. Lina é aquele encanto, até na voz, no riso – ela é toda de ouro e flor. Tão noivinha ; mas tão de Vocês. Falamos, falamos, com contentamento. Depois, daí a pouco, o Afilhado me telefonou. Formidável. Ele é mesmo aquele homem inteiro e autêntico, sério e sensível. Senti (pela Lina, mais que por ele) que ainda tem superfícies doridas, no reagir e refazer-se do choque sentimental (E que chata, aquela mocinha de Laranjeiras ! – eu digo) ; mas, firme. Com aquela saberia e finura de qualidade, tão bem herdadas. E mais outros ingredientes, coisas próprias, dêle. Gostei, imenso. Ficamos combinados para outras ocasiões.

O Villard ficou – e eu já previra isso – totalmente encantado com Você, fã absoluto, sob máxima fascinação. Agora, ele me fala de Você, panegirista, em cada carta. E isso me envaidece. Compadre, que coisa forte é o compadrio – quando já era, anterior, quando é como o nosso !

Mas não deixe de ir dizer à Comadre MAY que ela é ela, muito graças a Deus, e inesquecivelmente.

Mais as nossas lembranças, e afeto e afeto, para Vocês, todos.

Mais o abraço constante

do seu

João

Carta 23

Memorando interno de 21 de agosto de 1963.
Memorando de JGR, como chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras a AAS, recém chegado de Paris, removido de volta ao Itamaraty para chefiar novamente o Departamento de Administração (DA).

O assunto desse memorando é um pedido de JGR a AAS de contratar uma pessoa para o Serviço de Demarcação de Fronteiras. São dois os fatores que fazem o interesse desse documento: o estilo admirável e o olhar magnífico de JGR.

Na margem acima, AAS revela seu sentimento, dando à mão, com lápis vermelho, a seguinte instrução: Arquivar na minha correspondência pessoal.

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

MEMORANDUM para o Sr Chefe do Departamento de Administração

Em 21 de agosto de 1963

PESSOAL

Compadre,

Às vezes, também, a gente tem sorte. O Serviço de Demarcação de Fronteiras. O Itamaraty. Corro a Você.

2. ANTONIO PEREIRA DE ALMEIDA é bom brasileiro, moço ainda (possivelmente 40 e poucos, como nós), miúdo, limpo, enxuto, inédito. Inteligente, polido, discreto, disciplinado perfeitamente sem arestas – a própria digna e oriental imagem da disciplina. Gostando de servir, não olhando para tempo. Não é uma rara avis ? E útilmente c o m p e t e n t e. Tem curso de contador-arquivista-dactilógrafo. Bate à máquina, rápido e certo. (Não é ele quem está dactilografando isto aqui, mas, sim, eu, mesmo, com um dedo só.) Dotado de espírito de iniciativa. Vive tôdas as suas responsabilidades de acôrdo com o normativo de uma filosofia : positiva, autêntica. Continúo.
3. Pois êsse ímpar elemento pertencia, até o mês passado, às fileiras ativas militares, no pôsto de Primeiro-Sargento : 25 anos no Exército. Serviu, por exemplo, 4 anos e tanto, na Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional. Depois, em 1958, foi

- requisitado para servir na COMISSÃO BRASILEIRA DEMARCADORA DE LIMITES – Ia. Divisão, onde trabalhou até agora. Porque, agora, a 25 de julho, foi reformado, normalmente, no Exército, no pôsto de 1º Tenente.
4. Então, bem, a história foi que, justo para julho, quando a nossa querida e prestimosa Dona Albertina teve de entrar em férias – e nós não queríamos importunar Você com o pedido de alguém que a substituísse – lembramo-nos do Almeida. A C.B.D.L., sem egoísmo, no-lo cedeu. E a experiência foi ótima, graças a Deus.
 5. Agora, porém, o Tenente Almeida, fôrro, sadio e capaz, vai voltar para casa – isto é, irá, facilmente, empregar sua atividade em qualquer ramo civil, em algum escritório, ganhando bom dinheiro que lhe arredonde o orçamento. Pode e merece.
 6. Mas, se êle é assim, como não desejar conservá-lo conosco ? Como não cumprir o dever de tentar captá-lo para êste nosso Serviço de Demarcação de Fronteiras, tão sério e importante para o Brasil e no Itamaraty (V. o Barão do Rio-Branco), se bem que tão pouco considerado, tido quase como marginal e anódino ? É o que estou aqui fazendo. É o que Você, Compadre, poderá fazer.
 7. A idéia foi só minha, a inspiração, instantânea e espontânea. (Raras vêzes tenho sido tão patriota e inteligente.) Assim foi que, primeiro, pedi ao Tenente Almeida continuasse “por enquanto” conosco, mesmo quando D. Albertina regressou. (Precisaremos sempre dela, é claro ; queremos é os dois !) Êle, simpaticamente, concordou. Está, por iniciativa própria, limpando e reorganizando o nosso velho arquivo. A seguir, teremos para êle outras e mais relevantes incumbências. Se Deus quiser.
 8. Deus, entre nós, se chama o D.A. Com êle contamos ?
 9. Porque, neste mundo do relativo e de necessidade, como conservá-lo sem lhe oferecer uma certa gratificação financeira – que não será escandalosa mas não pode ser mesquinha ?
 10. Obrigado, Compadre. Nossas fronteiras, desguarnecidas, precisadas, te agradecem.
 11. E, posso afirmar a Você : a sugestão é certa, justa, impessoal, viva, oportuna, simpática, ditada tão-sòmente pela dedicação à causa do Brasil e ao prestígio do Itamaraty, pelo nosso modesto espírito público, enfim. Obrigado.

Atenciosa e esperançosamente,

o compadre

Guimarães Rosa.

Carta de AAS

datada de 6 de dezembro de 1966.

Depois de três anos juntos no Rio, de 1963 a 1966, os dois amigos estão novamente separados. JGR continua chefiando o Serviço de Demarcação de Fronteiras e, no momento, faz parte da Comissão de Promoções, que estabelece o Quadro de Acesso, ou seja a lista de candidatos a promoções. AAS foi promovido a Embaixador enquanto chefiava o DA e está em Genebra, chefiando a Delegação do Brasil junto à ONU.

Esta carta de AAS é um pedido a JGR para que seja incluído no Quadro de Acesso um dos jovens diplomatas que trabalham com AAS.

Genebra, 6 de dezembro de 1966

Meu querido Compadre,

Em primeiro lugar, quero agradecer-lhe por haver acolhido minha sugestão telegráfica de incluir, no Quadro de Acesso para o preenchimento das primeiras vagas da Reforma, os nomes de Braulino¹³¹ e do Souto-Maior¹³², candidatos à promoção a Ministro de Segunda¹³³. Creio sinceramente que com essas duas promoções estaremos prestando excelente serviço ao Itamaraty.

Meu telegrama falava igualmente em outros colaboradores meus aqui, os quais desta vez não foram incluídos. Compreendo perfeitamente as limitações numéricas que determinaram a decisão da Comissão de Promoções, mas desejo renovar, com empenho, o pedido que fiz em relação ao Sergio de Queiroz Duarte.

Trata-se de um funcionário que já tem, ao longo de sua carreira, muitos serviços relevantes prestados ao Itamaraty, em diversos postos. Trabalhou comigo quando chefei a Divisão do Pessoal e posteriormente fez parte de meu Gabinete, em minha primeira passagem pelo DA¹³⁴, cooperando na elaboração da Reforma de 1961. Da segunda vez que chefei o DA, o Sergio colaborou em diversos assuntos de organização, cada vez que vinha ao Rio em férias e no período de trânsito para outro pôsto. Também chefiou os antigos SEPROs¹³⁵ em Roma e Buenos Aires e foi Encarregado de Negócios em Quito. De todos os chefes com quem trabalhou, mereceu sempre elogios, inclusive em comunicações ao Itamaraty.

No Quadro de Acesso recentemente organizado, foi incluído um colega seu de turma, de menos antiguidade. É verdade que o funcionário escolhido nessa ocasião foi o primeiro da turma, ao final do Rio-Branco¹³⁶; mas o Sergio teve também excelente classificação e foi o primeiro no vestibular para o Rio-Branco. As qualidades funcionais e pessoais do Sergio fizeram com que eu obtivesse do Ministro de Estado autorização para que ele viesse fazer parte da lotação da Delegação

¹³¹ Braulino Botelho Barbosa.

¹³² Luiz Augusto Pereira Souto Maior.

¹³³ Ministro de Segunda Classe = Ministro Conselheiro = Ministro. (Ministro de Primeira Classe = Embaixador).

¹³⁴ Departamento de Administração.

¹³⁵ SEPRO = Serviço de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil.

¹³⁶ As provas finais dos cursos de diplomatas no Instituto Rio-Branco.

aqui, onde já participou dos trabalhos da Conferência do Desarmamento, do Subcomitê Jurídico do Espaço Cósmico, da Junta de Comércio e Desenvolvimento da UNCTAD¹³⁷, e das reuniões do CIME¹³⁸. Com a extinção do Serviço de Imigração, foi a ele que confiei aqui todo o serviço relacionado com o assunto. Além disso, é ele o assessor do Brulino nos assuntos relativos ao GATT¹³⁹.

Por todos esses motivos, e por saber que em outros postos onde serviu desempenhou-se sempre com igual dedicação, lealdade e consciência profissional é que renovo agora a solicitação de que o Sergio seja incluído no novo Quadro de Acesso de Segundo a Primeiro Secretário, que será organizado em breve para vigorar em 1967.

Peço a você que apoie essa sugestão, que seria por mim defendida perante a Comissão, se ainda fizesse eu parte dela.

Carinhoso abraço¹⁴⁰
do compadre
Antonio

Não sei se V. não está me escrevendo de propósito. Respeito tudo isso, mas sinto falta de nossas conversas. Estou certo de que V. vai se bater pelo Sergio.

137 UNCTAD = “United Nations Conference on Trade and Development”.

138 CIME = Comité Intergovernmental para Migrações Europeias.

139 GATT = “General Agreement on Tariffs and Trade”.

140 Tanto essa despedida como o PS que segue estão escritos a mão, com a letra da Senhora Helena Grumbach, fiel e extraordinária secretária de AAS desde a sua primeira chefia do DA.

Carta 24

Rio de Janeiro, 29 de julho de 1967.

Depois de publicar “Tutaméia (Terceiras Estórias)”, JGR está se preparando para tomar posse na Academia Brasileira de Letras, em novembro, nove anos depois de ter sido eleito por unanimidade. JGR costumava dizer que temia tomar posse, porque a emoção o mataria, mas que não poderia adiar eternamente, senão em Codisburgo, onde nasceu, não acreditariam que fôsse mesmo um escritor... Afinal tomou posse no dia 16 de novembro, data do aniversário do nascimento de seu predecessor, João Neves da Fontoura, com quem JGR trabalhou mais de vinte anos antes, e de quem era muito próximo (a esse respeito, veja especialmente o final da Carta 4). No dia 19 de novembro, JGR faleceu fulminado por um infarte.

Para quem conheceu JGR e AAS e sua esposa, esta é uma carta emocionante, mas mesmo para quem não os conheceu, é linda.

Rio, 29 de julho de 1967

Minha querida Comadre
e muito May,

Foi uma alegria, nada mais lindo podia ter havido que seu bilhetinho-talismã, certo e inesperado como tudo o que é de verdade, de graça ; milagroso. Acho que fiquei, de repente, May, ainda mais perto, mais perto, de Vocês. (E olhe que eu já estava em dias com mais saudades à tona – desde que o Alcides¹⁴¹ aqui esteve e Vocês foram o principal tema em conversa muito afetuosa.) Agora, então, foi Você mesma, vindo, me visitando, aparecendo, em doçura, beleza, elegância e luminosidade – tudo o que Você tem de fada e Amiga. Com o Antônio – e como Vocês dois se merecem ! – e com tantas lembranças, de coisas até futuras. Hei de escrever, mais, em momentos de sombra e solzinho, de jardim e de chuva. Hoje, graças a Deus, posso trazer a Vocês, para suas mãos de May, o nosso Tutaméia (Terceiras Estórias), ansioso que logo o descerrem.

Meu querido Compadre, Antônio,

Você podia imaginar como foi que fiquei feliz, ao receber Vocês. Em pequenino papel, foi uma daquelas de que se pode dizer : uma carta nunca termina... E sua presença viva é para mim coisa sempre urgente e necessária. Você “completa” a gente, para o fundo e para os lados – mas, principalmente, para cima. E, May, é a mais suave e sincera abençoadora.

Escreve, mesmo, Compadre, não deixe-de. Veja o T u t a m é i a – Terceiras Estórias, e comente-o, também, como Você fez, tão lindamente, com o Corpo de Baile, numa das mais poderosas e lúcidas críticas que êle teve. (Queria saber, por exemplo, quais os contos de que Você gostou mais, e quais os de que gostou um pouco menos. De May, a mesma coisa. Obrigado.)

141 Embaixador Alcides da Costa Guimarães.

May e Antonio,
queridos,

Sinto e vejo que vocês estão na corrente legítima, quente ; certos e límpidos, luminosos os “fluidos”. Que bom ! Eu envelheço, e sempre querendo mais a Vocês – a vida é uma escôlha.

Abracem por mim o Flávio, com tôdas as lembranças. Beijo Lúcia May, e as Crianças, muito.

Aracy vem a Vocês, com carinho.

Todo abraços, todo afeto,

o de Vocês

Guimarães Rosa.



Meu caro Silveira,

Quando a sua carta chegou, havia dez dias, pelo menos, que eu estava "pretendendo" escrever a Você. Por causa de Lina Margarida. Agora (coragem, amigos!) creio que a carta ficará pronta. Coisa terrível e séria é a gente ter de escrever a um amigo. Só há um jeito: dizer tudo de um jacto. Sem reter, sem reter. Começamos.

A May, a D. Dinah, a Você, à "Pingo-da-Luz", à própiazinha Linny, as nossas festivas exclamações e aclamações, de Aracy e minhas. Convocamos todas as fadas, conjuramos os bons fados, para junto do novo berço. E eu gostaria de estar em plena forma, para compor um digno poema celebrativo, em rimas raras, claras, e ritmos de lullaby. Enfim: sinceras palavras, votos sinceros, sinceros abraços...

PNEUS -!..... : Todos os esforços, todos os recursos, estão sendo empregados, a ver se os embarcamos no vapor Rio Lajão, a 12 de novembro. A história é comprida, e não quero perder linhas e teclas para explicar o que até agora tem havido e não-havido, e porque foi que ainda não conseguimos pôr os tais a um bordo qualquer. Mesmo antes de saber do que agora Você explica, a demora já me afligia bastante. Com o Nelson, já havíamos estudado até a remessa via Nova-Orleans, ou por avião, soluções que abandonamos: a 1a., por medo de extraviar; a 2a., por medo aos preços.

Hoje, estou escrevendo também ao Souza. Receio, apenas, não poder fazer uma carta suficientemente informativa, como ele gostaria de receber. Você me compreende: o Itamaraty é um mar e o Guimarães Rosa um caranguejo. De costas para o largo, busco as locas mais escuras e fundas, debaixo das pedras. Para um crustáceo da minha ordem, uma onda equivale a trilhões de outras ondas, todas se resumindo numa barulhada sem maior graça. O que é importante, o que tem peso molecular e significado metafísico, são as saudades, de Você e do Souza, das quais ainda não me libertei (libertação no sentido de reajustamento, não de desvencilhamento). E, voltando ao mar: o Souza seria um albatroz. Não é?

Alegro-me saber que Você apreciou a "Barca de Cleyre". Mas o que mais me agrada, nela, são as anotações de técnica literária e as experiências, insistidas, apuradas, nos domínios da composição artística — a gênese dos contos do "Urupês". Quanto à linguagem desabusada e à vontade do Lobato, considero-a — juntamente com uma acentuada vulgaridade e falta de bom-gosto, o prazer de "épa-ter", de embasbacar o indígena, a rásica pseudo-filosófica e a carência absoluta de poesia — um dos seus maiores defeitos, que sujam o brilho da sua obra. Não vá Você malentender-me. Sou sincero lobatiano: adoro a "massa" do seu estilo, o pitoresco, a velocidade, o despreconceito, a força, a ponta. Tenho o direito de não gostar, porém, dos arrêtos dele, e de outros rumores do seu aparelho digestivo. Há muita exibição, em tudo aquilo. E, depois, nada me desgosta mais do que a tal "franqueza rude", ou rudeza franca. O sorriso ameno é o gesto dos deuses. Quanto à palavra "humano", leio-a como sinônimo de mau rascunho, e só tem, para mim, sentido essencialmente, originalmente, pejorativo. Mas a "Barca" é mesmo boa, não é? (Post-Scriptum: Está pingando o aumento do quadro, com muitas, creio que 35) vagas de K.)

Estou entusiasmado com D. Lea Maria, com o Dr. Flavio, com Bernardette. E, já há tempos, com o Caio. Ficamos amigos. "SACARANA" (Saga = saga; rana = que parece... (tupi), ...like (inglês)) vai sair, breve. Estamos à espera das primeiras provas. Tenho alguma confiança no livro, pois já agora ele tem 4 fans sinceros, de 1a. linha, os quais só o leram na sua forma primitiva, muito imperfeita: Prudente de Moraes Neto, Marques Rebelo, Rodrigo M.F. de Andrade e Graciliano Ramos. O Agripino Grieco pretende dedicar-lhe um rodapé inteiro. Que tal? Dos que leram alguns contos, depois de repolidos, no estado atual, menciono: Você, Bernardette, minha Sogra e o Melillo — senhores severíssimos —, e o Caio, severíssimo, por interesse profissional direto, até. Isso me tranquiliza. Já penso em escrever um romance; já estou enganando-o, cranalmente. Depois, muita coisa: contos, novelas, o diabo. No começo, ainda é duro. Como uma Potência média, que começa a construir uma esquadra. Mas, logo que consiga lançar um ou dois dreadnoughts, poderei, penso, repousar na minha essência, encaranguejar-me ainda mais. Viver sem pressa, um pouco "intemporalmente". Se preciso e se possível, trocarei então o Itamaraty por um emprego de fiscal de imposto do consumo, ou coisa parecida. Nada melhor do que uma casa nos subúrbios, e um emprego rotineiro, deslustrado, obtuso, sem agitações, sem remoções, sem viagens. Relêia, no Evangelho, o caso de Marta e Maria. É assim. Ando com fome de coisas sólidas e com ânsia de viver só o essencial. Leia o "Time must have a stop", de Huxley. Pessoalmente, penso que chega um momento na vida da gente, em que o único dever é lutar ferozmente por introduzir, no tempo de cada dia, o máximo de "eternidade".

Bem, meu caro Antonio, depressa: um abraço, grande.

G. Rosa.

Ros. 27/1/46

Rio de Janeiro, 20. XII. 45.

Meu caro Silveirinha,

Ainda não recebi os parabéns que você me vai mandar, mas já' não agradeço: pressa de entrar em efusões, e medo de futura inércia epistolar, inibitória. Mas, e' isso, meu caro, abraça-me. Fui, mesmo. E como gostaria que fôsse: maciçamente, harmoniosamente, como um filosófico acontecimento. Veja, só: no dia 3 (depois das eleições, claro), entrei em férias e parti para Minas. Viagem programada e executada à risca, de trem, de ônibus, de automóvel, e a cavalo, a cavalo principalmente, com sol e com chuva. Queria vender a minha terra, para preparar-me para outra vida, que já começo a precisar de exercer. Fui a Paracatuba, a fazenda das Tindaihas, a fazenda das Três Barras, a quinta do Maguine, a Cordisburgo. Num dia, quando eu andava seis léguas a cavalo, para ir espícar o Paracatuba, solheio, amarello, engrossado e cantante, decretava-se, no Rio, a minha promoção, por merecimento, como o n. 1 da lista. No dia seguinte, depois de namorar a Lagoa Dourada e a Lagoa Clara, costeei o Brejo do Fumil — imenso plantano de 20 alqueires, cheio de fincos, de jaburus e de gurgas, e brado de hieraticos, beiratis, belissimos. Colhi coisas maravilhosas, voltei contente como um garimpeiro que tivesse encheido a mala. Foi anim. Fomei no Tanga, fomei no D.A. Tudo vai bem. Agora, maior teria sido a minha alegria, se você tivesse podido também dar o pulo. Tussurei meetings, nesse sentido. Os outros não estavam maduros, porém. Foi pena!

O Itamaraty, atualmente, refere-se como um formigueiro em vésperas de dar enxame. Calcule você, quanta gente a querer pôsto! Encolhido, me mantenho no sem-pressa; só procuro defender para mim o Consulado em Gottemburgo, que e' o dos meus sonhos. Gente nórdica, pouco incomodativa; ponto fora da rota das brasileiras maiores; limpeza e sossego...

No voltar da viagem, dava-me o Laio as segundas provas do "Sagarama", as quais recei, fui-lhe-lamente. Tenho esperança de que elle ficará um livro gostoso, pelo menos não demasiado cacete. E espero poder vê-lo pronto em fins de janeiro ou em fevereiro. Terá 346 páginas, de 38 linhas cada

uma, e espaço economicamente aproveitado. E faz-me
ficar mais nervoso do que estaria o Eisenhower solto
antes da "invasão". Que coisa! Como a espera de um
filho!

E Você? E Vocês? E Pinço-de-Luz? E
Glavana? E a vida na Embaixada? E o nosso
Embaixador, que não respondeu à minha carta?
(Hoje estão enviando a ele uma outra). E os
jornalísticos? E o resto das coisas e dos acontecimentos?

A poucos dias de hoje, branco, emergente, o Natal
cintila. É a hora dos bons votos, dos sinceros abra-
ços. Para Você, para Mary, para Pinço-de-Luz, para
Lina-Margarida, desejo uma vida bonita, cheia de
natais felizes! E Tracy se anuncia a mim, não querendo.

Bem, meu caro, este resto de página me parece
um areal, que não aguento transpor. Para e me desar-
reio. Fico.

Com um abraço, sincero,

do seu
Eugenius Mory.

Rio, 4/III/946.

Silveirinha, Antonio,

Perdi a sua última carta, logo ela, que foi uma das que mais me alegraram, pelo tom e pelo teor. Não faz mal. Primeiro, vou agradecer a caixa de charutos. Ótimo. Vou fumá-los ao lêr o SAGARANA quando o livro estiver pronto. Outra coisa : Você falou em Kipling. Não falou ? Pois bem, para começar, V. deverá ler (e é obrigação conhecer estes contos) : "The Man who would be King", "The Mark of the Beast", "The City of the Dreams", "The Disturber of The Traffic", "The finest story in the world", "The Miracle of Purun Baghat", "A matter of fact", "Love o' women", "They", etc., etc. E, não esquecer, o livro "The Jungle Book", mais o "Second Jungle Book". E o "Kim". Depois, Você há de ler tudo o mais, em prosa e verso. Não os tenho à mão, e a remessa é demorada ; por isso é que V. terá de procurá-los aí.

Agora, quanto ao seu caso pessoal. Fico contente em saber que V. está satisfeito aí, compensando, com a presença do nosso querido Souza, o terrível verão de Havana. No mais, Você sabe que a nossa amizade é coisa grande demais para permitir qualquer omissão minha, em havendo qualquer oportunidade em favor de Você. Por exemplo : que coisa ótima seria a gente poder ver V. 2º Secretário, hein ? Naturalmente, e principalmente agora, Chefe de Gabinete é ponto de fraco prestígio eficiente, mas serve pelo menos para se ajudar a fazer onda. Além disso, V. deve escrever-me, sempre. Como V. tem mais tempo livre, vá escrevendo, sem marcar as respostas : enviarei telepatogramas, astralogramas, e outras mensagens subtis no gênero. E, de vez em quando, folga havendo, notícias mais concretas. Vale ?

O nosso livro sofreu um pequeno atraso, mas conto vê-lo nascido em dias de março. Por falar em nascimento, foi uma festa a vinda do bebê da Bebê. O Caio andava tristonho e aflito, porque ela não passava bem, nos últimos tempos. Ficamos todos aliviados e contentes. Aliás, a Bebê é verdadeiramente uma joia, um amor. Inteirinha, ela é valor e simpatia. É a réplica feminina do Antonio, com todas as vantagens do sexo, portanto. Cada vez gosto mais da sua gente. Penso que Você deve sentir muita falta e grandes saudades deles, principalmente de D. Léa Maria. Não é ?

Gostei muito do telegrama de Vs. Chegou aí a minha resposta telegráfica ?

Eu acho uma coisa simbólica e bonita que V. só tenha filhas. (Não sei porque me veio esta idéia bôba, mas é assim mesmo ; duas filhas, como acontece comigo ; penso que assim se forma uma corrente mais harmoniosa, em casa. Depois, as mulheres são sempre uns amores.) Principalmente a Pingo-de-Luz, com as travessuras de que V. fala, e a caçulinha, a Suavidade-Rósea. E, com isto, eu cumprimento May, Aracy retribue afetuosamente as recomendações, e encerro

esta carta, com um forte abraço amigo.

Amirante Rosa

P.S. - Lemos de Kipling, em que V. encontrou as maravilhas históricas e artísticas, e igualmente belos : "My Conventions", "The Jungle Book", "The Second Jungle Book", "The City of the Dreams", "The Disturber of The Traffic", "The finest story in the world", "The Miracle of Purun Baghat", "A matter of fact", "Love o' women", "They", etc., etc. E, não esquecer, o livro "The Jungle Book", mais o "Second Jungle Book". E o "Kim". Depois, Você há de ler tudo o mais, em prosa e verso. Não os tenho à mão, e a remessa é demorada ; por isso é que V. terá de procurá-los aí.

Paris, 24/IX/46.

Silveirinha, caríssimo !

Desde que aqui cheguei, ou, melhor, desde que o movimento por aqui passou a ser menos agitado e confuso, tenho pensado muito em Você. Principalmente, tenho imaginado o bom que seria para mim poder flânar através de Paris — de Montmartre à "Rive gauche", do "Boul' Miche" à Place Pigalle — em sua companhia. Por isso é que escrevo esta carta. Melhor que ninguém, Você sabe o quanto detesto escrever cartas, e eu mesmo não posso imaginar quando será que V. irá receber outra. Mas, hoje, terça-feira, num meio frio que explica melhor à gente o que é a Europa, veio-me, de repente, a vontade de conversar com Você. Por causa disso, não vou sair. Deixarei de ir à Place du Tertre, ou ao "Lapin Agile", ou ao restaurante italiano da Rue d' Amboise, ou a comer "escargots" num bistrot do boulevard Clichy, ou... Bem, estou com pena de não ter aqui à mão as suas cartas, pois gostaria de respondê-las, tanto mais que V. mesmo não pode avaliar quanto prazer tôdas elas me trouxeram. Não quero falar do nosso "Sagarana", mas tenho de dizer que V. compreendeu e sentiu perfeitamente o livro, como pouca gente soube fazer. E, pela leitura dos artigos, V. mesmo viu como o pessoal da nossa "inteligentzia" andou transviado, passeando pela casca dos contos, sem desconfiar de nada, sem querer saber se um livro pode conter algum sentido... Só o Paulo Ronai e o Antonio Cândido fôram os que penetraram nas primeiras camadas do derma ; o resto, flutuou sem molhar as penas. Enfim, muito agradeço a Você a alegria que me deu, ao conversar comigo sôbre o "Sag." Quando deixei o Rio, a segunda edição estava para sair. Na véspera da minha partida, o Caio ainda mandou-me os dez primeiros exemplares. Mas nem sei o que se tem passado por lá, acêrca. Como V. sabe, eu não gosto muito de ver as coisas de perto ; por isso, acho maravilhoso este parentese em que me encontro, ignorando o que se terá dito ou escrito, pró ou contra o livro. Assim, quando eu voltar, renascerei na matéria literária, e maior será a sensação, depurada, além do mais, do imediatismo, da ~~minha~~ "pintura fresca" da realidade quotidiana. Várias pessoas aqui quiseram interessar-se pela tradução francesa do Sagarana, mas eu desanimei-as valentemente. Não quero saber de mais nada nêsse sentido : que o livro cresça e amadureça, e, se o merecer, que o traduzam "ex-offício", por interesse comercial, por necessidade histórica. Fora disso, não me cabe "proteger" o meu filho. Ou êle vale, ou não vale. Etc., etc., que V. me compreende. Agora, o que ando louco é por ter tempo livre, boas folgas, sossêgo, para escrever outros, que já germinaram em mim e começam a abafar-me. Uns três, ou quatro, ou cinco, que, talvez, daqui a uns dez anos possam estar prontos. A vida é uma chatice, Silveira. Se não fôsse ... Bem, o que eu queria dizer não é isso.

Aqui estamos, à beira do Sena. Não é o mesmo Paris de 1939, mas é sempre uma maravilha. Tenho aproveitado muito. Acontece, porém, que Aracy está no Rio, e, pois, eu só acho graça mesmo em voltar para o Rio. Creio que regressaremos na segunda quinzena de outubro, já que a Conferência será encerrada a 15. Meu desejo era voltar por mar, pois ultimamente dei para ter medo dos aviões, tal e qual o nosso Pedro Franklin de Almeida Lima, de tão ruidosa saudade. Você deve ter lido que fomos à Alemanha, à Belgica e à Holanda. Sábado, provavelmente, irei à Suíça com o Ministro; iremos de automóvel, e aquilo é terra de se per-

rer tãda com poucos litros de gasolina. Assim é que fazemos um turismo voraz, um turismo "blitz", o qual, aliás, é bem mais importante do que a primeira consideração pode parecer. O tema é radondo, e gostaria de poder escrever um ensáio sôbre êle. Várias vantagens haverá, nessa espécie vertiginosa de turismo, e, entre elas, a de sorvermos ambientes sem destruírmos a sua poesia, sem consumir-se tãda a dose de "desconhecido". Mesmo rever é bom, assim. Berlim, porém, quase me prostrou, de tristeza, de horror ante o horrível. Sofri tremendo choque emocional, ao descer naquela cidade espectral, que eu antes conhecera, e se não bela, pelo menos rica, alegre, cheia de vida e de música. Era como se a gente tivesse baixado ao inferno, em escafandros de amianto. Perdi o contrôlo emocional, e peguei a querer reviver, de uma vez e de repente, um passado de 4 anos, que vivera naquêle país. Depois, a atmosfera que se respira é ominosa, naquele lugar em que russos, americanos & britânicos se encostam. Eu sou pessimista agora, Silveira. E as guerras estragam tanto o mundo, que... Mas, o que verdadeiramente me fascinou foi, na Bélgica, o velho país flamengo, a típica e poética Flandres : Gand e Bruges. Não, Silveira, mesmo conhecendo tãda ou quase tãda a Europa, não se pode fazer abstração daquela terra, daquelas cidades estranhas, com seus "béffrois", seus "donjons", seus carri-lhões e canais, suas "béguinages", seu gótico ^{românico} e rendilhado, e as igrejas de santos de nomes lentos : Sainte Gudule, Saint Bavon - que já ressam como sinos ; ao percorrer o Hôtel de Ville de Bruxellas, eu tinha a impressão de ser uma traça a perfurar missal antigo, tanto ~~que~~ tudo era como lindas iluminuras. A poesia que lá mora é uma mōça cega que sorri. E eu amei a Bélgica flamenga, como adorei a Holanda. Tãda a Holanda que eu vi era uma só paisagem de Ruysdael ou Hobbema, e era uma espécie de Shangri-Lá. As barcaças que trazem carvão, no canal da estrada de Utrecht, teem vasos com flores... O holandês adora as flores, como o hindú adora as vacas. E eu presto culto a umas como às outras... Mas, o que verifiquei, coisa muito importante, é que percorre mundo uma fama injusta a respeito das holandesas: ví-as, às centenas, e são geralmente bonitas, ao contrário do que se diz. Sei que o clima é duro, muito húmido, e que desce uma longa monotonia do céu baixo, carregado de água. Mas, um dia, ainda hei de ter um pôsto na Holanda, ah, isso hei-de !

Quanto ao mais, Vychinski e Molotov já se banalizaram, para mim. A Conferência nunca teve "it". Quem cada dia ganha mais, na minha admiração e na minha afeição, é o João Neves. Nunca mais, Silveira, haverá um Ministro tão bom, tão simpático, tão humano, no nosso Itamaraty. Faltou Você, no Gabinete. Faltou o nosso Souzinha, como Secretário Geral. Que tudo teria sido uma festa. Agora, fala-se muito na saída do Neves. Sinto, mas unicamente por causa dêle. Quanto a mim, continuarei lá, naquele meu calmo e aquoso continuismo, que é bem conhecido seu. A intuição, a voz profunda, ~~que~~ repete-me outra vez a ordem de ficar, e eu fico. O mundo é uma graça. (Graça, aqui, tem os dois sentidos de que a palavra é dona). Hma coisa deliciosa é descer com bom para-queedas, e deitar no capim para dormir. E, em matéria de Itamaraty, eu tenho sempre sono. A única coisa a mais que tenho pena é não ter podido festejar a tua promoção. Você sabe disso, Stop.

Quando irei receber outra carta tua ? Como vai May, e Pingo-de Luz, e Suavidade-Rósea ? E o pai das duas últimas ? E as leituras ? E a criação literária ? E as outras coisas, que V. vai contar e eu estou louco para ler ? Está bem. *Com o inenno alvago do*

Guimarães Rosa

Rio, 1946-1947.

Silveirinha, meu amigo,

Reap. 7/6/7. Desc.

Abraçando Vocês 4 (ou 5?), aqui vão a Vocês os meus votos: que 1947 lhes seja feliz, alegre e rico! Naturalmente, May se associa a mim, ajudando-me a proferir augúrios e bençãos. E com que saudades eu estou pensando em Você, meu velho. Ando a sentir falta de uma carta sua, e o pior é que, tendo e relapso como sou, nêsse assunto, nem tenho o direito de entrar com reclamações. Que é que Você tem feito? Como vai May? Que fazem as garotas? (Muito obrigado, pelos retratos. Por êles pude ver como elas estão lindas e afirmativas, prometendo ficarem bonitas e simpáticas moças — ~~uma~~ espécie de combinação de May com Belê). Escureira, Antonio, depressa. Espero.

Eu ando febril, repleto, com três livros prontos na cabeça, um exarame de personagens a pedirem pouso em papel. Estão apontando os lápis, para começar a tarefa. É coisa dura, e já me assusta, antes de pôr o pé no caminho penoso, que já conheço. Mas, que fazer? Depois de cento e cinquenta pontos, um livro tem de ser escrito, ou fica coagulado na gente, como um trombo numa veia, pior que um "complexo". Tenho esperança de poder ~~criar~~ criar coisa nova e diferente, de superar o nosso Sagacana, com histórias e romances mais humanos, mas, ao mesmo tempo, mais meta-humanos, mais super-humanos; que sei?!... O bom seria fazer-se um livro só, de 5.000 páginas, que seria escrito e reescrito, durante a vida inteira. Ou — que beleza! — três gerações de romancista (pai, filho, neto), trabalhando um roman-fleuve, catedralesco, pétreo, tri-generacional...

Mas, Silveira, não adianta. Não sei escrever cartas. Se eu pudesse, chegaria hoje até aí, e passaria a noite conversando com Você. Vou dizer uma coisa, que parecerá ingênua, mas é sincera e séria: se eu tivesse Você perto de mim, para ouvir-me e falar-me (falar-me principalmente), eu seria capaz de escrever livros incriveis, formidáveis.

Beim, Silveira, olha o abraço, Forte!

Quimaráes Vitor

Rio, março/27.

Silveira, meu amigo,
Silveirinha, Antônio,

o verão se acaba, promoções estão a chegar. Falei, há dias, com D. Diná, pelo telefone, e quis ver se alguma coisa eu podia também fazer, para ajudar mais você com os astros. Muito pouco, nada. Conversei com o Ijmar Marinho, que se confessou "débil" na política itaradoméstica. Com os grandes, que decidem, achei melhor não mexer palha, para não atrapalhar. "Primo, non nocere". Em geral, os "big" têm suas idéias formadas, ou, às vezes, têm-nas outros, que perto dos "big" se encontram. Em casos assim, só se deve mover pião, quando se dispõe, logo atrás, de uma forte jogada de bispo ou de torre. Declamações poéticas de pedestres, não contam. Fiquei quieto, por fora. Ainda não se sabe de nomes, que tudo se passa sob sigilo, nas reuniões. Espero que você seja alistado. Amém.

Encerramos uma semana empolgante, no Instituto, com os vestibulares, cujos resultados definitivos serão sabidos ainda hoje, depois de julgados os recursos. O Arturzinho, em tudo e por tudo, portou-se excelentemente, e estará, certo, entre os dez primeiros. Fiquei satisfeito, pois tudo correu a contento. Houve honestidade, houve rigor escrupuloso, houve justiça. Você não imagina como é grandioso, e mesmo comovente, assistir-se à realização de uma prova escrita, com aquela mocidade a dar o máximo de si, todos em silêncio, curvados, olhos fixos no papel, os lápis trabalhando. A melhor maneira de selecionar gente ainda será o concurso. O que vai ter número um é o filho do Paulo da Silveira, que é um rapaz formidável. Suas provas impressionaram. Apareceu gente tamba, de Minas, de Pernambuco, do Pará, de toda a parte. Penso que, cada ano, irão aparecendo candidatos mais fortes. E lamento não se ter conservado o concurso direto. Se bem que eu seja o único, ou um dos poucos, aqui no Itamaraty, a pensar assim, continuo a preferir o concurso direto. Muita gente de valor, de cultura, não desejará ou não poderá submeter-se a gastar dois anos, cursando o Instituto, sem remuneração. E, assim, perdemos elementos notáveis, rapazes estudiosos, com sólida base de ilustração e personalidade forte, provindos de diferentes meios, diferentemente temperados e experimentados, os quais contribuiriam para dar aos nossos quadros um colorido mais vário, mais universal. Penso que tudo poderia harmonizar-se: feito o vestibular, o habilitado seria nomeado Cónsul, com proventos e título para o cartão de visita: até ser confirmado, seguiria o curso do Instituto; e só seria confirmado depois de submeter-se a novas provas, de segunda entrância. Enfim, não adianta; mas eu gostaria que pudesse ser assim.

Tenho trabalhado, mas, até agora, numa cabotagensinha, esperando juntar carga suficiente, para fazer-me ao largo oceano. Isso, se Deus quiser, irá acontecer agora, na semana-santa. Entrarei para longe, e bons ventos me levem. Nem sei quantos nem quais livros irei descobrir. Sagarana continua pulsando. Há pouco, fui surpreendido agradavelmente por um vasto artigo, de interpretação, do Basílio de Magalhães: "Sagarana / Filologia e Folclore", no Estado de São Paulo. Outros, de vez em quando, se manifestam, por aqui, por ali, até pelo Ceará. Mas, afirmo-te, nada me compraz mais do que as coisas que Você me escreve: no meio de muita apreciação excessiva, que provém do afeto e da amizade, Você diz coisas muito certas, principalmente quando refaz-me o retrato íntimo. Aliás, você sempre foi um terrível descobridor e conhecedor de pessoas. Seu lugar seria na Política, até os 40 anos, isto é: agindo na política e vivendo na arte. Há um ponto em que, mesmo aqui, no Brasil, as duas se confundem. Nessa região de álgebra musical, você seria um canibal, faria prodígios. Mas, estou vendo que o papel se acaba, e o tempo é pouco para encher outra folha com as dez folhas que eu gostaria de encher. Lembre-me a May. Fale de mim com os jurados. Afecção e lembranças.

É aqui
o abraço
saudoso
do
Rom/

Rio de Janeiro, Dia Segundo da Assinatura do
Grande Ato. Alelúia !

Chela queridíssimo ! Ave !

Euóí ! Te Deum laudamus... Gaudeamus igitur... Le jour de gloire est arrivé... For he is a jolly good fellow... Chasseurs, trompetez !

"Olá, vós, musas, dançai em fileiras !" (Píndaro.)

" sunt topia et kalybae, cyathi rosa, tibia chordae " (Vergílio.)

" O tönet fort, ihr süssen Himmelslieder !" (Goethe.)

" Age dé, phér^e hemín, ò paí, kelében " (Anakreonte.)

E mais. E ainda ! Stridentíssimo ! "Dai-me huma furia grande e sonoro-rosa..." E cantemos, gritemos, folguemos, celebremos, oh "Little Friend of all the World", que às vezes as grandes coisas sucedem grandemente certas,"in this great and terrible world", allelúia ! Om mane padmi hum !

Agora, o abraço, especial. Valente e quente, possante e ovante. As congratulações, atingindo a Família inteira, Você-Tu e tuas três mōças. Aracy está comigo, em todos os números da jubilosa homenagem. Mas, vamos erguer logo as taças em honra à D. Dinah, pois ela foi admirável. A ela, à sua coragem, à sua energia, aos seus esforços, temos de agradecer o fato de Justiça ter sido feita. Você, a esta hora, já terá sabido de tudo, como foi que as coisas se passaram. Fôram dias tormentosos, sensacionais para a tua "torcida", numa acidentada sucessão de desânimos e esperanças. D. Dinah tanto tem de bela quanto de decidida. Um general. E que vitória ! Eu agora, só para engrossar um pouco o júbilo, tenho até prazer em pensar que todo aquêle povo do concurso-de-títulos passou à frente de Você na nomeação, oh Segundo Secretário de Embaixada, K-íssimo conquistador de um degrau para maior descanso e bom ritmo, na Carreira. Que falta Você está-nos fazendo, que necessidade, para nós, de Você estar agora aqui, para exultar-se ~~em~~ a gente em conjunto ! Bem, louvado seja.

Agora, Silveira, sua carta última, a lápis, foi formidável. Deu-me horas e temas, para pensar sôbre. Pretendia responder-lhe copiosamente. Mas não posso. Hoje não é possível. Só podia falar da vitória, da festa. Estou mentalmente rouco, de dar vivas. Não é possível. Agora é que realize a importância da coisa-promoção : um pulo para cima. Tudo o mais correrá bem. May estará melhor, o garôto nascerá magnificamente, e será digno das irmãzinhas, etc. Que nome Vocês irão escolher ? Gil ? Franklin ? Mem ? Rudyardo ?

Enfim, depois responderei à sua carta, que aqui está e estará, já que as suas são das pouquíssimas cartas que não rasgo. Até outra.

*E outro abraço, muito saudoso, forte,
muito amigo,*

do

Guimarães Rosa.

Rio, 5 de agosto.

Silveira, querido,
meu caro Campadue!

Not at all! O extraviado deve ter sido com a minha carta — longa, festiva, vulcânica, exultante, espumante de entusiasmo — com a qual respondia ao convite para levar o nosso Flavio Ernesto à praia. Que pena! Talvez tenha sido a carta "mais importante" que já enviei a Você; e ela não chegou às suas mãos! E eu, que não comento cópias! Estou desesperado! Imagine, recebi a esplêndida, a memorável, a formidável comunicação, às vésperas de partir para Mato Grosso, em excursão geográfica, com os alunos do Instituto. Respondi-a, longamente, esplendidamente, e ainda telefonei para Sr. Dinah, congratulando-me. Logo depois, parti. Rodei, pelo "Bontonal", pelo planalto, peloesteiro (as areias) da Petirada da Laguna. Vi coisas espantosas. Sudei de trem, de automovel, de camionette, de caminhão, de "jardineira", de avião teco-teco, de carro-de-bois, de vapor fluvial, de lancha, de canoa, de batelão, de prancha, de locomotiva, de pontão, de carruagem, a pé, a cavalo em cavalo, em bar, em burro... Vi de tudo, com polainas de lona, com mochila, comit, comente de explorador. Falei com fazendeiros, colonozinhos, serrateiros, vaqueiros, índios Tuxocós, chefes revoltosos e legalistas, panaguaios, no Panaguai, e aqui chego, de volta, esperando encontrar mais notícias e talvez um retrato do meu afilhado. E... chega-me a sua carta, contando que não tivera tido resposta. E Você tem a paciência amiga de esperar um mês, mais de um mês (um mês durou a minha estada em M. Grosso), e ainda se me forçado a educar-me, de novo! Foi uma peça, que as comunicações postais nos freguem. Perdãoem-me, Mary e Você. Se não telegrafo, agora, porque não poderia dizer tudo isto num belos telegrama. Agora, como vai o meu afilhado? Quando será o batizado? Terei de mandar procuração para alguém representar-me, ou Você, não quer fazer a solenidade aqui? Quando receberei um retrato d'ele? Quando irá ele andar, falar, ter entendimentos para que Você possam falar-lhe do padrinho?! Minha alegria foi imensa, enorme, podem acreditar. Aracy também ficou contentíssima. Beijamos o Flavio Ernesto, uma porção de vezes! Mary e Você são uns amores. Brigo-de-luz e Little-Possy, também. Meu afilhado vai ser um gênio. Profetizo-o grande, nas Letras e na Política. Saiba o que eu sei sobre a Você, na outra carta, na extraviada? Mais eu mento isto: que havia coisas que iluminavam, mais ainda, uma amizade que já se assemelha completa, imelhoradnel, definitiva. E agradeça a Você, comunicadamente, por isto. Muito, festa. Parece-me que é mais, mais transcendente, mais profundo, com nova significação, o abraço que me traz até Você, agora, perto do berço do Flavio Ernesto. Aracy e eu, abraçamos Você 5. Tenho de destacar, pois há urgência na remessa desta folha, que os bons gênios conduzam até Você. Tranquillize-me logo, quanto ao recebimento, com algumas linhas. Via 14, devo seguir para o Hotel Bontondinha, para a Conferência. Até outra, meu Campadue. Obrigado, pelo Flavio Ernesto. Seu Amador de Moraes

Rio, 9/IX/47.

Compadres, Amigos,

Afilhado à parte : hoje tirei o dia para rever mais os retratos do Flavio Ernesto, que Vocês tão gentilmente me mandaram. De passagem, verifico que o Antonio está ótimo, que May está linda, que as duas jovens estão uns amores ; mas, quem está mesmo formidável é ELE : ao colo de May, quatro pões, num episódio fisionômico que vai da ingênua admiração, por qualquer coisa no alto (talvez uma copa de árvore), até à triunfante beatitude, passando por fases de séria meditação ; com Zezéu, a mesma inspecção atenta das ramagens da árvore, até os pèzinhos eloquentes ; debruçado, com Pingo e Rosy (que belezinhas, Silveira !), arregala tanto os olhos, e a boquinha, que qualquer pessoa, mesmo a mais indiferente, olhando a foto, terá vontade de beijá-lo ; depois, ainda com as misses, deitado, é notável como ele parece estar compenetrado da sua masculinidade : firme, peitudo, arejado, desimpedido, seguro de si, capaz de proteger as maninhas ; mas, o melhor, o maior de todos, é aquêlê em que o Antonio o levanta e apresenta aos olhos do Padrinho (orgulhosíssimo) : no riso, no olhar, nas mãos, na testa, é toda beleza, simpatia e inteligência — e parece até que é de propósito, desacatante, que o feliz Papai está dando as costas ao resto do mundo !...

Com quem é que ele se parece mais ? — estou analisando. Como é que ele vai ser : nos modos, no temperamento, nos gostos, em tudo ? — me pergunto. Será que vai gostar do Padrinho ? — imagino, preocupado. Ando aflito por que Vocês possam conversar com ele, a meu respeito. Por ora, porém, gostaria que Vocês o beijassem, espetacularmente, suplementarmente, por mim. E por Aracy, que está enviando abraços, à Família toda.

Quando Você escrever, Antonio, diga-me como é que o Flavio Ernesto irá assinar-se, legal e oficialmente. F.E. Paranhos da Silveira ? Azeredo da Silveira ? Gostaria de ficar sabendo.

E conte-me coisas, de Vocês todos. Estou com saudades.

*Um abraço, grandíssimo
do*

João

Rio, 26 de maio, 48.

Meu compadre :

Depois do enorme silêncio, pouco explicável e ingrato, em que me retrai durante tanto tempo, você chegará a se espantar, no momento de dar com os olhos nesta carta. Da longa pausa não falarei muito, pois nada de mais insignificativo do que uma explicação. Apenas, para o meu afilhado : quando o telegrama chegou ao Rio, eu estava em São Paulo ; somente o li dez dias depois do batizado, e preparei-me para uma carta longa e viva, que pudesse transmitir a vocês tudo o que senti no momento. Ai, porém, eu entrava num período muito confuso, muito árduo, muito dividido, muito estranho, de minha vida (assunto para conversas verdadeiras, mais tarde), e só poderia dar a você uma idéia disso falando na situação de uma moscazinha no meio da superfície de um mingau pegajoso, em bacia grande. A seguir, houve os preparativos para a Conferência de Bogotá, aonde tive de ir, vi coactus, como Secretario Geral da Delegação. Tantas providências práticas, tanto detalhe administrativo, tanta inércia a vencer, tanta amolação, tantos sustos e apreensões incômodas, nem me deixariam a pequena independência para pensar em escrever uma carta. Deixavam, isso sim, que eu sentisse, num desejo de compensação e procura de aasis, a necessidade de falar com você. Imaginei, então, que, em Bogotá — lugar para mim êrmo de interesse e liso de atrativos — fôsse achar folga para a carta, necessária e tão retardada, mas escrita em momento meu, em hora possível para a comunicabilidade. Infelizmente, porém, Bogotá torturou-me, ainda uma vez. Eu tinha embarcado otimista e confiante, achando que, desta vez, moralmente desoprimido, sabendo curta a estada, rodeado de companheiros, já vacinado para com os Andes, e munido de belergal, coramina e outras drogas, nada de desagradável me fôsse acontecer. Errei. Ali, nos quase 3.000 metros de altitude, voltei a ter dispnéia noturna, sôbrefadiga quotidiana, manhãs de assídua depressão, e, pior que tudo, o fígado desorganizado, infernizando-me. Assim, até para pensar eu me sentia fraccionário e incompetente. Não pude realizar coisa nenhuma, principalmente não pude escrever a você. Pois bem, regresssei. E o regresso foi ainda pior. Cheguei com otite, duas semanas surdo, crassamente surdo, e com uma inexplicável inflamação dolorosa no pé direito. Agora, começo a sarar. Ainda não me voltou a vontade rija de viver, ~~xxxxxxx~~ estou bruxoleante, desanimado, sem espírito. Comecei a escrever esta quase por uma imposição própria, e só aos poucos domina-me a satisfação de aproximar-me de você, de conversar com um cristão nesta dura região sarracena. Conversei muito sobre você, vocês, com o Veras. Estou com a listinha de "preferências". Estou acompanhando seus pensamentos e sentimentos, como uma agulha segue as ranhuras de um disco. Mais não preciso de dizer. Apenas, como regresssei ao Itamaraty só agora, e aos poucos, com os ouvidos ainda pouco prestáveis, nada tenho de concreto para anunciar.

Entretanto, meu amigo, eu tinha pensado em escrever quatro páginas, e vejo que não estou sabendo escrever. Por que ? Será que cada dia me "seco" mais, perdendo o jeito para tratar das coisas variadas e necessárias, que rodeiam a gente e dão assunto ? Poderia falar de Bogotá, da Conferência, do assassinato de Gaitán, da revolução, da viagem, da política nacional, do Itamaraty, do Instituto Rio-Branco, de literatura, de leituras, de tanta coisa, mas não consigo pôr interesse, no momento, em nada disso. Talvez eu esteja também um pouco descentrado, porque anteontem me abalou profundamente a notícia da morte do Fernando Saboia, e ontem, na Academia, assisti à morte, em circunstâncias dramáticas, do Senador Roberto Simonsen, e saí de lá cheio de pensamentos metafísicos, desprezando com náuseas a precariedade das coisas terrenas e relendo mentalmente o Ecclesiastes. Espero, pois, que passe este meu inverno interior, para ficar melhor condutor, mais capaz de um ~~uma~~ carta clara e agradável. Por ora, queria apenas rever você, retomar a conversa. Para breve, conto escrever, dizendo coisas práticas interessantes, e fazendo também um pouco de fala amena, aproveitável. Gostaria de falar do meu Afilhado. Mas, tudo tem de ficar num beijo para ele, e num pedido de notícias, afetuosos, além dos votos de muita saúde.

CR

Para
Mary,
Len
e
Lina,
também
as
novas
afetuosas
lembranças
— de
Aracy
e
minhas.
E o
abraço,
saudoso,
muito
amigo,
do
seu
Cunhado,

Paris, 29.V.950.

Meu querido compadre,

Nêste comêço, uma ânsia, uma angústia verdadeira, a vontade de passar, depressa, depressa, por estas primeiras linhas, em que me queima, feio, o sentimento de culpa, mal penso em articular qualquer explicação. De uma casa, preguiçosamente aconchegada e quente, para a outra, quente também e aconchegada afetuosamente, tenho de transpôr, correndo, um terreno vago, de tanto tempo, frio. Cada mês de silêncio pesa em minhas costas, com toneladas. Não me lembro, não sei qual de nós foi quem escreveu por último, e isso não importa. Sei, também, que Você sabe que eu não mudo nunca, na dificuldade para escrever, inclusive, e isto me ajuda aqui a penitenciar-me. Depois, muitas vêzes, muitíssimas, e durante todo o tempo, cheguei a pensar longas cartas, longas e "importantes", que, desperdiçado ~~momento~~ por preguiça o momento, não chegava a pôr em papel. Recaía na confusa agitação quotidiana, para pôr ordem definitiva na qual, e em mim mesmo, ando, há muito, projetando um completo reajustamento de vida : e êste, com os adiamentos sucessivos, ficou sendo também uma das causas, e não pequena, da minha omissão epistolar. Em outras condições, estaríamos mais ou menos em perfeita igualdade de culpa e desculpa. Mas, acontece que Você tem aí um meu refém, e precioso : meu Afilhado. E, aqui, é onde, verdadeiramente, eu acabo ficando muito triste comigo mesmo. Penso que tenho sido um padrinho sem classe, ingrato, dos piores. Tenho outro afilhado, aqui perto, em Londres, e, cada vez que estou com êle, de qualquer maneira, assalta-me a lembrança querida de Ernesto Flávio, e projeto manifestar-me, mas um turbilhão de bobagens me envolve, e as intenções repousam, como marmotas no inverno. Em todo o caso, Você mesmo não imagina que mundo de carinho representa para mim o ser padrinho dêle e compadre de May e seu. Assim, conte a êle, convencendo-o, que seu padrinho se prepara para ser um dos melhores, dos mais amigos. Flávio Ernesto, digo, não Ernesto Flávio. Depois, Antônio, fale de mim com May, com as palavras mais belas, e fale também com Você mesmo, muito tempo, até 1945, que de lá nunca sai.

Esta carreira é difícil. Daqui a pouco, Vocês estarão no Rio, e quando saírem outra vez eu estarei voltando. Como eu gostaria que Você estivesse em pôsto aqui na Europa ! Para conversar com Você como eu queria, como eu precisava, medirei em quinze dias contínuos, pelo menos, o tempo necessário. Não faz mal, tendo de resumir, aqui, uma completa retomada de contacto, omito muita coisa, e que seria de algum modo supérflua, entrando só no essencial. Nós estamos bem. Gostar de Paris é atitude que não admite excepção, e nós gostamos. Há brasileiros demais por aqui, isto sim, e dos que fazem da Embaixada seu recurso e seu centro turístico, o que torna o pôsto cansativo e às vèzes tantalizante. A vida, caríssima, punge por outro lado. Mas as compensações são tantas, e tão belas, que tudo vale a pena, vale. Sempre que podemos, que há um feriado pegado a domingo ou permitindo "ponte", saímos a girar por esta França -- Borgonha, Alsácia, Jura, Bretanha, Normândia -- e tudo cintila e pulsa, em vinhos, museus e paisagens. Em outubro do ano passado, fizemos férias na Itália. Ah, Silveira, a Itália ! A respeito dela, não acredite em opiniões, em informações, em leituras e descrições, mesmo nas mais exaltadamente elogiosas : a Itália ainda é mais bela, mais séria e maior do que êles cantam. Ela é a minha paixão dos 40 anos, por ela fiquei desvairado, perdido. Se Deus quiser, lá voltamos, nas férias dêste ano, e nas férias dos próximos dez ou vinte anos, enquanto houver. Não vou mais a outra parte. Estive em Milano, Como, Stresa, Pallanza, Verona, Pádua, Vicenzia, Veneza, Ferrara, Bolonha, FLORENÇA, Siena, Pisa, San Gimignano, Assis, Perúgia, Roma, Nápoles, Cápri, Sorrento, Amálfi, Ravello, Positano e Paestum. O que é mais belo ? TUDO. Tudo é o mesmo flúido, cada uma tem suas riquezas e seus encantos. Desta vez, pretendíamos ir a Ravenna, Rimini, Lucca, Parma, Orvieto, Viterbo, e à Sicília ; mas, como deixar de voltar a ver as cidades já vistas ? Não tenho coragem de desprezar nenhuma, e aí é que é o tormento. A Vocês eu digo , meu gôsto seria trocar Paris por Nápoles, agora que o pôsto vaga, e lá aninhar-me, por quatro anos, pelo menos, no lugar incomparável que os colonos grêgos, deslumbrados e confortados, denominaram Posílipo : "cessação da tristeza"...

Literariamente, tenho trabalhado pouco, e estudado muito. Agora, pretendo começar rijo, depois dae me esforcei no sentido de resolver um pouco a dificuldade que mais me atrapalhava : a vulnerabilidade maior, quando a gente se põe de "sensibilidade aberta", para escrever, e se está em lugar frequentado e agitado como é êste aqui.

Seu telegrama, faísca que deflagrou esta, não podia ser mais bem vindo. Estou contente, o conselheirato é grau simpático. Depois, como Você sabe, tanto a êle quanto ao Quadro de Acesso, cheguei sem pedir nada, direta nem indiretamente, e isso dá alegria mais têsá. Naturalmente, se eu estivesse no Rio, teria pleiteado a promoção à classe M, com muitas probabilidades de êxito, porque não tenho preconceito nenhum contra o "cavar", apenas preguiça e prudência. Assim, porém, pela simples circunstância de estar longe, pude conservar intacta minha virgindade nêsse particular, o que representa um valor para mim, não tanto por vaidade, mais por metafísica. A vida é coisa engraçadíssima.

De Você, de Vocês, gostaria de saber tudo. Fico esperando uma gorda carta, daquelas de que nunca me esqueço, maiores que tôdas.

Para May e as meninas, toda a nossa lembrança. Beijo meu afilhado. E a Você abraço, fortemente, saudosamente, com a alegria de quem hoje vai dormir bem, como se debaixo de aêres;

seu amigo

Guimarães Rosa.

Em 17 de fevereiro de 1951.

"CONFIDENCIAL"

Querido Compadre,

Este é rapidíssimo recado, para pedir a Você um grande favor. Conto chegar aí no dia 6 de março, no avião da Panair. (Aracy viajará de vapor, chegando bem mais tarde, em quase-fins de março.) Vou precisar de um hotel. E aqui é que espero ter desde já a sua brilhante ajuda. Não tenho escôlha feita, nenhuma idéia a êsse respeito. Apenas, êstes dados: nada de hotel caro, grã-grosso ou granfino, que me liquide financeiramente; desde que seja compatível com a decência elementar, no caso, e o conforto não esteja ausente, ficará bem. Minha preferência vai ~~também~~ para o Centro, semi-Centro ou Flamengo e redondezas; Copacabana não me atrai (a não ser que lá Você encontre coisa ~~especialíssima~~, no tocante às outras condições.) Melhor também, quanto às nuances, que o hotel vá um pouco mais para o gênero residencial que para o turístico. Tenho, na mente, coisa assim no estilo do Hotel Regina (Rua Ferreira Vianna?), mas esta é apenas uma indicação, pois não sei como êle está, no momento. Pensei, também, no Hotel Avenida, porque era, antigamente, muito mineiro. Mas o gênero Regina é que predomina. O Flamengo é a região minha predileta. Afinal, a coisa não é de gravidade, pois, como estarei sozinho, e com bagagem de avião, sempre poderei facilmente "remover-me", caso in loco venha a preferir outra coisa. Assim, para sermos práticos, pediria a Você:

I) Logo que esta lhe chegue às mãos, acusar o recebimento, a fim de que eu fique tranquilo;

II) tomar como fixa e certa a data de chegada: 6 de março (se houver qualquer mudança, telegrafarei a Você, comunicando-a);

III) Você poderá fazer logo a reserva do quarto (com banho); se assim achar conveniente e fôr necessária boa antecedência.

IV) Tôda a parte referente à escôlha de hotel, peço que Você a tome como "confidencial", guardando o assunto só com Você mesmo (III) — isto para ficarmos no meu estilo velho, de ultra-môita. Quanto à data de chegada, o assunto não tem importância, ~~pode ser divulgado~~.

MERCI, imensamente, meu Compadre. Tenho de acabar aqui, pois o tempo me oprime, tenho de alcançar o correio. Obrigadíssimo.

Grande saudoso abraço. Beijo o Flávio Ernesto, com carinho. Novas afetuosas lembranças, de Aracy e minhas, vão à May, às Mães, a Você, todos.

Seu

Guimarães Jr.



5
(

6
_

7
e

R

T

Y

U

F

G

H

V

B

N

Rio, 11 de outubro de 1956.

Querido Compadre,

Que ótima conta! Acompanhei tudo, a saber: virgem, mar, chegadas, saída em Espanha; e posse. Até me ri — mas me afabei e agitei — correndo com Você, na estação, atrás do trem, atrás da mala; atrás de um restinho de açúcar? E acompanhei Você ao apartamento novo. Começo de posse. E, cada dia, aprendendo mais e mais como isso só é lindo, cheio de cor e consistência. Essa Bizarria — salvo, "humbria" — éne telurismo sério, essa tristeza alegre. Sabe? — primeira que tudo: vá, mil réis, ao Museu do Prado, e leve May, o Flávio, as marinhas. Viva lá, sugre aquilo. É algo de mundialmente formidável, e que sucessivamente ensurtece a gente, abre inúmeros horizontes. Quanto aos livros, acho melhor não organizar lista. Fica rígido, esquemático, docente demais, coage. Você, aí, já estava no meio da Cultura, deusamente, tudo vai girando ao redor, devagarinho. Apenas, umas indicações, de coisas importantes, e que podiam ficar retardadas. Assim:

ORTEGA Y GASSET — compre, tudo, vá saboreando. Fêbio.
DON RAMON DE VALLE-INCLÁN — não deixe de ler a sua "Sonata de Estío".

GARCIA LORCA (FEDERICO) — Tudo, tudo, e urgente!
JUAN RAMON JIMÉNEZ — Indispensável: "Platano y Yo"
— uma delícia!
AZORIN — importante e gostoso.

Por hoje, só isto. Como Você vê, uma listinha impressionista, só uns raminhos com orelhalho. O mais, Você irá descobrindo, e senão Você a os ensinar a mim.

Não mando o poema do Stimmung, porque, em breve, éle sairá publicado, no novo livro, geral, do Poeta: "O FAZENDEIRO DO AR". Não é um bom título?

Gostei muito do retratinho, isto é, gostamos, Anacy e eu, muito. (O Flávio é que não arrumou um pouco emolhado, resumidinho, mas está ótimo.) Mande sempre retratos, eles alegam. O do Flávio, grande, com o mapa no fundo, já está sendo pôsto em quadro, ficará perto de minha mesa. E, por falar, estou trabalhando, febnilmente, no acabar o livro de novelas. Febnilmente — e a palavra. Cai na torrente, nem durmo direito, a coisa borbulha em grande calor. Terrível.

Terrível, também, tudo o que houve, o tremendo agosto. Que coisa, heu Você diz, Antonio: uma mão grande andou no espaço, por cima de tudo, querendo estrangular o Brasil. Sentimo-la. É aquêlé friu, absurdesco!? Um capítulo final que dificilmente se adapta à história do homem, parece postizo, apócrifo, espúrio. Se fosse um romance esmuito, Você não acha que a crítica malhará o autor, pela inverossimilhança do fêcho, inverossimilhança tanto no plano da arte quanto no plano da vida? Ainda dias antes, dizia-me o Calêxo: — "O Getúlio falta o sentido do dramático, que em geral nunca falta nos homens de Poder..." E não era? Getúlio, para nós, durante 20 anos, e desde 1930, era: Gêgê, o "Velho", o "Vellinho", aquêlé charme, o charme, o despitamento, ^{o humor, dominador,} o deixa-como-está-para-ver-como-fica, o "Êê", o "Tenha calma, Gêgê", o "Homem", etc. etc. Sair, à força, já saíra uma vez; até isso! E, de repente, a tragédia. Em pijama. E tome-se curta, e bilhete, e delírio reivindicador, existomaniá... O que êle destina foi uma lenda, um personagem espleúclido, uma grande figura, uma Waltamchaung, uma filosofia-de-vida... Lustrura. Não, já não reconheci mais sua biografia. Êle viveu paraguai; perdeu-se, no fiscal. E, veja heu, o povo, do modo infalível e secreto como o povo sabe as coisas, o povo carisca teve viva nozão disso. Tanto, que, como nunca aconteceu em casos de grandes mortes, uma infinidade de anedotas circulou, foram surgindo, às poucas, logo que se dissiparam os primeiros efeitos do triste infortunio. Era a "compensação" — a restituição, a biografia do "Velho", do seu verdadeiro capítulo

final, plausível, próprio, compatível. Você lê dessas 3
anedotas? Chegaram até aí? São foram dezenas e dezenas.
Algumas, outras. Para o caso de te terem faltado essas,
aqui vão duas:

-I-

Getúlio vem vindo para o Ceu, da porta São Pedro
extranha a lentidão arrastada de seus passos, e
pergunta, baixinho, gritando ainda de longe:

— Carlos, na certa?

E G.G., resposta:

— Não. Carlos Lacerda...

* * *

II

Ele pega um momento de descuido, senta-se na
cadeira de São Pedro. Ao querer tirá-lo, profere:

— Daqui, só saio vivo!

*

Que tal? Riu-se, e não foi macabramente.
Depois, as eleições, que, de tão boas, espantaram. O
Rio Grande do Sul destruiu o getulismo, de modo frago-
roso. O resto que falta, nem se conta. E, como dizia
um rentanejo, falando de um rincão perdido, de Alou-
mucânia: — "Lá, só tem umblês e estórias..." O que
é importante, contudo, era o que eu dizia. Nosso "Bai-
xinho" estava sendo um inocente-til. Semagogia + mauso
messianismo gostoso + peronofilia + senhoria caudillesca + ódio aos
E.E. U.U., por causa do 27 de outubro + gagaismo? Não sei. Não
quero culpá-lo. Eu gostava dele. Tive grande pena. Ele era
"um chic type". Getulista, muito. Mas, agora vejo, melhor, como
estávamos indo para os buracos, com a turma em táras
se apressando. Arranjaram coisas artificiais, um
planisfério trabalhista, um experimentalismo prole-
tarizante, uns canecos! Bem, vou calar a boca,
senão você me chama de "reacionário", para piá.
Não sou reacionário, sei. O que eu não gosto é
de circo. Pax.

Antonio, o caso das peretas vai indo em mãos, conforme
Vosê terá já sabido. D.A. & D.Pa. Espero que tudo corra bem,
e que não chateiem Vocês. Espero, em tudo, sempre que
posso; e, mesmo, meto o bedelho. Agora, perante a nova
Tabela de Representação, as perspectivas não são pessimistas.
Sustentação, recuperação, economia — são os maiores-mais.
É o Ministro e econômico. (Não houve intenção de recu-
tuocadilla). Achei difícilissimo que possa haver aumento.
Estou certo, porém, de que não haverá diminuições.

Que estamos com saudades, estamos. É preciso
que Vosê exerça, de vez em quando, contando-nos de
Vocês e contando a Espanha. Olhe: quando
tiver à mão algumas revistas ilustradas, velhas,
mande. E pôr na mala-comum, revista não
tem idade. Grato delas. Obrigado.

Abraços a Vocês, afetuosamente, May,
Lêa, Lina, Lúcia, Flávio, Você. Lembrações
carinhosas, de Acay e mimas.

É o abraço, grande, forte, do seu,
muito Compadre,

Quim arde, José,

Rio, 3. VIII. 55.

Meu querido Compadre,

A vontade de escrever tem sido grande, e constante, há muito tempo, nem sei. As vastas saudades. Para trazer a Você — à Comadre, ao FLÁVIO, Lélia Maria, Lina Margarida e Lúcia May — as nossas carinhosas lembranças, de Aracy e minhas; pois sempre estamos lembrando e falando de você, não de uma enorme e repetida conversa com Você, nem de uma imagina como sempre sinto falta: tudo precisa do nosso disputado, desbotado comentário. Itamaraty e arte, vida e etéreas, política e metafísica. Depois, tenho recolhido tudo, as afetuosas lembranças — as revistas, os recortes; principalmente, a carta (do Hotel Vauillemont, com a fonte anagema parisiense). Principalissimamente, o retrato de Primeira Comendadora, com o nosso Flávio Esmerto natural, admiravelmente ele-mesmo, denunciando, suave e solerte, aquela sensibilidade e inteligência do novo tipo humano, que vai "herdar a terra"; e com Lélia Maria, bonita como qualquer terra; e com Lélia Maria, bonita como qualquer espantosa coisa mais não poderia ser. Enfim, mas não menos para o coração, o telegrama dos queridos "Flavantônios" (~~esta~~ perfeita síntese, aliás, que achei da melhor qualidade). Tudo isto nos deu boa alegria, real. Eu queria agradecer, de cada vez, andei andando com a minha carta no bolso; mas, Você sabe como é — a gente não se resigna, a apressar umas poucas linhas, quer tempo e calma para mais; e, ai, o tempo vai passando, vai, vai, moroso.

(2)

É a vida tem sido endiabrada e vultosa, para mim, nestes meses. Como Vocês já sabem, a comadre Aracy esteve decente, com openaquis (viva o sr. Baraúbas!). O Orçamento — a D.O. — por imensurável que pareça, tem-me dado trabalho; agora, de um mês para cá, por exemplo, com a defesa, na Câmara dos Deputados, da Proposta para 1955. Muitas emendas, novo relatório, grande luta; mas tudo está saindo bem. Mais que tudo, porém, sobrecarregam-me os meus livros. Meti-me a fazer coisa grande demais (no tamanho). Já entreguei ao José Olympio o "Corpo de Baile" — que é um verdadeiro cetáceo, nas dimensões: sairá em dois volumes, de cerca de 400 páginas, cada um. E são apenas 7 novelas, imagine. Uma verdadeira penca de romances. Agora, porém, retoro e recapitulo o romance, o "GRANDE SERTÃO: VEREDAS", e ando apenas pela metade. Sendo que vou ser um mastodonte, com perto de 600 páginas. Trabalho enterrado no papel, chego a perder a noção das coisas externas. Por isto mesmo, em pôto não posso ainda, não posso. Só depois de pôr os dois castapaccius na rua. Também, é melhor. Aristinei à posse do Juscelino Kubitschek (caso não prevaleça o "candidato Golpe", que alguns acham também muito cotado)... Ah, não sei se Vocês já sabem que, desde março, sou avô. É uma netinha linda, muito muito clara, loura, com olhos azuis e narizinho arrebitado. Chama-se Laura Beatriz Guimarães Rosa Ribeiro. Mas não envelheço, ao contrário. Trata, por via da ante, de rejuvenescer. O Itamaraty, igual, redativo, discreto e nivelado.

Para mim, pelo menos. Pais vou levando isto (3)
daquella maneira objetiva e justa, cuidando sempre
de obedecer à fórmula: "o mínimo essencial, através
do máximo de eficiência". Automatizar o automa-
tizável, cumprir o cumprível, restringir as superfícies,
negar com pessoal aos acontecimentos. E' bom, senso.

O que eu gostaria, e muito, era de saber
o que você faz aí, de válido. Leituras,
cursos, espanhas. Como foi Paris, o impacto,
o corpo-a-corpo; e, agora, o assimilado e o
residual? Procura uma folga, e relate,
Campadre. Fico esperando. Não gosto de
que Você "cresça" aí, sem que eu possa
acompanhar a grande transformação.

Sh, antes que me esqueça: o Flávio
Euneto já tem o livro "Le Petit Prince",
de St.-Exupéry? Mande-me dizer. O que é que
êle tem feito e falado, aí dentro da Espanha?
Is' não, a saudade da Europa me vem, mas ainda
está longe do amadurecimento. Primeiro, a obra.
Tenho de me livrar de muita coisa subjetiva.
e a idade é um implacável movimento. Mas,
no ano que vem, já sei, a Itália predominará.
Então, já fico imaginando nosso próximo encontro,
qualquer parte por aí, ou no novo do Mediterrâneo
este aí, um abrigo, e, etc,
bem hábil. Certo grande, saudoso abrigo,
invariável. Certo grande, saudoso abrigo,
ao Flávio Euneto, do "Padrin". Mas,
encrena, mesmo. Ste' outra, então.

Do Campadre, amigo,

Carimães, Pôrro.

17.4.56

Rio, 9. II. 56.

Querido Campadre,

Não repare meu estrano, estes últimos tempos têm me sacudido e me moído. Numa luta, sob o calor; ~~um~~ despropósito. Recebi suas cartas, que muito me alegraram, como sempre, decentes; e o catálogo da Expositão Febre, gratíssimo. Queria escrever, a cada momento. Mas, na fase final, e nas providências e cooperações da mecânica e editorial, os dois livros me maltraram tanto, que fui até demais. Conto a Vós que, na última semana, antes de entregar ao José Olympio o "Grande Têtu", passei três dias e duas noites trabalhando sem interrupção, sem dormir, sem tirar a roupa, sem ver coisa, sem tomar peristis nem nenhuma outra droga: foi uma verdadeira experiência trans-psíquica, estranha, sei lá; eu me sentia um espírito sem corpo, pairante, levitante, desencarnado — só lucidez e angústia.

Sei, entretanto os originais, foi uma humna mensagem de renascimento, de completa e incômoda libertação, de rejuvenescimento: eu ia noar, como uma folha seca. Imagino, eu passei daí anos num túnel, num subterrâneo, só escrevendo, só escrevendo, só escrevendo eternamente... Sei, sei-me uma fonte gripe, naturalmente; e, Vós sabe bem, a gripe é uma das mães da humildade. Agora, ando ainda extenuado. Tenho de limpar-me dos persistentes fantasmas dos personagens criados, tenho de readaptar pouco a pouco o espírito à linguagem da realidade, que sempre é ágrafa, envolvente e ápoda-acéfala...

2
Comula-me já ter à mão o primeiro exemplar, de
amstru, do "Corpo de São", o qual ficou uma beleza.
E, o "Grande Tentão", já estamos com o livro comprado (594
páginas), pois o José Olympio abriu para ele exportação
uma excepção — tocou-o com "hatedores", mandou que
passassem por cima de tudo, proximidade algarista, veja Vós
um record de velocidade. Saqui a pouco, Vós estareis
atendo coisa braba.

x x x

Mas, veja como fiquei e estou ainda transtornado
escrivo a Vós, depois de tanto silêncio, e só fala de mim
e da literatura. Agora, que, na próxima, prometo estar
mais "humanizado". Vários dias, onde também um tanto
desmoldando, a respeito do que fazer comigo. Primeiro, publicando,
a respeito do que querem fazer comigo. Defendo-me.
Só procuro demorar, sossego, tempo e dinheiro, ócio e
inspiração. A política me humaniza agora, a um
ponto que Vós não pode imaginar. A política é a
demência, mas olha, sua desordem. Vamos ler Plutarco.
Lá está tudo.

Tenho falado com o Guilherme. Vós sempre presente,
na conversa. Saudade, sempre. Uma carta sua é
falta grande, coisa clara, que conforta. Como vai
o meu Flávio? Como vão Vós todos, a Camada,
as Meninas lindas? Abracemos Vós, com
o afeto sincero, que só aumenta. Stacy vai
bem, falamos muito em Vós. Retratos sempre
me alegrem, é um modo de rever e acompanhar
a Virgília! Fico esperando carta sua. Responderá
melhor, prometo.

Agora, entre abraço,

forte, forte, forte,

do seu

Amirante (Goror)
(Campos de).

21/6/56

Rio, 9 de maio de 1956

Meu querido Compadre,

Suas duas cartas vieram me dar aquêle empurrão de alegria velha conhecida e sempre voltada, e que faz, compadre-a-compadre, o caminho curto, feito na geometria a reta, entre ponto e ponto. Parece que vejo o Flavio ficando completamente bom, firme e melhor, depois de tirar as amígdalas, e a Lucinha também logo sã, e a Comadre gostando do nosso livro, e Vocês todos assim, e bem. Você, naturalmente, ansioso na incerteza, caceteado, com razão, por esta viscosidade brejenta, êsses canudos a cada hora entortados, o estilo desconforme, palposo, suíno-espiritual, em que estagnam seu assunto. Nosso assunto, digo (desde o primeiro momento). Sinto Você inquieto ; mas muito perto. E — principalmente — sei que o caso da remoção está apenas retardado, por essa miga de espera de prazo-de-2-anos ; mas o trabalho feito até aqui, o impulso inicial, não ficou perdido : a bala continúa na agulha, o tiro vai sair.

Ainda agora, conferenciei com o Guilhon, duas horas de conversa completa, só sobre. O Guilhon, para isso e muita coisa mais, V. sabe, é formado formidável. (Enquanto eu não consigo deixar de ser ôstra em pedra ou em velho casco, êle sabe nadar, renadar, mergulhar, escalar rochedos e voar.) Peguei-o, pois, convocadíssimo, de lápis na mão, e êle me deu uma recapitulação geral — o mapa vivo, o gráfico, tudo, a coisa viva, o diagrama dos pontos minados (mas as minas estão desaparecendo), a cronologia em miúdo, as linhas-de-fôrça. Estamos sensatamente otimistas. Agora, V. já deve de ter tido notícias, por Dona Dinah ou o Caio. Estou certo de que temos só de marcar, com serenidade, êste compasso de espera.

Aliás, como eu ia começando a dizer, o Guilhon foi muito ~~amigo~~ ativamente seu amigo, incansável. Logo que êle chegou aqui, conversou tudo comigo. De outras coisas, mais tarde ~~ter~~ havemos de falar. O que sinto, no momento, é não estar válido para ajudar, ser eficaz ; depois também explicarei a Você os porquês. Apenas fico na área, para a ínfima ajudazinha, que quase não vai além de firme "torcida", e de acôrdo com aquilo : primo, non nocere. Que compadre desviado e frouxo, êste que Você tem...

Agora, um palpite : mande uma carta ao João Emilio, clara e calma, limpa, simples, só amiga e absolutamente firme-confiante, quase impessoal no tocante ao centro do assunto. E outra ao Sette Câmara, igualmente serena e quadradinha. Já vejo Vocês em Florença — (céus ! aquilo é sublime.) Ou em Bordeaux ? — o clima é melhor que o de Florença, ou de que o de Milão, isto sim.

. . .

Compadre, o que Você disse, tão bonito, do Miguelim, me entusiasmou. Vou arrebanhar recortes de crítica, para enviar ; quando Você me escrever outra vez, diga-me quais os que já terá lido aí. O "Grande Sertão" sairá breve.

Aracy está aqui ao meu lado, as saudades que vão — a May, ao Flavio, às Mõças, a Você — são as nossas, juntas.

Com o grande, forte, saudoso, sincero
alguém amigo

do seu (compadíssimo)

Amoráveis Póser

21/6/53

Rio, 19 de maio de 1956

CONFIDENCIAL

Querido Compadre,

Acho que te escrevi uma carta tôla. Acho que foi da hora, eu estava no meio de coisas tôlas, numa folga da agitação literária — últimas trébalheiras com o "Grande Sertão" —; e, principalmente, não queria chover ao molhado, não queria repetir a Você o que V. já sabia. Daí, o mólho de poesia e etcétera, o minueto, a vaguidão amiga.

Mas hoje volto. Fui ontem ao Sette Câmara. Eu queria palavras mais garantidas, carimbadas. Fui ao Sette Câmara, (O Sette é elemento da maior importância, atualmente, Você sabe.) Voltei de lá contente, acalmado, respirado. Definição batatal :

VOCE VAI PARA FLORENÇA/
DEPOIS DE FEITO O DECRETO, ALGUÉM LEVANTOU O ASSUNTO DO PRAZO DE DOIS ANOS. O PRESIDENTE DECIDIU ENTÃO QUE SE ESPERASSE COMPLETAR O TEMPO. Mas, zangado, DETERMINOU TAMBÉM QUE NENHUMA OUTRA REMOÇÃO ANTES-DE-PRAZO SE FIZESSE. (Ainda agora, do Itamaraty queriam que o Melilo fôsse para Caracas —alegavam que a exceção cabia, por ser Caracas um mau pôsto. MAS O PRESIDENTE DISSE QUE NÃO. Se prazo é prazo, então prazo é prazo ! ; ou prazo não é prazo ? Digo eu : GRANDE PRESIDENTE !) E F L O R E N Ç A ficará vago, aguardando o prazo, para o Compadre ir para lá. Batata.

Daí, eu disse ao Sette : —Mas o prazo pode ser o dia D que marcará os dois meses antes da data — isto é, sessenta dias antes, correspondentes ao prazo de partida, etc. ?

O Sette achou bem. Estou feliz.

Bem, Compadre. Disse a Você para escrever ao Sette e ao João Emilio, pelo único motivo de que ambos são seus amigos — e de que um e outro estão com influência ascensional, crescente, um aqui no Ita, o outro no Catete. Cartas de elegância, apenas, naturalmente.

E exulte. E leia com a Comadre o nosso livro, que ele dá sorte. *Abraços, Vocês, todos juntos e o Flavio ; e, depois, um por um, afetuosamente.*

Saudades, Lucabas,

do compadre

Quimará,

Rio, 3 de dezembro de 1956.

Querido Compadre,

Muita coisa para començar com Você, depois desse silêncio grosso, involuntário. O tempo que tanto corre! Saudades sempre. Mas, várias vezes, fui deixando de escrever, de propósito; porque Você estavam com Sr. Sinal e Sr. Paranhos aí, e atarefados em mostrar-lhes muito da Espanha, alegremente, ao mesmo tempo que em despedidas, e desavinhando e acumulando coisas, fazendo a ginástica burocrática que é a mudança de posto; e, seguindo-se, a chegada à Itália, instalação, peregrinação, tomada das querências, tudo, tudo. Assim, dei a Você um prazo. Mas, agora, com o Natal chegando, com a rotina decente retomada, chegou a minha hora, a hora minha. Estou aqui.

Já falamos, longo, ao telefone, com Sr. Sinal e Sr. Paranhos, que nos contaram, jornalisticamente, entusiasmadamente, passagens daí, notícias, do Flávio e de Você. Queridos todos. Gostei. (Qualquer noite destas, iremos em casa do Sr. Paranhos, ouvir mais e evocar.) Gosto, principalmente, de que Você estejam aí, nesse país fabuloso, nessa cidade incomparável. (Você sabe: para mim, "no duro", a Itália, se não é ainda o Céu, também já não é mais nenhuma terra — está bem acima desta terra-terra comum e chibela, que é o resto do mundo, a Extra-Itália... E FLORENÇA... bem, nem quero falar misto, a saudade me angustia.) Digam, apenas, apressadamente, apressadamente, todas as horas, todas as minutos, porque, se não, depois Você não aguentará, de arrependimento!

Ah, antes que me esqueça: o Sr. Paranhos me falou no livro de Ginecologia, remetido de Madrid, pela mala. Até hoje, o livro não chegou; estou atento.

Já sei que Você receberam o exemplar do "Grande Sertão", e estão contente. Não saíram tão bonitos como os comuns os "de luxo" (porque ficaram sem a capa colorida e bela que o Paty fez); mas sempre vale a qualidade do papel-de-avó. Você já viu um dos comuns? Sabe que a impressão grossa formal fica mais adequada ao livro. Aliás, para

O "IL TEMPO" de Roma, de 27 de novembro, trouxe essa notícia, grande do G. Sertão. Se Você tiver um exemplar à mão, poderia mandar para mim?

a edição de luxo, tiveram de pôr de novo a composição na máquina (dizem: enxugar outra vez), e, com isso, cataram alguns tipos, de modo que já na 1.^a página vi um erro de letra... (vargens e não cargens). Aliás, acho que não tive ainda ocasião de explicar a Você que não mandei o "Corpo de Baile" em edição especial, porque achii que ela tinha ficado pessima: sem a capa bonita, e um papel grosso demais, deu uma coisa feia, gretada e incômoda; e assim despercei os exemplares a êmo, tirando quase todos com o José Olympio, para que ele os oferecesse a "medalhões" e políticos, etc.

Mandei a Você, já aí para Florença, um número da revista "MANCHETE", por causa de uma crônica de Paulo Mendes Campos sobre o "Grande Sentado". No mesmo número, saiu um trecho espetacular, com fatos, etc.; mas explico a Você que aquela não foi entronista, coisa-nenhuma (não dou entronistas, definitivos!), foi só que aquela moça simpática, a eremita Ruth Guimarães, andou me acompanhando, em São Paulo, surtiu pedras de conchas, depois, recomendaram a ela o relato, que foi simpático, se bem que poético e sem realidade pessoal. Enfim, o resultado foi bom, a "onda" publicitária vai fazendo vender os livros. Eu, cá, estou agora pondo em ordem meus montes de notas, para ver se começo a escrever outros livros. No mais, tudo em paz.

Ayora, por aqui, não para — "cabeçar". Ainda pensando na primeira conta que V. me mandara' daí, falando de Fiesole, da Praça da Annunziata, do Museu do Duomo, do Cristo de Cimabue, de San Miniato al Monte. Depois, de Pisa, Luca, Volterra, Siena e San Gimignano, de Arezzo e de tudo. Ah, um poggio, os ciprestes, essas sfumature no horizonte... Mas fale-me de Você, do Flávia, das meninas. Ah, eu enveranei mais. Agora, BOAS FESTAS! ALEGRIA! Feliz Natal, um duo Novo cheio de boas surpresas! Mas o nome da minha querida Comadre May tem de ser com todas as letras mencionado. E o abraço forte do Compadre Guimarães Rosa.

Rio, 17. V. 58

Compadre!

Só a alegria de abraçar Você, no pulso dos minutos, à grata luz do grande telegrama genebrino, que veio aumentar a gente. Transparência total.

É verdade, o fato se deu. E, confesso — apesar das comensas, transpiradas no último mês — houve forte surpresa. Psicologicamente, mais ainda a surpresa. Foi numa segunda-feira, na parte da manhã, eu estava lendo afundadamente Bendixeff ("Curso Meditação sobre a Existência"), conforme assim nessa colada leitura passara o sábado e o domingo, guardando sem nenhum esforço a desejável neutralidade em face do destino, — quando o telefone tocou e eu já era Ministro de 1.ª Classe. Quanto à carreira, é a chegada ao pique, o certo sossego especial, a biografia aprontada. Quanto ao resto, vamos ficar quietos, deixando que a fumaça de um acontecimento se desfaga, para poder deixar a gente enxergar os rumos de outras.

Agora, aguardo, com ansiedade amiga,
a efetuação das outras promessas, sendo
que o coração teima em pedir que uma
delas seja a nossa. Conversei com Dona
Sinhá, e ela estava simpática e fervorosa-
mente animada. Venha-nos à frente!

Li a entrevista, e gostei muitíssimo.
Objetividade, nitidez, densidade de conhecimentos,
perfeita, formidável aderão à tarefa,
constituinte, possansa pessoal, línguas
firmes; nem parecia coisa brasileira.
Todos que leram, que sei, gostaram
completamente. Que bom.

Agora, não consigo esquecer mais.
Mãe, porém, e principalmente, gostaria
de ter Você aqui, necessário e lúcido;
sua passagem reacende saudades, tornou
a mal-acostumar-me.

Mas, mais abraços, todo o afeto,
Você, May, Flávio Ernesto, Lea Maria,
Lina Margarida, Lucia May. E Mary,
comigo, presente e associada.

Quero, forte, saudoso,

do seu

Amoráveis Agostinho

Rio, 25.I.62

JOÃO GUIMARÃES-ROSA

Querido Compadre,

O envelope, este, estava sobrescritado, há mais de dois meses ; a saudade estava presente e pronta, desde que Você embarcou, de noite, e sumiu ; mas hoje só foi que eu estudei que as cartas mais importantes a gente não escreve, ou tarda, e justamente porque os assuntos seriam muitos, todos, exigindo totalidade de expressão, simultaneidades, revisão de tudo, recaptura anímica das dias e das horas, um esforço inteiro da gente, conforme a gente queria e precisaria. É quase como começar um livro. Escrever, de verdade, a Você, é impossível. Então, move-me, e vou pondo e falando, fazendo de conta, fazendo de mim.

O que eu precisava era de ter Você aqui perto, sempre. Para ouvir e falar, perguntar e comentar, e sentir ; até mesmo para ficar calado. De fato, nada mudou, no meio da eterna e externa mudança. Por dentro, sim. Menos angústia, mais certeza ; isto, sim. Cada dia aprendo um pouco mais da vida. Sei, agora, que o labirinto também está andando, avançando, evoluindo. Todo fim é exato. O que a gente tem de aprender é, a cada instante, afinar-se como uma linhazinha, para caber de passar no furo de agulha, que cada momento exige. Mas não pode ser analiticamente. Mas, como nas histórias de fadas, temos de achar e conservar o contacto com o Gênio que faz tudo isso para a gente. Você sempre conseguiu mais ou menos assim, por dom inato. Por isso, também, é que Você sabe tudo ; e, mais que tudo, sabe dar, ajudar. Cada dia vejo mais como Você me ajudou, em tudo e por tudo, no teórico e no prático, sempre, mas, principalmente, no ano de 1960, grande e terrível. A lista é enorme. E há o que não cabe em listas. A tal pente, que, desta vez, quando penso em Você, o que cresce diante de mim, em mim, é uma imensa gratidão, amiga, que me emociona. Você, simplesmente, encarnou para mim a Providência. Tá ? Sem exageros. Um dia, depois, ainda havemos de conferir itens. Oh, COMPADRE.

Vou escrevendo, porém, e vejo que o que eu queria, mesmo, era saber de Você, de Você por dentro, fazer uma série comprida de perguntas. Você me entende. Daria a Você temas, a serem preenchidos. Por exemplo : A gente e o tempo. O papel dos atalhos e o dos desvios. A divisão dos outros, em mutáveis e imutáveis. Despejamento e enriquecimento. Incorporação e ausência. Das necessidades de retorno a zero. Os ciclos do crescimento do espírito.

Porque, Compadre, a vida é coisa importantíssima. A vida como gráfico, como o histórico de cada um de nós, como gradual solução de um problema muito sério, que cada um nasceu com ele, próprio e seu, e tem de ir, tacteando e reendo, a trabalhá-lo, como um bichinho de goiaba, até conseguir-se fora da fruta. A todo momento, na ação esforçada ou na inércia, estamos obrigatoriamente a realizar esse trabalho, eu acho. Assim, até os erros eram importantes, eram necessárias : representam o máximo que se podia fazer, em determinado pente e momento. As coisas externas, pragmáticas, práticas, são apenas pretextos, pois os verdadeiros fins e meios são outros, que a gente não sabe, a gente trabalha pensando que brinca, e brinca pensando que está trabalhando. A direção, real, é única ; impestada. Você não acha tudo isto conselheiro ?

Esta filefice toda é para preveicar Você. Isto não é carta : mas, quando muito, um sumário. Estou vendo se Você está aí, mesmo. E trazendo o abraço. Para Você ver que a gente sempre está perto. Lembranças muitas. Mas gesto de saber que a querida Comadre está aí, em Paris, que não sei de cidade e pessoa que melhor entre si combinem. Afeto.

Embaixador João Guimarães Rosa

Rio, 31 de dezembro de 1962

Compadre querido,

Chegaram as encomendas de Aracy — (ela estêve muito tempo em São Paulo, mas jura, de grato e alegre coração, que vai escrever, um dia destes, a May). Chegou a gravata borboleta, que eu já estreei uma porção de vezes, e, agora, abraçante, agradecidamente, escrevo a Você, a respeito de. Chegou sua carta (de 16.XI), ótima, inteligentíssima, compadriíssima, carta como-sempre. Agora, hoje, porém, ainda não a estou respondendo.

Porque tenho de escrever ligeiro, hoje, fim de anteçomêço, com pulada pressa, antes que se feche o ano. Porque já era para o ter feito antes do Natal — que vesp'rei e passei enviando a Vocês longos votos de alegrias, de alma e de coisas. E, neste momento, e logo mais, no revirar emendado da Noite, esses e mesmos votos, nossos, irão a Vocês ainda mais: por um 1963 Ano-Novo, Ano-Bom, rico e igual de tudo o que melhor, para May, Lea Maria, Lina Margarida, Lucia May, Antônio e Flavio! (Abraçemo-nos.)

Depois, então, tornarei a escrever a Você. Desde que voltei da Alemanha, não faço outra coisa a não ser escrever e responder cartas de editores e tradutores, perguntam tudo, conversam, e um não-parar, sorvedouro, dobadura, roda-viva, trem de mouro, tudo. Ainda mais, porque parte dessa correspondência eu caí na bobagem de aceitar fosse em inglês, imagine. (O "Grande Sertão: Veredas" está pingando para sair, em Nova York, bem christened de "THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS". E, hoje, já assinei, também com a Alfred A. Knopf, o contrato para o "Sagarana" em inglês.)

E, a respeito disso, mesmo, pediria que Você, com a possívelíssima urgência, telefonasse convocando ao M. J.J. Villard, e lhe entregasse em mãos o que vai aqui junto, elementos importantes para a tradução francesa que ele está fazendo, também do "Grande Sertão: Veredas". Obrigado, meu Compadre, muito. (Se Você gostar, converse com ele, o J.J. Villard, nas cartas, é homem muito interessante. O telefone dele é MAILLOT 11-29.

Sinto sempre falta de Você, de sua amizade (misteriosamente eterna) cósmica, de sua fortíssima-animadora presença, da incomparável lucidez. Você adivinha a gente, e quer bem a gente, assim mesmo!

Mas, hei de escrever.

Obrigado, por tudo, Antônio.

Sempre acho, também, mais e mais, que a minha Comadre é tão suave quanto admirável.

Estamos com Vocês.

Então, abraço, forte, com efeito, o

P.S. — Acho que Vocês deviam pensar a me chamarem só de João. ?-.

*seu
compadre
Guimarães*

Rosa, João Guimarães
Aguardar na cadeia com grêmio
da família

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

MEMORANDUM para o Sr. Chefe do Departamento de Administração.

Em 21 de agosto de 1963

PESSOAL

Compadre,

Às vezes, também, a gente tem sorte. O Serviço de Demarcação de Fronteiras. O Itamaraty. Corro a Você.

2. ANTONIO PEREIRA DE ALMEIDA é bom brasileiro, moço ainda (possivelmente 40 e poucos, como nós), miúdo, limpo, enxuto, inédito. Inteligente, polido, discreto, disciplinado perfeitamente sem arestas — a própria digna e oriental imagem da disciplina. Gostando de servir, não olhando para tempo. Não é uma rara avis? E útilmente competente. Tem curso de contador-arquivista-dactilógrafo. Bate à máquina, rápido e certo. (Não é ele quem está dactilografando isto aqui, mas, sim, eu, mesmo, com um dedo só.) Dotado de espírito de iniciativa. Vive todas as suas responsabilidades de acordo com o normativo de uma filosofia: positiva, autêntica. Continuo.

3. Pois esse ímpar elemento pertencia, até ao mês passado, às fileiras ativas militares, no posto de Primeiro-Sargento: 25 anos no Exército. Serviu, por exemplo, 4 anos e tanto, na Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional. Depois, em 1958, foi requisitado para servir na COMISSÃO BRASILEIRA DEMARCADORA DE LIMITES — Ia. Divisão, onde trabalhou até agora. Porque, agora, a 25 de julho, foi reformado, normalmente, no Exército, no posto de 1º Tenente.

4. Então, bem, a história foi que, justo para julho, quando a nossa querida e prestimosa Dona Albertina teve de entrar em férias — e nós não queríamos importunar Você com o pedido de alguém que a substituisse — lembramo-nos do Almeida. A C.B.D.L., sem egoísmo, no-lo cedeu. E a experiência foi ótima, graças a Deus.

5. Agora, porém, o Tenente Almeida, fôrro, sadio e capaz, vai voltar para casa — isto é, irá, facilmente, empregar sua atividade em qualquer ramo civil, em algum escritório, ganhando bom dinheiro que lhe arredonde o orçamento. Pode e merece.

6. Mas, se ele é assim, como não desejar conservá-lo

conosco ? Como não cumprir o dever de tentar captá-lo para este nosso Serviço de Demarcação de Fronteiras, tão sério e importante para o Brasil e no Itamaraty (V. o ³Brão do Rio-Branco), se bem que tão pouco considerado, tido quase como marginal e anódino ? É o que estou aqui fazendo. É o que Você, Compadre, poderá fazer.

7. • A idéia foi só minha, a inspiração, instantânea e espontânea. (Raras vezes tenho sido tão patriota e inteligente.) Assim foi que, primeiro, pedi ao Tenente Almeida continuasse "por enquanto" conosco, mesmo quando D. Albertina regressou. (Precisaremos sempre dela, é claro ; queremos é os dois !) Ele, simpaticamente, concordou. Está, por iniciativa própria, limpando e reorganizando o nosso velho arquivo. A seguir, teremos para ele outras e mais relevantes incumbências. Se Deus quiser.

8. Deus, entre nós, se chama o D.A. Com ele contamos ?

9. Por que, neste mundo do relativo e da necessidade, como conservá-lo sem lhe oferecer uma certa gratificação financeira — que não será escandalosa mas não pode ser mesquinha ?

10. Obrigado, Compadre. Nossas fronteiras, desguarnecidas, precisadas, te agradecem.

11. E, posso afirmar a Você : a sugestão é certa, justa, impessoal, viva, oportuna, simpática, ditada tão-somente pela dedicação à causa do Brasil e ao prestígio do Itamaraty, pelo nosso modesto espírito público, enfim. Obrigado.

Atenciosa e esperançosamente,

o compadre

Guimarães Rosa

REPRODUCIDO

Rio, 29 de julho de 1967.

Minha querida Comadre
e muito May,

Foi uma alegria, nada mais linda
podia ter havido que seu bilhetinho-talismanã,
corto e insperado como tudo o que é de
verdade, de graça; milagroso. Sabe que
fiquei, de repente, May, ainda mais perto,
mais perto, de Você. (É só que eu já
satava em dias com mais sandades à
toma — desde que o Alcides aqui entene
e Você foram o principal tema em conversa
muito afetuosa.) Agora, então, foi Você
mesma, vindo, me visitando, aparecendo, em
doçura, beleza, elegância e luminosidade —
tudo o que Você tem de fada e amiga.
Com o Antônio — e como Você dois se
memoram! — e com tantas lembranças,
de cartas até futuras. Hei de escrever,
mais, em momentos de sombra e solginho,
de jardim e de chuva. Hoje, graças a
Deus, posso trazer a Você, para suas
mãos de May, o novo Tutamãia (Teneaias
Estórias), ansioso de que logo o descrevam.

CQBY

Meu querido Compadre, Antônio,
Você podia imaginar como foi que fiquei
(→→→)

feliz, ao receber Vocês. Em pequenino papel,
foi uma daquelas de que se pode dizer: uma
carta nunca termina... É uma presença viva
e para mim coisa sempre urgente e necessária.
Você "completa" a gente, para o fundo e para
os lados — mas, principalmente, para ~~o~~
~~cima~~ cima. E, May, é a mais suave e
sincera abraçadora.

Crene, mesmo, Campacke, não deixe-o.
Veja o Tota m'ê ia — Tercerças Entórias, e
comente-o, também, como você fez, tão lindamente,
com o Corpo de Baile, mesma das mais poderosas
e lúcidas críticas que ele tem. (Querir saber,
por exemplo, quais os cantos de que Você gostou
mais, e ~~de~~ quais os de que gostou um pouco menos.
de May, a mesma coisa. Obrigado.)

May e Antônio,
queridos,

Sinto e vejo que Vocês estão na corrente
legítima, quente; certos e límpidos, luminosos os
"flúidos". Que bom! Eu envelheço, e sempre
querendo mais a Vocês — a vida é uma esdália.
Abraço por mim o Flávio, com todos os
lembranças. Beijo leve May, e as crianças,
minha.

Mary vem a Vocês, com carinho.

Tudo abraços, todo afeto,

o de Você

Cunha e May



MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Silveira

Guimarães
Rosa.

Compadre,

Sem fêr a nossa
grande modéstia, mas
também sem deixar
o milho cair fora
do côcho, quer Você
mandar entrar isto
em meus "respectivos"
(maço pessoal e
"armário") ?

Abrço, épico,

do

compadre.

12. III. 52

P.S. - Atenção !: são dois
farcóis.

Maio 1

1952



MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Compadre querido,
"pensador fisiológico"!

depois de ler
isto, prepare-se
para recapitular o
discutido e entrar
com matéria nova,
para longas eloquí-
brações.

Seu e súbito,
Compadre Velho

Chorão,



Ao Antonio,
Compadre consan-
guíneo, —

esta amena
e humana leitura,
pretexto para a
próxima conversa,
nossa, que já anda
grande na agenda
da saudade comum
e quotidiana.

(O assunto é
confy (confiden-
cial), claro.)

Atenciosamente

1.953.

João Guimarães Rosa ✓

Para o Compadre

ler, agir, pensar,
rematar.

E abençoar

o
Compadre - II

Ph

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Entre Horácio e Junceelino,
ou seja lá com quem fôr,
Compadue rege o destino:
e éle sempre o MAIOR.

A esta hora da noite,
a coisa se complica;
 Deus meu, será que hoje eu
f'anto?
E, fora casa, como vou?



MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Caro padre,

Como já sabemos, o amor é a realidade transcendental. Só por ele, atuando dele, somos. O problema é ceder a ele, e resistir ao mundo.

O mais difícil, mesmo, é suportar a Guerra,

com a Vida, pois, continuamos.

Seu

Em 17. VIII. 59



22/9/60
MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Sumiavães Rosa

Que data?

Aquela, a
bela?

A que
estará no "Almanaque?"
(Sigo, no "Anuário".)

A do A-N-I-V-E-R-SÁRIO?

Então, supresso,
de evogação preso,
que faço?

A BRAÇO!

(Como um novo lago:)

o melhor

o mais

Albrago.

Em data grandiosa
pave o
Mod. R. J. 8
A. Horn.

Deusa, João Guimarães...

Modelo R. J. 49-A

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Em 23. XII.

Compadre,

Não telefonei, ontem, porque
o fígado e dor-de-barriga me
deixaram incapaz de almoço. Tive pena.

Ajê, pensei em telefonar, para a
"carona" matinal; mas também perdi
a hora. Que chato! E, enquanto
tudo, cresce a saudade de longa
convalescença. Estas Festas fazem mais
confusão e barulho que ensejo.

O almoço é que é grande.

BOAS

Oct 2 / 1960

Guimarães
Pora

Urgentíssimo!!!

COMPADRE!

Estive aqui —
duas vezes.

Estou lá em cima.

Telefone-me,

ipso facto.

(Se Você não puder
ir lá, eu venho cá.)

Coragem e afeto.

Abraço. *Whom*

Emb. João Guimarães Rosa



MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Em 24. XI. 63

 Querido COMP.,

«Abre as torneiras de
teu coração e unge de
magnanimidade o teu
entendimento.»

(Profeta Brasília,
apócrifo.)

O "importante", agora, é
para Você completar o socorro
à nossa angústia itamaratiense-
patriótica, e estabelecermos,
urgente, o quantum mensal
a dar-se ao CONSULTOR
TÉCNICO do SDF.

Senar, tenho medo de
que o belo pássaro esvoace
e vá, ai-de-nós, para longe
do alçapão. O que seria,

(→→→)

principalmente, neste momento,
catastrófico.

Quanto podemos
atribuir-lhe? Qual
o máximo?

(C.R. \$ 80.000,00, a
meu prudente e avano
ver, seria o mínimo.)

O SALTO-DAS-7-QUEDAS, só
por si — ameaçador no
horizonte — fortemente
justifica isto.

NÃO É "GUARDA-CHUVA",
É PÁRA-RAIO.

Sens que te aconselhe;
e que te recompense ou
te esgane — conforme a
solução;

Atencão e afeto
do Compadre-II,

Havana, 21 de março de 1946.

Rosa velho,

Tua carta do dia 4, por tudo o que Você diz, deu-me um prazer especial. Como é agradável podermos sentir que os nossos "telepatogramas, astralogramas e outras mensagens subtis no gênero" deixam no chinelito qualquer poderosa "Western Union". Fica entendido. Irei escrevendo sempre e Você me mandará uma palavrinha, sempre que tiver um tempinho ou alguma notícia excepcional.

Já estou mergulhado em Kipling, nesse mundo maravilhoso de tipos e ambientes vivos, fortes e densamente humanos. Que técnica formidável, que domínio perfeito do que quer dizer e que capacidade descritiva. Tive a sorte de encontrar numa livraria daqui dez de seus volumes (We Willie Winkie, Soldiers Three, The Phantom Rickshaw, Plain tales from the hills, The story of the Gadsby, The Courting of Dinah Shado, In Black and White, Barrack ~~xxxx~~ Room Ballads, American Notes ~~xxx~~ e The Light that failed), de boa impressão inglesa, novos e por preço razoável. Infelizmente não se tratava, como pensei quando o homem da livraria me falou por telefone, de suas obras completas. Falta mesmo, como verifiquei depois, a maioria dos livros e contos indicados por Você. Enfim, é um começo. E já encomendei da mesma livraria os demais, isto é, "The Jungle Book", "The Second Jungle Book", "Just so stories for little children", "Many inventions", "Rewards and Fairies", "Action and Reaction" e "Kim". Tenho promessa de que tudo será feito para consegui-los e, se possível, da mesma coleção.

De qualquer modo, foi de festa o dia em que, sobraçando os meus dez volumes, entrei em ~~xxxx~~ casa. Cheirei e acariciei sua encadernação sóbria e modesta. Abri-os, um a um, e simpatizei, desde logo, com as letras, nem grandes, nem pequenas. Procurei, de saída, o "The Man who would be King". Encontrei-o entre os contos do "The Phantom Rickshaw". Notável, excelente. E devorei todos os outros contos, inclusive o primeiro, que dá nome ao tomo e que é a ~~xx~~ melhor história de terror que eu já li. Comecei, agora, a percorrer "We Willie Winkie", cujos dois primeiros contos são verdadeiras joias de delicadeza e compreensão psicológica.

Positivamente, meu velho, desejo ser capaz de escrever contos, algum dia. Assim que eles possam sair naturalmente, sem pressão, por necessidade, ainda que cuidados e polidos ... Mas serão contos. Aliás, futuramente, escreverei a Você com mais eficiência sobre Kipling. Ainda estou sob o choque da revelação. Formidável! Um artista que segura a sua batuta com firmeza atlética, ao mesmo tempo que é denso e extremamente ... agradável, como Você sabe ser nos seus contos.

Você tem toda a razão quando diz que a nossa amizade é grande ~~xxxxxx~~ demais para permitir omissões por parte de qualquer de nós dois. Sinto isto ~~xxx~~ plenamente. Sei que Você fará mais do que o possível. Aliás, devo contar-te uma coisa. Recebi, há 4 dias, uma carta de Dona Dinah, na qual ela me diz que o Dr. Aprígio dos Anjos, que, segundo me assegura, tem muito boas relações com o Embaixador João Neves, ao mesmo tempo que é um velho amigo da família (você tinha um carinho especial por ele), de ambas as famílias, ofereceu-se espontaneamente para interceder junto ao Ministro, para o que eu desejasse. Respondi-lhe ~~xxxxxxxxxx~~ pedindo que agradecesse muito ao Dr. Aprígio, a quem já tenho razões para ser grato e quero bem, e lhe dissesse, também, que aceitava, de todo o coração, o seu

● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

Vou ficar por aqui, hoje. Nossas recomendações afetuosas para Donax Aracy. Um abraço, grande e saudoso.

Havana, 17 de junho de 1946.

Rosanska querido,

Há varios dias estou para escrever-te. Mas a vida aqui, nesta última quinzena, não nos tem sido nada facil. Primeiro, Lésa Maria teve um abcesso na testa, que nos afligiu e nos preocupou. Depois, ~~exxi~~ caíram doentes as nossas duas empregadas. Ficamos sós, May e Zezeu procurando dar conta da casa e das meninas. Para aumentar a aflição, envenenei-me outra vez e mais seriamente.

Durante esse tempo, estive de conversa mental com Você. Tanta coisa queria te escrever. Não penses que te digo isto pelo grande bem que te quero, mas "Sagarana" é o melhor livro que já li. Tu sabes que, diante de "Sagarana", só tenho as ~~xxxxxxxixixix~~ credenciais de gostar da vida e gostar de Você. Teria, portanto, de falar com toda a sinceridade, como se falasse comigo mesmo. ~~xxxxxxxixixix~~ "Sagarana", que tenho ~~xx~~ percorrido, várias vezes, de diante para traz e de traz para diante, deu-me uma satisfação inteiriça, perfeita. É grande, Rosanska, é enorme. Logo nas primeiras linhas, a gente se sente contagiado por um sôpro de eternidade. É toda uma filosofia, toda uma atitude diante da vida. É muito, muito mais do que simplesmente um livro de contos.

Depois de ler os artigos que me têm vindo ~~xxi~~ daí - e, alguns, são bons e mesmo excelentes, como o do Alvaro Lins, que me pareceu o melhor - só sinto não ser um crítico de valor para poder escrever um grande estudo sôbre as nove parábolas de "Sagarana". Que bom seria ressaltar e interpretar ^{o alcance de} cada detalhe, a propriedade de cada expressão. "Sagarana" tem tudo e, principalmente, eternidade, autenticidade de fundo e forma. Cada idéia contém uma int~~er~~ção profunda, humana, grande. Cada palavra está no seu lugar e é a palavra precisa, engasgada com ~~xxxxxxxixixix~~ requintes de gosto. Os tipos são geniais e as comparações estupendas.

E, o que para mim é motivo de um prazer especial, "Sa-

EMBAIXADA DO BRASIL

garana" é ~~meu~~ teu, todo teu, nos menores detalhes. É Você desfolhado, desdobrado, em carne viva. É só teu. "Longe dos outros, deixado num extremo, no canto mais escuro e esquerdo do telheiro, Sete-de-Ouros estava. Só e sério. Sem diperdício, sem desnorteio, cumpridor de obrigação, aproveitava para encher, mais um trecho, a infinda língua da vida." "Nenhuma pressa, Aqui por ora, este poço d'ido, que ~~xxxxxx~~ barulha como um fogo, e faz medo, não é novo; tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: com os homens e os seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. É ir sem afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco fora de hora. Assim."

Genial, seu Rosanska. Que coisa tremenda. Me arrepio só de copiar. É toda uma mensagem.

É que humor tem "Sagarana". *Dramático, ao mesmo tempo.* Mas que nunca arreganha os dentes para ~~apito~~ o que quer que seja. Ao contrário, compreende, com ternura mesmo. Não dá regras, vai filtrando a vida e iluminando o caminho, que continua a ser de cada um.

É que poesia. Densa, lírica. Nem um pinga de emoção mórbida ou do gênero água com açúcar. Apenas emoção legítima, que chega sem alarde e cataliza tudo o que há de sentimental na gente.

Há uma particularidade importantíssima em "Sagarana". Nem uma só vez Você lança mão de uma frase simplesmente vulgar. No entanto, Você derrama, em cada página, com a prodigalidade de um mandarim, todos os segredos que dão encanto à sintaxe brasileira. Nem incorreções incessáveis, nem ditos brutais, sempre tão elementares. Essência só. O jeito, a originalidade, a intenção no modo de dizer. Ai está. O regionalismo de ~~xxxxxx~~ "Sagarana" é apenas uma contingência, nunca uma limitação ou, o que tem sido tão frequente entre nós, um caminho fácil e

EMBAIXADA DO BRASIL

descuidado. Na maioria dos casos, o escritor se coloca, diante da natureza, numa atitude de quem ~~descreve~~ descreve de fora, achatado, aterrado ou, então, com veleidades faunescas. Há, ainda, o tipo do que usa o homem para ^{virgem e de} ~~descrever~~ natureza. ~~Seja como for~~ Seja como for, existe sempre, palpável, visível, a contradição, o dualismo. ~~Seja como for~~ ~~Seja como for~~ "Sagarana", ao contrário, é um todo. Nela a natureza, como elemento os homens, os bichos, constitui um maravilhoso, luxuriante.

Não se pode gostar mais de um conto do que de outro. A princípio, logo depois de terminar o queridíssimo "Burrinho pedrês", gostei tanto que não pensei que pudesse gostar tão igualmente dos outros. Mas não. Vieram os outros e só não gostei mais porque não é possível. E quero te escrever sobre cada um, pois "Sagarana" é a minha bíblia, o meu programa. E há muita particularidade curiosa para conversar com Você: de como Você é, realmente, o "amigo da água", de como Você ~~demonstra~~ demonstra preferência pelos bois, ao invés de eleger o clássico e, de um certo modo, aborrecido ~~cavalo~~ cavalo, e porque.

Hoje é só ~~uma~~ uma ouvertura epistolar. O Souza, que havia saído com o Sousa Freitas, está chegando.

Um abraço grande, muito grande, grandíssimo
do teu

deixão já arrebada, em crendice. Fica só
com a pele seu ar de caixa de pó-de-
arroz que já acabou. A gente aperta
o bido e o ~~mais~~ ^{mais} ~~que faz~~ ^{que faz} e' dar uma
~~ele da~~ ~~e' so' uma~~ ^{perfumada} Guacinha de
resposta. Guacinha magrinha, desidrosá
e, Talvez, de óculos, para ficar mais à
feição do senhor do dia.

João Guimarães Rosa

COPIA.

Paris, 16 de novembro de 1962.

Meu querido Compadre,

Acho que desta vez V. foi um pouco implacável no seu absentismo. De fato, nem May nem eu poderíamos pensar que V. viesse até a Alemanha sem dar um pulo a Paris, para passar uns dias em nossa casa. Sua Comadre ficou bem decepcionada. Eu fiquei menos e por várias razões. A primeira delas, porque sei que V., se assim fez, foi apenas por uma questão de integridade. Integridade em relação a V. mesmo e aos seus sentimentos. O congresso de escritores, este, era importante, mas as possíveis ou cabíveis diversões de Paris não o poderiam ser, para quem, como V., tem consciência de que o tempo passa e de que é necessário viver cada minuto do que é importante, inclusive porque um novo momento não substitui outro que passou: e apenas mais um, igualmente importante. Não compensa o deficit sofrido e, ao contrário, pode até acentua-lo. Veja V. como são as coisas: queria, de início, queixar-me de sua não vinda a Paris e, agora, já estou exagerando na justificação do seu modo de ser. É porque, quando penso em relação a V., não posso desligar-me de um sentimento total de identidade. De qualquer modo, o que devo afirmar é que senti V. não ter passado por aqui. Minhas férias no Rio foram muito desgarradas e não pudemos conversar, como eu desejava. Aí é que vale a minha queixa. Talvez fosse importante conversarmos aqui, longe das coisas do Brasil. Neste desvio europeu, comporíamos atalhos e caminhos. Creio mesmo que o intermezzo do Rio possa ter sido um salutar retorno a zero. Tornou-nos mais próximos ainda.

Pelo Josué, mandei a V. a gravata borboleta que havia ficado aqui, por engano, e uma pequena encomenda da Aracy. Espero que tudo já tenha chegado às suas mãos. Achei curioso que fosse precisamente o Josué o portador do pequeno embrulho, e isso sem caso pensado. Ele esteve em casa almoçando e lá passou os olhos nos seus livros publicados pela "Seuil". V. e ele são os dois únicos brasileiros que estão presentes em todas as livrarias francesas, grandes e pequenas. É coisa que dá muito prazer ver como "Nuits du Sertão" figura em todas as vitrines. Achei muito boa a tradução do Villard.

./...

Carta de AAS

COPIA.

2.

Não tenho muito direito de lhe pedir isso, mas não deixe de escrever-me pela volta do correio. Sinto realmente muita falta do nosso convívio e acho que devemos retoma-lo de forma mais constante.

Com um abraço muito afetuoso do

Ass. A.F.Azeredo da Silveira

AFAS/bs.

Exmo. Sr.
Embaixador João Guimarães Rosa
Serviço de Fronteiras
ITAMARATY

COPIA.

João Guimarães Rosa
Paris, em 23 de abril de 1963.

Meu querido João,

Tinha que te escrever, há muito. Com tanta notícia que não houve jeito de encontrar tempo. Mas não quero atrasar recado que é importante. Trata-se de notícia publicada ontem no "The New York Times International Edition", sobre "The Devil to Pay in the Backlands". A notícia me pareceu importante e com destaque excepcional. Inclusive tem tua fotografia. Você fez "mouche", isto é, está tendo sucesso nos dois Continentes onde vale a pena que isso aconteça. E sem favor algum, sem nada de oficial ou oficioso. Estou muito contente e os teus dois livros da França têm sido meus presentes obrigatórios aos amigos daqui, com muito sucesso.

Conheci o Villard. Escrevo pouco mas cumprio obrigação. Gostei dele. Já que você não o conhece, vou dizer que é homem alto, forte, simpático, com um pouco de cara de alemão, embora se veja que é pessoa que não dá muita importância a essa coisa de nacionalidade. Conversamos muito. Conversamos, principalmente, você. Quero tê-lo em casa para falarmos mais. Deu-me a impressão de ser sociável.

Carta de AAS

COPIA.

Como você talvez já saiba, Lina, nossa segunda filha, está no Rio, em casa de Dr. Paranhos. Vai casar em Outubro, o que me dá uma certa sensação de velhice. Temos tido saudades, mas, em todo caso, ela está fazendo companhia ao teu afilhado, o Flávio, que está um homem. Peço a você que, tendo um tempo livre, telefone a ambos. Sei que gostarão. Lina, que é mulher, saberá falar com mais facilidade, mas Flávio terá também satisfação. May irá para o casamento em agosto e eu, um mês mais tarde, salvo imprevisto. E o imprevisto talvez aconteça, pois sou capaz de ir antes.

Gostei muito de sua carta. Especialmente do 5º parágrafo, no qual você se refere a nossa amizade misteriosamente eterna e cósmica. Também acho que é assim.

Nossas lembranças afetuosas para a Aracy e, para você, o abraço forte e amigo

do compadre

Ass.) A. F. Azeredo da Silveira

Embaixador João Guimarães Rosa
Secretaria de Estado
Palácio Itamaraty.

AFAS/bs.

João Guimarães Rosa

Genebra, 6 de dezembro de 1966

Meu ~~caro~~ Rosa, *querido campadee,*

Em primeiro lugar, quero agradecer-lhe por haver acolhido minha sugestão telegráfica de incluir, no Quadro de Acesso para o preenchimento das primeiras vagas da Reforma, os nomes do Braulino e do Souto-Maior, candidatos à promoção a Ministro de Segunda. Creio sinceramente que com essas duas promoções estaremos prestando excelente serviço ao Itamaraty.

Meu telegrama falava igualmente em outros colaboradores meus aqui, os quais desta vez não foram incluídos. Compreendo perfeitamente as limitações numéricas que determinaram a decisão da Comissão de Promoções, mas desejo renovar, com empenho, o pedido que fiz em relação ao Sergio de Queiroz Duarte.

Trata-se de um funcionário que já tem, ao longo de sua carreira, muitos serviços relevantes prestados ao Itamaraty, em diversos postos. Trabalhou comigo quando chefei a Divisão do Pessoal e posteriormente fêz parte de meu Gabinete, em minha primeira passagem pelo DA, cooperando na elaboração da Reforma de 1961. Da segunda vez em que chefei o DA, o Sergio colaborou em diversos assuntos de organização, cada vez que vi-

vinha ao Rio em férias e no período de trânsito para outro posto. Também chefiou os antigos SEPROs em Roma e Buenos Aires e foi Encarregado de Negócios em Quito. De todos os Chefes com quem trabalhou, mereceu sempre elogios, inclusive em comunicações ao Itamaraty.

No Quadro de Acesso recentemente organizado, foi incluído um colega seu de turma, de menos antiguidade. É verdade que o funcionário escolhido nessa ocasião foi o primeiro da turma, ao final do Rio-Branco; mas o Sergio teve também excelente classificação e foi o primeiro no vestibular para o Rio-Branco. As qualidades funcionais e pessoais do Sergio fizeram com que eu obtivesse do Ministro de Estado autorização para que ele viesse fazer parte da lotação da Delegação aqui, onde já participou dos trabalhos da Conferência do Desarmamento, do Subcomitê Jurídico do Espaço Cósmico, da Junta de Comércio e Desenvolvimento da UNCTAD, e das reuniões do CIME. Com a extinção do Serviço de Imigração, foi a ele que confiei aqui todo o serviço relacionado com o assunto. Além disso, é ele o assessor do Braulino nos assuntos relativos ao GATT.

Por todos esses motivos, e por saber que em outros postos onde serviu desempenhou-se sempre com igual dedicação, lealdade e consciência profissional é que renovo agora a solicitação de que o Sergio seja incluído no novo Quadro de Acesso de Segundo a Primeiro Secretário, que será organizado em bre

breve para vigorar em 1967.

Peço a você que apoie essa sugestão, que seria por mim defendida perante a Comissão, se ainda fizesse eu parte dela.

Calinhoso abraço,
do campadre
Antonio

Não sei se D. não está me escrevendo de papárito. Despeito tudo isso, mas sinto a falta de nossas conversas. Estou certo de que D. vai se bater pelo Sérgio.



